

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Carolina Hessel Silveira

**LITERATURA SURDA:
análise da circulação de piadas clássicas em
Línguas de Sinais**

Porto Alegre

2015

Carolina Hessel Silveira

**LITERATURA SURDA:
análise da circulação de piadas clássicas em
Línguas de Sinais**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp

Linha de pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Porto Alegre

2015

Carolina Hessel Silveira

LITERATURA SURDA:
análise da circulação de piadas clássicas em
Línguas de Sinais

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em 11 de agosto de 2015.

Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp – Orientadora

Profa. Dra. Adriana da Silva Thoma

Profa. Dra. Karin Lilian Strobel

Profa. Dra. Rachel Sutton-Spence

AGRADECIMENTOS

Meu precioso filhão Dionísio sinalizando: MAMÃE TRABALHA.

Minha mãe, como eterna papa-léguas sem Taz atrás, cheia de livros acadêmicos... corrigindo, revisando, ideias...

Orientadora Lodenir Karnopp, mãos de tesoura, digitando, teclando, costurando, cortes, recortes, colagem, apagar, durante minutos e horas no tempo de calor, frio, sol, chuva, sem neve, sem furacão...

Surdos brasileiros e estrangeiros, apresentando suas fortunas – piadas sinalizadas registradas nos vídeos, Youtube, DVDs... Suas fortunas no fundo da caixa: PIADAS CLÁSSICAS - me provocando risadas para aliviar a tensão durante a tese.

Colegas acadêmicos e amigos, durante aulas, desde 2011 a 2015, pelos comentários, sugestões, indicações, risadas, comidinhas. Em especial, Janete Müller, pelas ideias, revisões e sugestões.

Colegas, funcionários e chefia do Departamento dos Estudos Especializados (DEE) da Faculdade de Educação da UFRGS, pelo afastamento para realização da tese.

Funcionários e coordenação do Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS, pelas ajudas sempre que precisei.

Meus irmãos Heitor e Mônica, empresários das vozes, telefonemas, soluções de tecnologia, ideias, edição do DVD etc...

Pai, saudades!

Teseu, obrigado por me acompanhar nesta relação, durante quatro anos e meio...

RESUMO

A tese focaliza a temática do humor surdo, considerado como um componente da cultura surda. Busca seu aporte teórico nos Estudos Culturais e nos Estudos Surdos, além dos estudos sobre o humor. Sua questão central é: quais representações de surdos e características da cultura surda estão presentes em piadas que circulam nas comunidades surdas? Seus objetivos são analisar um conjunto de piadas consideradas clássicas pela comunidade surda, contrastando suas diferentes versões e identificando aspectos de humor preferentemente explorados. Principais critérios para escolha das piadas foram: ter personagens surdos e/ou temas da cultura surda; ter versão preferencialmente em Libras; apresentar mais de uma versão (de 4 a 6); ter tradição na comunidade surda. Foram analisadas 14 piadas, num total de 78 versões, com predominância de versões em vídeo, da internet ou de DVDs, mas também retiradas de material bibliográfico. A análise foi inspirada em pesquisadores da cultura surda (Strobel, 2009), do humor (Propp, 1992, Possenti, 1998; Bergson 1980), de representação (Hall, 1997), de identidade (Silva, 2000) e, especificamente, do humor surdo (Rutherford, 1983); Holcomb (1994); Renard & Lapalu (1997); Morgado (2011); Sutton-Spence & Napoli (2012). A análise qualitativa mostrou que a maioria das piadas apresenta temáticas relacionadas ao problema de comunicação, em situações em que o ouvinte não sabe Língua de Sinais. Neste caso, o humor atua no sentido de inverter os discursos correntes, em que os surdos são representados como tendo “dificuldade de comunicação”. Tais piadas integram a categoria “Rir dos outros”, em que a fonte do riso são as diferenças entre as experiências surdas e as experiências ouvintes. Nas primeiras, avulta o uso de línguas de sinais e a experiência visual, e o barulho não incomoda. Por outro lado, as piadas apresentam ouvintes atrapalhados com o uso da língua de sinais e/ou incomodados com o barulho. Rir dos ouvintes, dentro do chamado “riso de zombaria”, é frequente nas piadas. Elas manifestam também a importância da visibilidade, da experiência visual, com destaque para as vantagens de ser surdo, isto é, para o ganho surdo, que às vezes decorre de atitudes benevolentes de ouvintes, que são caridosos e não cobram dos surdos, ou do fato de que personagens surdos não são perturbados por barulhos e gritos. Outro grupo de piadas envolve o riso sobre coisas do próprio grupo, enquadradas na categoria “rir de nós mesmos”, abrangendo aquelas que apontam situações vantajosas ou situações que envolvem a urgência dos ouvintes em se livrarem da convivência com surdos. Também se enquadram nesta categoria piadas que exploram, de forma cômica, possíveis acidentes que uma comunicação com as mãos pode trazer, em função do espaço necessário para a realização dos sinais. As análises possibilitam concluir que as piadas surdas, algumas com décadas de tradição, além de provocarem riso, favorecem o sentimento de pertencimento a um grupo. Elas constituem parte da agenda de luta da comunidade surda, proporcionando alegria de viver e o fortalecimento do grupo e exercendo uma pedagogia cultural nesta comunidade, pedagogia relacionada à forma/necessidade/vontade de pertencimento ao grupo.

Palavras-chave: Literatura Surda. Humor. Língua de Sinais. Língua Brasileira de Sinais. Surdo.

ABSTRACT

The thesis focuses on the theme of deaf humor, considered as a component of the deaf culture. It is theoretically supported by the Cultural Studies and Deaf Studies, in addition to studies on mood. Its central question is: which deaf representation and which characteristics of deaf culture are present on the jokes that go around on deaf communities? Its targets are to analyze a set of jokes considered classic by the deaf community, contrasting its different versions and identifying aspects of humor apparently explored. The main criteria to choose the jokes were: to have deaf characters and/or themes from deaf culture; to have preferably the version in LIBRAS; to present more than one version (from 4 to 6); to have tradition in the deaf community. There have been analyzed 14 jokes, in a total of 78 versions, predominantly video version, from the internet or from DVDs, but also some taken from bibliographical material. The analysis has been inspired in researches of deaf community (Strobel, 2009), from humor (Propp, 1992, Possenti, 1998; Bergson, 1980), from representation (Hall, 1997), from identity (Silva, 200) and, specifically, from deaf humor (Rutherford, 1983); Holcomb (1994); Renard & Lapalu (1997); Morgado (2011); Sutton-Spence & Napoli (2012). The qualitative analysis has brought up that the majority of the jokes present related themes to communication problems, in situations where the listener does not know Sign Language. In this case, humor acts in the sense of inverting the current speeches, where the deaf are represented as having "difficulties in communications". Such jokes are part of a category called "Laugh at other" where the source of laugh are the differences between deaf and listener experiences. In the first ones, it looms the use of sign language and visual experience, and the noise does not bother. In the other hand, the jokes present listeners disturbed by the use of sign language and/or bothered with noise. Laughing at the listeners, in the so called "mocking laughter" is frequent in the jokes. They also show the importance of visibility, from the visual experience, pointing the advantages of being deaf, or better, to the deaf gain, which sometimes comes from benevolent attitudes from listeners, who are charitable and do not charge from the deaf, or due to the fact that the deaf characters are not disturbed by noises and yells. Other set of jokes involves laughing at things common in the group, put on the category "laughing at ourselves", ranging those that pointed to advantageous situations or situations that involve listeners urgency in getting rid of living along with the deaf. Also, it falls into this category jokes that explore, in a comical way, possible accidents that a communication with hands can bring, depending on the space needed to carry out the signals. The analyzes enable us to conclude that deaf jokes, some with decades of tradition, besides provoking laughter, may favor the feeling of belonging to a group. They are part of the deaf community struggle agenda, providing joy of living and strengthening the group and exerting a cultural pedagogy in this community, pedagogy related to the way / need / desire of belonging to the group.

Keywords: Deaf Literature. Humor. Sign Language. Brazilian Sign Language. Deaf.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O sinal de George Veditz – obra da surda estadunidense Nancy Rourke	16
Figura 2 – Tirinha da Mafalda.....	38
Figura 3 – Cenas de piadas na ASL, de 1913.....	43
Figura 4 – Exemplo de uma história ABC	47
Figura 5 – 2º Exemplo de uma história ABC	47
Figura 6 – Mãos na moto/bicicleta em diferentes versões da piada “Motoqueiro”.....	55
Figura 7 – Cena “Orelhas do cavalo mexendo”	57
Figura 8 - Capa do livro infantil <i>História da Árvore</i> , no Kit LIBRAS é Legal	66
Figura 9 – Cenas da piada australiana e da piada brasileira	72
Figura 10 – Cenas da propaganda que referem à piada Lua de Mel.	76
Figura 11 – Cenas do barulho para acordar os vizinhos	81
Figura 12 – Le Profiteur.....	82
Figura 13 - Cena - policial alertando que tem de ir devagar.....	83
Figura 14 - Caderno didático de LIBRAS na UFSM	90
Figura 15 – <i>Recherche Femme Sourde</i>	91
Figura 16 – King Koko.....	92
Figura 17 – Deaf King Kong	92
Figura 18 – Sinal CASAR.....	93
Figura 19 – Grito do King Kong batendo peito.	99
Figura 20 – Versão da piada Leão surdo	101
Figura 21 – Leão Surdo por Patrícia Luiza Rezende.....	102

Figura 22 – Menina violinista com cabelo voando na propaganda xampu	102
Figura 23 – Cena de violino, canto ou outros instrumentos	107
Figura 24 – Cenas do sinal de touro e do toureiro.	114
Figura 25 – Piada pássaro e <i>wi-fi</i>	117
Figura 26 – Cena pessoa telefonando	121
Figura 27 – Cena pessoa usa espingarda.....	126
Figura 28 – <i>Un Coup Bas</i>	128
Figura 29 – Número cinco	132
Figura 30 – Contando número cinco	133
Figura 31 – Comunicação escrita.....	137
Figura 32 – O Pára-quadras.....	139
Figura 33 – Cubano fumando charuto.....	143
Figura 34 – Cenas da fila de surdos no barbeiro.....	147
Figura 35 – <i>Print</i> da tela de celular com diálogo entre surdos.	149
Figura 36 – Grito	154
Figura 37 – Reportagem “Os filhos do silêncio”	156
Figura 38 – Logomarca Fiorella.....	158
Figura 39 – Cena da piada do “Cocô surdo”.	163
Figura 40 - Atores de piadas mais frequentes na internet (You Tube)	170
Figura 41 – Piadas adaptadas para anúncios publicitários audiovisuais.....	172
Figura 42 - Our Deaf World	175
Figura 43 – Conversando, quando abre braços, empurrou a pessoa ao cair para trilhas do metrô.....	183

Figura 44 – Aplausos, levantar os braços perto do ventilador que cortou as mãos.183

Gráfico 1 – Anos dos vídeos	58
Gráfico 2 – Anos das publicações impressas.....	59
Gráfico 3 – Percentual por tipo de material coletado.....	167
Gráfico 4 – Percentual de países produtores das piadas.....	169
Quadro 1 – Versões da piada “Motoqueiro”	53
Quadro 2 – Versões da piada “Caçadores”	55
Quadro 3 - Elementos de versões da piada “Árvore surda”	67
Quadro 4 – Versões da piada “Lua de mel”	76
Quadro 5 – Versões de “Policia Sinalizador”	83
Quadro 6 – Versões da piada King Kong	93
Quadro 7 – Versões da piada “O Leão surdo”	103
Quadro 8 – Versões da piada “O Touro surdo”	110
Quadro 9 – Versões da piada “Pássaro na linha de telefone”	117
Quadro 10 - Versões da piada “Pássaro Surdo”	123
Quadro 11 – Versões da piada “Granada”	128
Quadro 12 – Versões da piada “Comunicação escrita”	134
Quadro 13 – Versões da piada “O trem”	140
Quadro 14 – Versões da piada “Cabeleireiro”	145
Quadro 15 – Versões da piada “Espermatozoide surdo”	151
Quadro 16 – Versões da piada de “Cocô”	159

Quadro 17 – Número de versões de piadas analisadas conforme suas fontes	166
Quadro 18 – Número de versões por piada	168
Quadro 19– Número de piadas por país	169
Quadro 20 – Número de materiais impressos utilizados conforme obras consultadas	171
Quadro 21 – Número de piadas analisadas conforme fontes em DVD	171
Tabela 1 – Distribuição de piadas conforme o número de versões analisadas.....	51
Tabela 2 - Quantidade de materiais analisados	52

Sumário

INTRODUÇÃO: ESPIADA NO OLHO MÁGICO DO TESEU	13
1. ERA UMA VEZ UM LABIRINTO.....	15
1.1 Alguns escavadores e pesquisas no fundo da caixa do Cômico....	21
1.2 Lupa na Literatura Surda no Brasil	27
1.2.1 Por que piadas “clássicas”?.....	30
2. O HUMOR NA LITERATURA SURDA: O CASO DAS PIADAS	32
2.1 Tipos de humor que podem aparecer nas piadas	38
2.2 Piadas em Língua de sinais	40
2.3 Representação no Teseu	44
2.4 Histórias ABC e Números.....	45
3. A CAMINHADA DO TESEU: APRESENTANDO A METODOLOGIA.....	49
3.1 Material empírico: as surpresas dentro da caixa	51
4. ENFIM AS PIADAS: APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO MATERIAL	63
4.1 ÁRVORE SURDA.....	64
4.2 LUA DE MEL.....	74
4.3 POLICIAL SINALIZADOR.....	82
4.4 KING KONG.....	89
4.5 LEÃO SURDO	100
4.6 TOURO SURDO.....	109
4.7 PÁSSARO NA LINHA DE TELEFONE	116

	12
4.8 PÁSSARO SURDO	122
4.9 GRANADA	127
4.10 COMUNICAÇÃO ESCRITA	134
4.11 TREM	138
4.12. CABELEIREIRO	145
4.13 ESPERMATOZOIDE SURDO.....	150
4.14 COCÔ.....	158
5. SURPRESAS NA CAIXA: POSSIBILIDADES ANALÍTICAS E RESULTADOS	165
5.1 DADOS: primeiras surpresas.....	166
5.2. CATEGORIAS DE ANÁLISE: mais surpresas	176
(A) RIR DOS OUTROS	176
(B) RIR DE NÓS MESMOS	181
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS PIADAS CIRCULAM LIVREMENTE...	185
REFERÊNCIAS.....	189
SITES CONSULTADOS:	193

INTRODUÇÃO: ESPIADA NO OLHO MÁGICO DO TESEU

Leitores, foi bom espiar? Podem se sentar em um gostoso sofá ou poltrona para leitura do Teseu. Tomem bom café ou chá, pois esta tese tem aproximadamente 200 páginas... A tese tem o nome Teseu, com personagens, atores, animais, pessoas, até objetos (depende das pessoas, que decidem), sendo todos nomeados. Por isso eu a chamo de Teseu, pois este nome me lembra o personagem da mitologia grega Teseu, que precisou enfrentar o Minotauro, que parece o Touro Surdo (personagem de uma das piadas aqui analisadas). Durante quatro anos e meio (Bodas de Namoro: Quartzazul), construí o Teseu, relacionando sinais, leituras e escrita, análises, risadas e conversas.

Agora Teseu apresenta a principal questão de pesquisa: quais representações de surdos e características da cultura surda estão presentes em piadas que circulam nas comunidades surdas? Para isso, proponho os seguintes objetivos: (a) mapear o humor/as piadas em sinais, presentes em comunidades surdas; (b) identificar quais piadas são mais conhecidas, ou seja, quais são as piadas clássicas que circulam em comunidades surdas, e (c) verificar permanências e diferenças entre diferentes versões de piadas e anedotas. Utilizo o conceito de representação, que é um dos principais conceitos dos Estudos Culturais, para fazer as análises.

Teseu apresentou as duas belas fontes de água, fazendo jorrar as letras, palavras e frases, que se transformaram em um parágrafo: assim, o material com o qual trabalho na tese vem de duas fontes. Uma fonte é a coleta de dados já registrados **em vídeo**, e a outra fonte de dados também vem de **material bibliográfico** variado. Em relação à organização dos materiais empíricos, devo considerar as temáticas relacionadas à cultura surda e a frequência com que aparecem.

A quantidade de materiais analisados foi de 14 piadas, totalizando 78 versões diferentes dessas piadas. Foram utilizados principalmente registros disponibilizados em vídeos.

Teseu apresentou várias tatuagens escritas; apresento uma tatuagem na testa, escrita “Era uma vez um labirinto”, que explica sobre a minha trajetória na Literatura Surda, escola de surdos, associações de surdos e outros. Também mostra “Alguns escavadores e pesquisas anteriores no fundo da Caixa do Cômico”, que apresenta o conceito da Literatura e pesquisas sobre Literatura Surda. Outra tatuagem na volta da boca diz: “O humor na Literatura Surda: o caso das piadas”, e explica sobre os tipos de humor nas piadas; também tem a tatuagem Piadas em Língua de Sinais, em que mostro como é humor em Língua de Sinais; Representação, em que apresento o conceito de representação nos Estudos Culturais em Educação e nos Estudos Surdos; por último, há “Histórias ABC e Números”, em que mostro exemplos de piadas que usam ABC ou números.

Outra tatuagem está no tórax, “A caminhada do Teseu: apresentando a metodologia”, em que mostro como busquei o material, como organizei e quais foram os procedimentos de análise desses materiais. Outra tatuagem está nas mãos: “Enfim as piadas: apresentação e descrição do material”, em que analiso 14 piadas identificando fontes, material, personagens e desfecho.

Depois apresento a tatuagem das costas: “Surpresas na caixa: possibilidades analíticas e resultados”, em que mostro o resultado de todas as análises em conjunto. Organizo a análise das piadas individuais em duas categorias de análise: rir dos outros & rir de nós mesmos.

Agora, é só virar a página e ver o labirinto do Teseu.

1. ERA UMA VEZ UM LABIRINTO...

Já entraram no labirinto do Teseu? Vamos andando no labirinto, cheio de curiosidades, medo, imaginação... para descobrir como conheci a Literatura Surda. Foi há aproximadamente vinte e cinco anos, quando estudei em uma escola de surdos. Lá, alguns surdos sempre contavam piadas e histórias. As narrativas, as piadas eram destaque e reuniam um grande número de colegas, que as contavam, durante o intervalo ou mesmo durante as aulas. Algumas piadas eram repetidas, às vezes modificavam algum detalhe de uma piada que já era conhecida.

Depois da escola, quando me formei, continuei encontrando os amigos na Associação de Surdos, em festas, eventos...Verifiquei que os surdos continuavam contando as piadas, algumas que já eram conhecidas daquele tempo de escola. Isso tudo ocorreu na década de 90. As piadas traziam representações da cultura surda, algumas piadas ironizavam os ouvintes, outras mostravam como os surdos sofriam e ainda outras apresentavam histórias de cura da surdez, casamento entre surdos, experiências religiosas etc. Strobel (2009, p. 64) nos explica sobre as histórias que passam pelas gerações:

Por muitas gerações os povos surdos transmitem muitas histórias através de língua de sinais; a maioria delas parte de experiências das comunidades surdas que transmitem seus valores e orgulhos da cultura surda que reforça os vínculos que os unem com as gerações surdas mais jovens.

O avanço tecnológico nos últimos anos, tais como os sites da internet, o YouTube, aparelhos de DVD facilitaram o uso de equipamentos portáteis (tipo máquina digital ou filmadora ou celular), facilitando a divulgação de sites que apresentam alguns vídeos em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), bem como favorecendo e agilizando o registro das piadas, poesias, anedotas etc sobre/de/para surdos. Karnopp (2011, p. 156) explica que conquistas da comunidade surda possibilitaram o avanço da produção literária, por exemplo a circulação de piadas em LIBRAS,

Nas últimas décadas, no Brasil, ocorreram importantes conquistas das comunidades surdas, em diferentes espaços, especialmente, o reconhecimento da cultura surda e a oficialização da Língua Brasileira de

Sinais (LIBRAS). Além disso, investigações nas áreas da educação e da linguística apontaram a importância da língua de sinais na educação do surdo. Tais fatos tornaram fecundas as reflexões sobre a língua na educação de surdos e revelaram também trajetórias de lutas, diferentes concepções sobre surdo, língua de sinais, ensino, cultura e fazer pedagógico.

Veditz, ex-presidente da *National Association of the Deaf* (NAD), nos Estados Unidos, era defensor das línguas de sinais e da ASL e inglês em escolas de surdos. Afirmava que "Os surdos são ... primeiro, último, e todo o tempo o povo do olho." (BAUMAN, 2006). Neste sentido, pode-se perceber, já em 1913, no começo do século XX, o uso de registros visuais, como as fotos e filmagens, que funcionavam como importante patrimônio histórico-cultural das comunidades surdas. Tais registros visuais são, até os dias de hoje, a forma de preferência de registro das histórias que são contadas em línguas de sinais, evidência que se encontra também no trabalho de coleta de dados realizado nesta tese.

Conforme Wilcox (2005, p. 28)

Em um discurso emocionante, gravado em um filme mudo de 1913, George W. Veditz, presidente da Associação Nacional de Surdos, fez um apelo emocionado para todas as pessoas Surdas para que cuidem e preservem suas amadas línguas sinalizadas como o "presente mais nobre que Deus ofereceu aos surdos".

Figura 1 - O sinal de George Veditz – obra da surda estadunidense Nancy Rourke



Fonte: <http://www.cadeaf.org/wp-content/uploads/2014/01/Veditz-Expo-Logo.jpg>

Experiências na educação de surdos têm destacado o uso de registros visuais, especialmente de filmadoras, para processos de leitura e escrita das línguas de sinais. Neste sentido, podemos citar o exemplo de escolas bilíngues uruguaias, conforme descreve Peluso (2011) sobre o trabalho com videofilmagens em Língua de Sinais Uruguiaia nas escolas bilíngues. Diz o autor (pp. 03-04):

El trabajo con videograbaciones parte de la hipótesis de que, al no existir un sistema de escritura para la LSU, los videos que registran textos em LSU pueden funcionar como um sistema alternativo de escritura, dado que los objetivan, los difieren del momento de enunciación y los hacen permanentes. En la escuela se trabajo com el texto registrado fundamentalmente a través de las XO (pequeñas computadoras que tienen todos los escolares uruguayos). En un principio los niños registraron textos em LSU y se hizo comprensión lectora de los mismos. (p.3)

[...] Sin embargo, este trabajo permitiría, por um lado, internalizar las habilidades y los procesos necesarios para maximizar la utilización de dicha técnica y para expandir las estructuras de la lengua necesarias para consolidar una textualidad em LSU semejante a la escrita. Por otro lado, al constituirse en una instancia intermedia entre la oralidad y la escritura, estimularía en los estudiantes la internalización de formas y funciones propias de la escritura (p.4).

O uso de filmagens tem sido a forma de registro preferencial e, atualmente, um dos locais mais utilizados para fazer circular as produções em línguas de sinais é o YouTube. Pinheiro (2011, p. 34), em investigações sobre o consumo da cultura e a análise de produções surdas no YouTube, explica a importância do registro das produções dos surdos no YouTube:

Os vídeos produzidos por surdos e postos em circulação no espaço virtual do YouTube que deixam inferir uma resistência política educacional permitem um deslocamento de sentidos, em uma movimentação interpretativa sobre as representações. A mídia é, então, o espaço de relações de poder que faz funcionar outras e novas representações culturais sobre os sujeitos surdos. A relação entre os mediadores surdos e o uso da mídia como ferramenta para fazer circular, produzir e consumir sua cultura pode ser articulada.

Na presente pesquisa, prevaleceu o uso de vídeos, mas foram coletados 78 materiais, em vídeo, impresso e em desenhos. Desse total, os vídeos disponíveis no YouTube, em site e DVD, totalizaram 61 vídeos em línguas de sinais. Observem como o número de vídeos está maior do que os outros materiais coletados (textos e desenhos). Na verdade existem mais vídeos disponíveis, só que precisava de autorização para seu uso em pesquisa, pois não eram materiais públicos, por exemplo, vídeos produzidos em concursos, em eventos ou em aulas de

LIBRAS/Língua de Sinais. Tais autorizações não foram possíveis e utilizei somente os materiais editoriais ou divulgados gratuitamente na internet e disponíveis para o público: 14 piadas, total de 78 versões coletadas; os vídeos, no total de 61. Mesmo 102 anos após Veditz (1913) falar sobre isto, ainda se diz que é importante registrar Língua de Sinais pelo vídeo.

Entretanto, O Folclore já era produzida antes mesmo do registro em vídeo, considerando que antes desse registro sempre ocorriam encontros de surdos nas associações, eventos etc. em que eles contavam as histórias e anedotas. Além disso, a questão das formas de registro das histórias é um aspecto importante a considerar para a análise da Literatura Surda, porque é diferente do caso da literatura escrita de ouvintes. Wilcox (2005, p. 96) ilustra particularidades sobre esse assunto e afirma que:

[...] a maioria das línguas no mundo não são escritas. Isso certamente não significa que nessas línguas não exista trabalho literário. Muitos dos “clássicos” da literatura – a Bíblia, os dramas gregos – originalmente não eram escritos. Embora a ASL seja ainda uma língua não escrita, ela possui uma longa e rica história de literatura popular. Grande parte dessa literatura tem sido gravada em filme ou fitas de vídeo.

Karnopp (2010, p. 161) relata, por outro lado, as dificuldades no registro da Literatura Surda, considerando as línguas e as culturas envolvidas nos processos de registro e tradução:

[...] pesquisas que objetivam registrar, escrever, filmar e divulgar a produção literária de surdos encontram, em geral, os seguintes dilemas: as dificuldades da tradução da experiência visual ou, talvez, o desconhecimento da língua de sinais e das situações cotidianas dos narradores, do significado de suas lutas, de sua língua, dos costumes e das situações bilíngues. É possível, no entanto, encontrar formas de registrar as histórias que traduzam a modalidade visual que os surdos utilizam para narrar suas histórias de vida, piadas, mitos, lendas..., sem perder o movimento que as mãos produzem, as expressões corporais e faciais que vão construindo e desvendando o enredo, as personagens, o cenário.

Podemos entender as diferenças entre as histórias que são contadas em escolas, em associações de surdos, no encontro de surdos-ouvintes, no encontro entre surdos-surdos. As histórias são diferentes, considerando o público-alvo, quem as conta, o local onde são contadas, o tempo em que são contadas, os objetivos das histórias, bem como do autor.

Sobre as formas de apresentação e registro da Literatura Surda, passo a apresentar alguns exemplos, nos próximos parágrafos. Um grupo de teatro apresentou a peça “O Xale Dourado”, no aniversário de 25 anos da Escola Especial Concórdia 1º e 2º Graus CEDA¹, sob direção de Sérgio Lulkin², em Porto Alegre-RS, no mês de setembro de 1991. Eram alunos “concordianos” apresentando a história, usando a Comunicação Total³; sendo que durante alguns momentos da peça, os alunos usavam LIBRAS. O cenário era com os personagens usando roupas de “pescador”; poucos móveis como caixas de madeiras, e uso de iluminação.

Outro exemplo foi a apresentação de piadas na festa de aniversário dos 37 anos da SSRS (Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul), no ano de 1999, que ocorreu ao mesmo tempo do grande evento “V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para surdos”. Os surdos apresentaram cinco piadas em LIBRAS.

Lembro que, há 20 anos atrás, na década de 1990, portanto, na Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS), sempre havia apresentação de teatro ou piadas, inventados por surdos, e havia poucos ouvintes que participavam. Na escola de surdos, geralmente ocorria o oposto da SSRS: sempre apresentavam teatro, mas organizado por ouvintes. Havia exceções, quando os próprios surdos organizavam o teatro na escola (lembro-me de uma comemoração no dia dos professores em que os alunos apresentaram os professores com apresentação de suas performances em sala de aula); nessas situações, geralmente os alunos apresentavam piadas.

Naquela época, os professores utilizavam as apresentações teatrais para ligar e exemplificar o ensino dos conteúdos escolares, principalmente nas disciplinas de literatura, história, teatro. Além disso, o teatro era muito utilizado em apresentações nas datas comemorativas do calendário escolar: dia das mães, dia dos pais,

¹ Atual “Colégio ULBRA Especial Concórdia”.

² Professor ouvinte de teatro que trabalhou na Escola Especial Concórdia; é ator de teatro e atuou em alguns filmes brasileiros. Atualmente é professor de Teatro na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³Conforme Ramos e Goldfeld (1992, p.72), “Roy Holcomb, professor surdo e supervisor de uma escola para crianças surdas entre três e doze anos de idade, adotou o “Total Approach” para todos os estudantes da instituição rebatizando-o de ‘Total Communication’ (Comunicação Total)”. Isto é: os professores oralizam e sinalizam simultaneamente, de acordo com a filosofia surgida na década de 60 nos EUA. Isto quer dizer Português Sinalizado.

aniversário da escola, Revolução Farroupilha etc. Muitas destas produções eram humorísticas.

Sobre a Literatura Surda e o tipo de história que os surdos selecionam para contar, Lane (1992, p. 30) explica:

A literatura da cultura americana dos surdos narrada em ASL, consiste na sua própria história ao longo dos tempos, em histórias, contos de fadas, lendas, fábulas, romances, poesia, peças de teatro, anedotas, alcunhas, jogos de mímica e muito mais. Visto que a literatura da comunidade americana dos surdos menciona as várias experiências dos surdos, muito do seu interesse, directa ou indirectamente, os ouvintes oprimem os surdos.

O termo “Literatura Surda”, há algumas décadas, era desconhecido no Brasil. Quando eu estudava no Ensino Médio (década de 1990), tinha a disciplina de literatura brasileira em uma escola de surdos; eu gostava muito das aulas, mas ninguém (professora ou colegas) comentava ou explicava sobre a Literatura Surda. Apesar de estudar em uma escola de surdos, na década de 90, o currículo não contemplava o estudo de LIBRAS, nem a língua, nem a literatura dessa língua. Isso era generalizado. Comecei a conhecer a expressão e os significados de Literatura Surda na Feira do Livro em 2001⁴, quando houve espaço em uma área destinada aos surdos para a contação de histórias em LIBRAS. Neste período, os surdos apresentaram histórias em LIBRAS e fiquei admirada!

Depois, no ano de 2002, Lodenir Karnopp e Fabiano Souto Rosa me convidaram para fazer o livro *Cinderela Surda*, na Universidade Luterana do Brasil, como parte de um projeto de pesquisa sobre Literatura Surda. Fui conhecendo melhor a área e desenvolvi mais conhecimento sobre a temática; até hoje, gosto muito da Literatura Surda. Sempre me interessei em ver as apresentações de narrativas, piadas, poesias, lendas etc. ou assistir tais apresentações de surdos disponibilizadas em materiais, como em DVDs.

⁴ Dia 29 de outubro de 2001, aconteceu programação na 47^o Feira do Livro, *Hora do Conto – Histórias para Surdos, por Surdos*, com Lodenir Karnopp, Carlos Alberto Goés e Fabiano Souto Rosa no Café Pasárgada. (Informação retirada do Guia da 47^o Feira do Livro em Porto Alegre – RS). Em 2002, houve programação na 48^o Feira do Livro de Porto Alegre, com o aumento de programas. Cito dois: *A Hora do Conto – contação de estórias para crianças surdas* e *a Palestra: Alternativas de contação de estórias para crianças surdas, debate sobre o livro infantil: Cinderela Surda*. Em 2003, na 49^o Feira do Livro de Porto Alegre, houve encontro com os autores de *Rapunzel Surda* e *Hora do Conto para a comunidade surda*.

Hoje vejo que Literatura Surda tem uma longa história, que cresceu bastante aqui no Brasil, através do avanço da tecnologia, com as produções da Federação Nacional de Educação de Surdos (FENEIS), do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos); LSB Vídeo; DVD LIBRAS Rosani Suzin entre outros. A maioria das produções literárias são traduções de histórias que circulam em língua portuguesa, mas algumas histórias e materiais (inicialmente disponibilizados em VHS) marcaram uma mudança. É importante destacar que, no curso de Graduação em Letras-LIBRAS na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2006 e 2008, na modalidade de Ensino à distância, ocorreu a disciplina de Literatura Surda e alguns surdos apresentaram poesias, narrativas e piadas no YouTube, em decorrência das atividades e trabalhos realizados nessa disciplina e no curso.

1.1 ALGUNS ESCAVADORES E PESQUISAS NO FUNDO DA CAIXA DO CÔMICO

Encontraram a caixa do Cômico? Calma, não é a mesma caixa de Pandora... podem abrir. Conseguem abrir a caixa em que as pesquisas saem voando? Agora tentem pegar para ler... A palavra Literatura sempre é difícil definir, e muitos conceitos já foram apresentados sobre ela. Lajolo (2001, p.11) afirma que perguntas como “o que é literatura?” são “perguntas permanentes” com “respostas provisórias”.

Para discutir esta questão, apresento Culler (1999, p. 26), que explica que essa pergunta não é uma questão central para a teoria literária.

Mas “O que é literatura?” poderia também ser uma pergunta sobre as características distintivas das obras conhecidas como literatura: [...] O que diferencia a literatura de outras atividades ou passatempos humanos? Agora, as pessoas poderiam colocar essa questão porque estariam perguntando a si mesmas como decidir quais livros são literatura e quais não são, mas é mais provável que já tenham uma ideia do que conta como literatura e queiram saber outra coisa: há algum traço essencial, distintivo, que as obras literárias partilham? (Culler 1999, p. 28).

Este é um ponto importante também para nosso trabalho: qual a diferença entre o que é Literatura Surda e o que é simples comunicação por Língua de Sinais?

Culler (1999) nos ajuda a pensar sobre a questão: “A literatura, poderíamos concluir, é um ato de fala ou evento textual que suscita certos tipos de atenção.

Contrasta com outros tipos de atos de fala, tais como dar informação, fazer perguntas ou fazer promessas”. (p. 34). Em uma explicação mais detalhada, mostra cinco pontos sobre Literatura, dos quais trago aqui alguns trechos. Para esse autor, **a literatura coloca a linguagem em primeiro plano**, e muitas vezes a “literariedade” reside, sobretudo, “na organização da linguagem que torna a literatura distinguível da linguagem usada para outros fins” (p. 34). O segundo ponto é **literatura como integração da linguagem**, em que os diversos elementos e componentes do texto entram numa relação complexa. (p.36). O terceiro ponto é **literatura como ficção**, sendo que uma razão por que os leitores atentam para a literatura de modo diferente é que seus textos têm uma relação especial com o mundo – uma relação que chamamos de “ficcional” [...] (p. 37-38). O quarto ponto é **literatura como objeto estético**, embora isso envolva debates a respeito de se a beleza é ou não uma propriedade objetiva das obras de arte ou uma resposta subjetiva dos espectadores... (p. 39). O último ponto destacado é **literatura como construção intertextual ou auto-reflexiva**, em que teóricos argumentam que as obras são feitas a partir de outras obras: tornadas possíveis pelas obras anteriores que elas retomam, repetem, contestam, transformam. Esta noção às vezes é conhecida também como “intertextualidade”. Uma obra existe em meio a outros textos, através de suas relações com eles (p. 40).

Faço uma reflexão e vejo que a Literatura Surda está relacionada a todos esses pontos. Assim, observamos a organização da linguagem que torna a literatura surda distinguível da linguagem usada para outros fins; a literatura surda integrando diversos elementos da linguagem; o uso estético da língua de sinais utilizada em diferentes gêneros da literatura surda; a construção intertextual dos textos literários, que retomam outras obras, entre outros aspectos. A questão da ficção está presente nas piadas, mesmo considerando que elas contêm representações da “realidade”. Na análise que apresentamos nesta tese, um ponto importante é o da **construção intertextual**, pois, como vamos ver, existem muitas piadas surdas que transformam, adaptam e fazem retornar partes de outras piadas. Sobre a intertextualidade Barthes (*apud* Charaudeau e Maingueneau, 2004, p. 289) comenta:

Todo texto é um intertexto; outros estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis [...] O intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem raramente é recuperável, de citações inconscientes ou automáticas, feitas sem aspas (1973).

Estas ideias são importantes para pensarmos e analisarmos as piadas da Literatura Surda e a discussão que envolve essa adjetivação da literatura.

No Brasil, as pesquisas em Literatura Surda começaram em torno do ano de 2000. Podemos citar pesquisadores, como Silveira (2000)⁵, que não usou a palavra Literatura Surda, mas analisou a literatura infantil impressa até 1996, em sete livros infantis que apresentavam representação dos surdos como deficientes (visão clínica da surdez).

Depois, no ano de 2003, os autores Karnopp, Silveira e Rosa apresentaram o trabalho “Literatura Surda”, que traz apontamentos sobre a Cinderela Surda no “II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais” em Florianópolis - SC. Após isto, tiveram continuidade várias pesquisas sobre Literatura Surda desses autores.

Uma pesquisa feita no Portal da Capes – Teses e Dissertações – também com o termo de busca “Literatura Surda”, mostrou a existência de poucas dissertações e teses com o assunto. A partir do ano de 2008, encontramos investigações em Programas de Pós-Graduação, como o mestre Claudio Mourão, que apresentou a dissertação sobre “Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais” (2011); Fabiano Rosa, sobre “Literatura Surda: o que sinalizam professores surdos sobre livros digitais em LIBRAS” (2011); Augusto Schallenberger sobre “Ciberhumor nas comunidades surdas” (2010); Janete Muller, sobre “Marcadores culturais na Literatura Surda: constituição de significados em produções editoriais surdas” (2012); Juliana Pokorski, sobre “Representações na Literatura Surda: produção da diferença surda no curso de letras-LIBRAS” (2014).

No portal da Capes, referente a periódicos (site <http://www.periodicos.capes.gov.br/>), fiz uma busca a partir da expressão “Literatura Surda” e encontrei poucas produções. A primeira produção é “Literatura Surda”, de Karnopp (2006). Nesse artigo, a autora faz uma análise dos livros de literatura infantil “Cinderela Surda” e

⁵ Apresentou o trabalho “Contando histórias sobre surdos e surdez: o caso da literatura infantil” no V Congresso Latino - Estadunidense de Educação Bilíngue para Surdos, 1999, Porto Alegre - RS. Depois publicou artigo, adaptado, “Contando histórias sobre surdos/as e surdez” no livro *Estudos Culturais em Educação*, Marisa Vorraber Costa (Org.), Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

“Rapunzel Surda”, pretendendo contribuir para a discussão da produção de uma Literatura Surda, ligada às questões sobre cultura e identidade. Na análise, a autora mostra que os textos e as imagens evidenciam que os autores buscam o caminho da auto-representação do grupo de surdos. As evidências dessa identidade estão no uso da língua de sinais, nas formas de narrar as histórias e/ou de adaptar histórias clássicas, por exemplo.

Outro artigo tem o título de “Multiculturalismo e linguagem: Literatura Surda, o caminho contrário ao esquecimento” (2006), escrito por Raquel Silva Soares. Neste artigo, partindo da concepção de diferença linguística, a autora mostra a importância do respeito e conhecimento da literatura produzida por grupos ou comunidades surdas como forma de expressão social e cultural. Ela também analisa o caso do reconto do conto Cinderela que, ao ser recontado por surdos adultos, universitários, sobrevive com o título de Cinderela Surda. Ela observa que os autores acrescentaram a história de sua educação e a história do nascimento das comunidades surdas. Pode-se fazer um paralelo na forma como o príncipe surdo aprende língua de sinais através de um professor ouvinte sinalizador e como Cinderela (no caso, plebeia) se apropria da língua no contato com surdos.

Outro artigo é “Literatura Surda: criação e produção de imagens e textos” (2006), escrito por Fabiano Souto Rosa. O objetivo deste texto foi analisar o uso da literatura como a construção da consciência de mundo, relacionando a interpretação com a realidade. O autor procurou investigar a importância do uso da imagem e da linguagem na literatura, analisando a expressão de uma Literatura Surda.

Outros artigos foram localizados na revista “Nonada, Letras de Hoje, Educar em Revista”, trabalhos todos que trouxeram vários conhecimentos novos sobre Literatura Surda, resumidamente apresentados nos próximos parágrafos.

Um artigo tem o título de “Produções culturais em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)” (2013) na revista Letras de Hoje, escrito por Lodenir Karnopp.

O artigo focaliza as produções culturais em comunidades surdas e analisa as relações de poder envolvidas na construção de significados culturais, entendendo a cultura surda como espaço de contestação e de constituição de identidades e diferenças que determinam a vida de indivíduos e populações (p. 407).

A autora enfatiza a necessidade de conhecermos as histórias que circulam em comunidades surdas, contadas em línguas de sinais e justifica essa importância: “Uma das justificativas para a realização de pesquisas sobre as produções culturais em comunidades surdas relaciona-se à necessidade de conhecermos histórias em LIBRAS, histórias contadas por surdos, sobre suas experiências pensadas e vividas” (p. 408).

Outro artigo tem o título de “Literatura Surda: análise introdutória de poemas em LIBRAS” (SILVEIRA; KARNOPP, 2014). O artigo apresenta um estudo do poema escolhida sobre “Natal” em LIBRAS e mostra a análise de três poemas estudando recursos poéticos, semelhanças e diferenças etc. Dizem as autoras:

Os estudos sobre literatura surda e cultura surda são recentes no panorama acadêmico e propiciam reflexões sobre novas formas literárias. O presente artigo, com base em estudos de cultura e de poesia surda, tem como objetivo analisar três poemas sobre a temática “Natal” em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), identificando recursos poéticos, semelhanças e diferenças. Também são feitas algumas considerações sobre perspectivas de investigação de poemas em LIBRAS (p.01).

Outro artigo tem o título de “Humor na literatura surda” (SILVEIRA; KARNOPP, 2014) e objetiva analisar o humor que circula na Comunidade Surda, que faz parte da Literatura Surda, em cinco versões diferentes da clássica piada “Leão Surdo”. Seu resumo nos informa o seguinte:

O artigo situa-se no contexto das atuais investigações no campo da educação de surdos, que, a partir de mudanças da legislação e do reconhecimento político da diferença linguística e cultural das comunidades surdas, vêm focalizando o estudo de produções culturais desses grupos. Seu objetivo é apresentar um recorte introdutório de estudo do humor em língua de sinais brasileira (LIBRAS), especificamente a partir da análise de piadas que circulam nas comunidades surdas. Considerando a literatura como objeto estético e como construção intertextual, propõe-se a análise de uma piada circulante em LIBRAS, em cinco versões diferentes. Conclui-se que o humor privilegia temas socialmente controversos e as diferentes versões da piada *Leão Surdo* aborda a diferença linguística e cultural, a inversão de olhares, através de cenas que apresentam as vantagens de ser surdo, a comunicação com ouvintes, bem como a língua de sinais como conhecimento determinante para o final (in)feliz da história. O inesperado acontece: o violinista é devorado, pois a técnica - musical e auditiva - empregada para fazer leões adormecerem não funciona com o leão surdo. No entanto, em uma das versões dessa piada, quando o violinista usa a língua de sinais, o leão surdo adormece e a vida do violinista é preservada, graças ao conhecimento da língua de sinais (p.93).

Os artigos geralmente estão disponíveis *online* ou são apresentados em anais de eventos, trabalhos de conclusão de curso etc., e apresentam discussões acerca da Literatura Surda. Assim se observa um crescimento da pesquisa sobre Literatura Surda nos últimos anos, também através de artigos publicados em periódicos, e não se desenvolvem investigações somente na UFRGS.

É importante destacar ainda a Editora Arara Azul, em Petrópolis, no Rio de Janeiro (RJ), que produz obras sobre surdos e focaliza a tradução das duas línguas, Português e LIBRAS. Por exemplo, a editora tem a coleção Clássicos da Literatura em CD-Room em LIBRAS, com obras como “Iracema” (José de Alencar); “A Cartomante” (Machado de Assis) (dois clássicos da literatura brasileira); também “O Soldadinho de Chumbo”; “Uma Aventura do Saci Pererê”.

No ano de 2010, teve início o projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”, através do Edital Pró-Cultura (CAPES/MinC), com a coordenação de Lodenir Karnopp, Madalena Klein e Márcia Lunardi-Lazzarin. A pesquisa foi desenvolvida nas três instituições UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), UFPEL (Universidade Federal de Pelotas) e UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), encerrando em 2013. As Universidades parceiras na pesquisa realizaram atividades e articularam o diálogo entre os pesquisadores que atuam no campo de estudos em foco. O objetivo específico relacionado às ações investigativas desse grupo de pesquisa era analisar os processos de significação envolvidos na produção, circulação e consumo dos artefatos pertencentes à cultura surda. Com isso, se procurou dar visibilidade e contribuir com a divulgação das produções culturais das comunidades surdas. Com ênfase no registro das produções culturais de pessoas surdas, a pesquisa priorizou os registros visuais, como as filmagens, a escrita da língua de sinais, as traduções da LIBRAS para a escrita da língua portuguesa e outras produções artísticas. Na organização desta pesquisa, cada uma das instituições coletou as produções culturais surdas em diferentes espaços (no mercado editorial, na internet/Youtube e na academia) como também em diferentes regiões brasileiras, com ênfase nos espaços em que houvesse um movimento surdo organizado (associações de surdos, espaços educacionais, federações de surdos entre outros). Diversas pesquisas e publicações relacionadas ao material coletado foram realizadas, das quais destacamos o livro “Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e

provocações”, (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2011) e a produção de DVD “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira” (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2013), sistematizando a pesquisa e os principais resultados alcançados, em LIBRAS e com legendas em português. Cabe salientar também a apresentação de trabalhos em eventos e a publicação de dissertações de mestrado de bolsistas vinculadas ao projeto, as quais estão apresentadas em relatório de pesquisa.

1.2 LUPA NA LITERATURA SURDA NO BRASIL

Precisa usar lupa para olhar no fundo da caixa do Cômico. Já explorei um pouco as características da literatura e da literatura surda, bem como estudos anteriores desenvolvidos, mas aqui vou aprofundar um pouco seu conceito e a relação dele com algumas características da cultura surda, para depois explorar o caso do gênero que vou estudar nesta tese: piadas.

Possivelmente a mesma complexidade que envolve a pergunta “o que é literatura” está também na pergunta “o que é literatura surda”. Inspirados em Lajolo (2001) apresentaremos algumas “respostas provisórias”. Para isso, destacamos duas autoras, Karnopp (2010) e Strobel (2009), que vêm desenvolvendo estudos e pesquisas relacionadas a essa temática. Tais autoras afirmam:

A expressão “Literatura Surda” é utilizada no presente texto para histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa. Literatura Surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (KARNOPP, 2010, p. 161).

O destaque dessa autora está na centralidade da cultura surda e da língua de sinais em textos literários, que traduzem a experiência visual e que trazem representações de surdos vinculadas a um grupo linguístico e cultural diferente. Para Strobel, a Literatura Surda traduz as lembranças das experiências do povo surdo, conforme lemos a seguir:

Ela traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais (2009, p. 61).

Considerando tais conceitos utilizados, com ênfase na análise de piadas em línguas de sinais, proponho algumas aproximações entre a Literatura Surda e um autor muito conhecido no campo do folclore brasileiro, Câmara Cascudo, que escreveu vários livros sobre histórias e tradições populares. O livro “Literatura Oral no Brasil” (CASCUDO [1952], 2006) mostra vários dados da literatura que circula oralmente no Brasil, de histórias recolhidas que eram contadas de boca a boca. Ele compara diferentes versões de uma mesma história. Neste sentido, percebo aproximações entre a literatura popular oral e a Literatura Surda.

Podemos perceber semelhanças entre a Literatura Surda e a literatura oral, popular, estudada por Câmara Cascudo, com uma diferença: a primeira é apresentada principalmente em língua de sinais, mas também pode se manifestar na escrita, envolvendo processos de tradução e/ou a preferência pelo uso do português no processo de registro literário, no caso do Brasil. O registro da literatura surda produzida em língua de sinais, conforme explicitado anteriormente, tem sido feito através de filmagens.

Para entender melhor a proximidade entre a literatura popular e a literatura surda, destacamos uma diferença entre Literatura Surda SEM autoria definida, que podemos chamar de popular, como piadas que eram transmitidas em grupos e associações (algumas, mas não todas, foram filmadas mais recentemente) e a Literatura Surda COM autoria registrada, como são os livros impressos, vídeos com interpretação de surdos. Cascudo (2006) fala de Literatura Oral e diz que esse conceito tem origem francesa, do final do século XIX, e conforme Sébillot, autor em quem se inspirou, a literatura oral compreende aquilo que, para o povo que não lê, toma o lugar das produções literárias. Assim, para esse autor, a literatura oral tem como característica a “persistência pela oralidade” e os elementos característicos do Folclore, em que se encaixa a Literatura Oral, são: a) antiguidade; b) persistência; c) anonimato; d) oralidade (p.22).

Adaptando essas características da literatura sem autoria definida para a Literatura Surda, encontramos as três primeiras características e a 4ª característica -

“oralidade” - propomos a substituição por “sinalidade⁶”. Assim, as piadas que vamos analisar são “antigas”, persistiram (continuaram através das gerações) e são anônimas – ninguém sabe quem sinalizou as piadas pela primeira vez. Cascudo ainda afirma: “Natural é que uma produção que se popularizou seja folclórica quando se torne anônima, antiga, resistindo ao esquecimento e sempre citada, num ou noutro meio denunciador da predileção ambiental” (p. 23).

Rutherford (1983), pesquisadora na área de literatura surda americana, se propõe a analisar uma piada surda e entende as piadas também dentro do folclore: “Meu estudo desse texto (a piada) foi baseado na crença de que, por meio de análise do folclore de uma comunidade, é possível encontrar um reflexo de sua cultura (...)” (p. 310).

Por outro lado, existe Literatura Surda COM autoria registrada, como são os livros impressos, vídeos com interpretação de surdos. Por exemplo, “TIBI E JOCA – uma história de dois mundos”, de Tibiriçá Maineri e Claudia Bisol (2001) é um livro de literatura infantil surda que tematiza experiências surdas, com muitas imagens, alguma escrita e alguns desenhos apresentando sinais.

As piadas produzidas em línguas de sinais nos remetem ao folclore das produções culturais surdas. Para Herskovits (1948:418) *apud* Rutherford (1983) “O folclore de um povo não pode ser compreendido sem um entendimento da cultura à qual ele pertence” (p. 315). Através das piadas em línguas de sinais torna-se possível compreender a cultura surda, em que frequentemente uma “piada é uma metáfora para a situação da linguagem na comunidade, a experiência da comunidade no mundo não-surdo e a busca de identidade pelo indivíduo” (p. 319).

A partir das observações já feitas, penso que desenhei o contexto onde surgiu o interesse pela pesquisa, os estudos realizados e os temas que se aproximam do foco desta pesquisa.

1.2.1 Por que piadas “clássicas”?

⁶ Mourão (2011, p. 19) propõe o uso do neologismo *Sinalidade* para a “produção linguística em sinais de surdos, assim como o termo oralidade é tradicionalmente utilizado para o ouvinte”.

Pegaram um rolo de papel antigo e leram a pergunta “Por que as piadas ‘clássicas’”? Para falar de piadas clássicas na comunidade surda, preciso explorar o significado da palavra “clássico”. É uma palavra que tem vários sentidos, e apresento aqui os sentidos que estou usando para falar de “piadas clássicas”.

Selecionei no dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), duas significações: o clássico é “que segue ou está de acordo com os cânones ou usos estabelecidos ou que é conforme com um ideal” (acepção número 6, p. 737) e “diz-se o acontecimento famoso por se repetir periodicamente” (acepção número 15, p. 737). No “Moderno Dicionário da Língua Portuguesa”, de Michaelis (MICHAELIS, 1998), o significado de clássico que melhor se adapta é o de “tradicional” (acepção número 8, p. 515).

Podemos entender que escolhemos as piadas que têm “uso estabelecido” e que sua apresentação se repete “periodicamente”. Também são piadas “tradicionalistas” – têm uma tradição, pois circulam na comunidade surda, mesmo com diferentes versões, atravessando as gerações de surdos.

Também podemos buscar o que alguns autores dizem sobre os livros clássicos, para ver semelhança com as piadas clássicas.

Machado (2002, p. 15), em um livro no qual explica a importância da leitura dos livros clássicos pelas crianças, afirma sobre eles que “Clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro eterno que não sai da moda”. Calvino (2001, p. 15), sobre os clássicos, afirma que “[...] é suficiente que a maioria [das pessoas] perceba a presença dos clássicos como um reboar distante, fora do espaço invadido pelas atualidades como pela televisão a todo volume”.

As piadas clássicas não são livros, mas podemos fazer adaptação do que Machado e Calvino disseram, para piadas clássicas da comunidade surda: elas não saem de moda e continuam sendo sinalizadas na atualidade, mesmo que tenha internet e outras mídias eletrônicas. É importante dizer que conheço outras piadas da comunidade surda, mas elas não circulam em muitos lugares ou então não continuaram a ser sinalizadas. Não são piadas clássicas.

Importante destacar que nesta tese analiso quatorze piadas clássicas, mas isso não compreende a totalidade das piadas clássicas, já que há muitas outras presentes nas comunidades surdas, na internet ou em outros suportes. Para fins de investigação, fiz um recorte para possibilitar o detalhamento e análise de cada uma delas.

2. O HUMOR NA LITERATURA SURDA: O CASO DAS PIADAS

“O caso das piadas?” Pensaram que é suspense no meio do labirinto? Vamos conhecer... O humor, de um modo geral, apresenta muitas possibilidades de análise, porque ele pode aparecer de diferentes maneiras – em piadas, em comédias, no circo com palhaços etc. O interesse desta pesquisa está relacionado ao humor que se apresenta em piadas contadas em línguas de sinais e que se relacionam com as experiências de pessoas surdas. Considerando a necessidade de realizar investigações sobre o humor, início este texto apresentando várias opiniões sobre o humor e discussões sobre como o humor se mostra, com ênfase no riso que ele provoca. Depois trago estudos realizados tanto em línguas de sinais quanto em línguas faladas. Argumento também que as piadas se relacionam com culturas e grupos diferentes e, por fim, descrevo tipos de humor que podem aparecer nas piadas.

Sobre o humor, sobre o cômico, sobre o engraçado, também sobre piadas, muitos autores já falaram. Entre os autores estrangeiros sobre o humor em geral vamos trazer Bergson ([1940], 1980); Propp (1992), Alberti (1999). Também os diversos autores brasileiros que nos ajudam a pesquisar o humor: Possenti (2010, 2003, 1998); Magalhães (2010); Lulkin (2007). Especificamente autores que pesquisaram humor, piadas e anedotas em Línguas de Sinais são: Klima & Bellugi (1977); Rutherford (1983); Holcomb (1994); Renard & Lapalu (1997); Morgado (2011); Sutton-Spence & Napoli (2012); e o brasileiro Augusto Schallenberger (2010).

Magalhães (2010, p. 13) explicou o termo humor: “Humor, assim transcrito em várias línguas ocidentais, do grego *khymó* e do latim *humor* significa líquido, fluido do corpo, sentido usado nas teorias da Antiguidade e na Idade Média, para explicar o comportamento do corpo e da mente [...]”. Mais adiante, no seu livro, ela explica como geralmente são os textos de humor:

[...] um texto de humor é constituído simplesmente com um momento *normal* e outro *anormal*, entre os quais as coisas parecem não combinar, “descombinação” deflagrada por recursos linguístico-discursivo-pragmáticos. Na verdade, os textos de humor nos guiam em uma trilha para depois, subitamente, nos levar a outra (MAGALHÃES, 2010, p. 132).

Bergson também diz algo semelhante, quando afirma sobre o que é uma situação cômica, que faz rir:

Uma situação será sempre cômica quando pertencer ao mesmo tempo a duas séries de fatos absolutamente independentes, e que possa ser interpretada simultaneamente em dois sentidos inteiramente diversos. (1980, p. 54)

Alberti, outro estudioso, diz que o humor

Também é caracterizado pela surpresa, pela frustração da expectativa (expectativa do sério), pela subitaneidade, pela brevidade, pelo contrário da lógica e da verdade, pelo desvio da ordem etc. Pode-se mesmo dizer que resulta de um eclipse do julgamento e que ocorre quando a razão relaxa a guarda (especialmente se pensamos no chiste e em suas relações com o inconsciente) (1999, p. 203).

Existem outros elementos que foram examinados quando se trata de analisar o humor, mas Alberti destaca a teoria da superioridade e o fato de que isso – o sentimento de superioridade em relação ao objeto do riso - não abarca todos os tipos de riso, conforme citação que segue:

De acordo com a teoria da superioridade – para ele, a de Platão, Aristóteles e Hobbes, entre outros -, o riso viria de um sentimento de superioridade em relação ao objeto do riso, o que, segundo Morreall, não abarcaria todos os tipos de riso (Alberti, 1999, p. 27).

O humor provoca diferentes tipos de riso. Neste sentido, recuando à primeira metade do século XX, mais precisamente a 1949, temos Eugène Dupréel, que desenvolve os conceitos de “riso de acolhimento” e “riso de exclusão” para explicar o que chama de “fenômeno integral de riso” enquanto “síntese de alegria e de maldade”. Assim, o riso está ligado a diferentes possibilidades, como destaca o autor:

O riso seria uma manifestação de alegria pela satisfação de estar reunido, mas também expressão da maldade do grupo que ri de um personagem ridicularizado. A interpretação do riso como síntese de prazer e desprazer é recorrente nas teorias sobre o assunto. O fato de o riso nem sempre ser expressão de alegria, mas também de malícia em relação àquele de quem

se ri impede que se lhe confira sempre um valor positivo. O estudioso do riso pode embarçar-se diante da vontade de situá-lo entre as manifestações de libertação da ordem estabelecida – rimos todos juntos da norma – e a constatação de que não raro é a afirmação mesma da ordem que está em jogo – as piadas racistas, por exemplo, não nos unem contra a norma (ALBERTI, 1999, p. 28 e 29).

As piadas são um tipo de narrativa, geralmente curtas, que provoca riso. Na definição proposta por Possenti (1998) entendemos que as piadas apresentam uma história curta e de final surpreendente, com temáticas diversificadas. As piadas, muitas vezes picantes, obscenas, escatológicas, provocam risos e estão relacionadas a preconceitos, racismos, profissões. Para Carmelino, esses temas trazem um conteúdo reprimido e utilizam a língua para disparar o humor:

(...) porque trazem um conteúdo que é, de alguma maneira, reprimido (repressão) e, por isso, dependem de sua técnica para disparar o humor, ou por uma característica linguística ou pela controvérsia em que um dos pontos de vista é considerado de mau gosto, incivilizado. O ponto de vista nunca é expresso explicitamente, o leitor tem que descobrir o seu porquê (2009, p. 23).

O humor está relacionado com o contexto em que se insere. Neste sentido, Possenti afirma que:

Devem-se conhecer traços da cultura para entender piadas e rir delas? É óbvio. Mas, não se pode esquecer que também se devem conhecer aspectos da cultura para entender histórias infantis, mitos, locais, receitas culinárias, aspectos da legislação, regras políticas, o que gritam os torcedores nas tardes de domingo etc. (1998, p. 42).

E conclui que as piadas são culturais, conforme a citação que segue:

Então, as piadas são culturais. Isso é certo, mas esse traço não separa as piadas de nenhum outro tipo de texto, nem de outra coisa qualquer, não contribuindo, portanto, para sua explicação ou caracterização. Se se quiser ficar nesse domínio, é necessário explicitar quais fatores culturais são relevantes para quais aspectos das piadas e, principalmente, quais fatores culturais distinguem piadas produzidas num país ou numa cultura das piadas produzidas em outro país ou em outra cultura (POSSENTI 1998, p. 42).

Além disso, Propp (1992) alerta: “É evidente que no âmbito de cada cultura nacional diferentes camadas sociais possuirão um sentido diferente de humor e diferentes meios para expressá-lo.” (p. 32) e explica que a causa disso está em condições de ordem histórica social, nacional e/ou pessoal.

Cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas. “Contar a história do riso seria extremamente interessante”, escrevia A. I. Herten. Mas não é esta a nossa tarefa. Nós nos limitaremos, como já foi dito, a materiais dos séculos XIX e XX (PROPP, 1992, p. 32).

Compartilhar uma língua é um aspecto cultural relevante no humor. Rutherford (1983, p. 310) defende que “o que faz um povo rir é o que revela a alma desse povo”. Lane considera também o fortalecimento da cultura surda através das piadas que passam de geração a geração:

É por intermédio da literatura da ASL que uma geração passa à seguinte a sua sabedoria, os seus valores, e o seu orgulho, reforçando deste modo os laços que unem a geração mais jovem. Uma vez que a ASL não é uma linguagem escrita, as publicações em inglês – jornais, revistas e livros escritos por e para pessoas surdas – têm desempenhado, ao longo da história, um importante papel no fortalecimento da cultura americana dos surdos (1992, p. 31).

Traduzir e produzir o humor presente em uma cultura para outra requer inserção linguística e cultural para o entendimento da piada. Neste sentido, Magalhães (2010) cita Possenti e destaca que:

Um aspecto interessante do livro do Possenti é o modo como discorre a possibilidade de transferência de uma piada de uma língua a outra. Ele afirma que quem não analisa os aspectos linguísticos dos textos de humor geralmente argumenta o óbvio, apresentando obviedades inúteis que ele classifica como “os lugares comuns, mais comuns sobre as piadas”, como por exemplo, que “as piadas são culturais” e que por essa razão não se transferem de um idioma a outro (p. 49).

A tradução de uma piada contada em sinais para a escrita da língua portuguesa pressupõe tradução linguística e cultural, bem como atenção a diferenças no uso da modalidade da língua. Por exemplo, na piada Caçadores⁷, o ator refere os detalhes dos movimentos das orelhas do cavalo e a tradução foi complexa, pois necessitava de uma explicação mais detalhada do movimento das orelhas do cavalo para que provocasse sentido e riso ao final da piada. A tradução para o português perde a qualidade da língua de sinais nos movimentos das orelhas, também se perde a risada ao ler essa piada em outra modalidade de língua: na escrita do português. Concordo com Ladd (2013) de que muito do humor Surdo está

⁷ Veja a piada na página 55

nos gestos, nos sinais, nas expressões corporais e faciais, tornando-se difícil sinalizar o movimento das orelhas, ou sinalizar quando um cão levanta a perna contra a parede... assim, contar a piada “Caçadores” não seria tão engraçado em português. Assim, esta piada produz mais riso em uma língua de sinais do que em uma língua oral, “Se tentar interpretar a piada para ouvintes, eles sorriem, enquanto os surdos iam chorar a rir” (LADD, 2013, p. 162).

Como estas piadas são expressivas em língua de sinais, envolvendo movimento de corpo, expressão facial, as mãos mexendo ou pegando as coisas, por exemplo, indicando a aceleração da moto (na piada motoqueiro⁸), o que consegue fazer as pessoas rirem é também a teatralidade produzida durante contação da piada: principalmente quem conhece língua de sinais consegue rir. Assim, conhecer a língua e compartilhar a cultura são aspectos importantes do riso em piadas sinalizadas, conforme explica Rutherford.

[...] muitas pessoas que são fluentes em sinais e que entendem e apreciam o jogo entre sinal e glosa não apreciam inteiramente a piada. O fato de isso acontecer evidencia a questão mais importante da especificidade cultural do humor, pois aqui, a falta de apreciação não se origina de “não entender a piada”, mas de uma falta de experiência cultural compartilhada (1983, p. 312).

No entanto, Rutherford (1983) acrescenta que “a razão pela qual o humor é culturalmente específico para um grupo é mais do que apenas a linguagem, é uma questão de experiência. ” (p. 313). Neste sentido, trago o exemplo da piada “Cabeleireiro”⁹, em que há uma fila dos surdos. Pergunto: será que as pessoas entenderiam por que essa fila? Só por causa do corte gratuito? Ou como os surdos ficaram sabendo desta informação? Através da televisão sem legendas? Através do rádio? Para entender o sentido da fila no cabeleireiro é preciso conhecer e mergulhar na experiência da Comunidade Surda. Não é somente conhecer, é conviver na Comunidade Surda.

A segunda piada que podemos exemplificar como ligada à experiência da comunidade surda é a piada “Árvore Surda”¹⁰, que é contada várias vezes e eternamente. Torna-se engraçada para nós surdos, porque entendemos por que a

⁸ Veja a piada na página 53

⁹ Veja a piada na página 145

¹⁰ Ver na página 64

árvore não cai após o grito do lenhador, ou seja, porque não entendeu o que ele gritou. Rutherford em um artigo intitulado “*Funny in Deaf. Not in Reading*” analisa o humor em piadas surdas, e evidencia que muitas piadas contadas na comunidade surda são engraçadas para surdos mas não para não-surdos. Inicialmente questiona por que essa diferença e também o motivo pelo qual essa piada permanece há tanto tempo sendo contada e recontada, sendo que muitas pessoas surdas já ouviram diversas vezes a mesma piada. E explica essa diferença na qualidade e intensidade do riso, relacionado principalmente à experiência de ser surdo.

A experiência de ser Surdo no mundo não-surdo é carregada de frustração diária com a comunicação, bem como de preconceitos por parte da sociedade e da opressão coletiva dos Surdos. Isso não faz parte da experiência de vida de um não-surdo. Os sinalizadores não-surdos, através de ligações profissionais e familiares, geralmente têm determinado nível de consciência das frustrações e injustiças que os Surdos enfrentam. Entretanto, essa consciência normalmente está em nível mais cognitivo, e não em nível profundo e afetivo (RUTHERFORD, 1983, p. 314).

O terceiro exemplo é a piada “Comunicação Escrita”, que relata a experiência de um surdo se comunicando com um ouvinte através de bilhetes, situação bastante comum no encontro de surdos e ouvintes. Assim, o surdo não entendeu o que a pessoa estava falando ao seu lado e resolveram se comunicar por escrito. Uma terceira pessoa senta com eles e os três passam a se comunicar por escrito. O que provoca o riso é que o surdo sai e os dois ouvintes continuam com os bilhetes. Esta narrativa se transforma em piada porque houve engano do outro ouvinte, achando que ambos eram surdos e os ouvintes continuaram trocando a comunicação escrita. Isto é experiência de nós, surdos, na vida cotidiana, através de uma língua diferente da língua falada. Assim, essa piada bem como piadas citadas por Rutherford (1983), são geralmente referidas como “piadas que os não-surdos não entenderiam” (p. 310).

Muitos outros exemplos podem ser citados, como nas piadas “King Kong”, em que o riso vem da sutileza do sinal “casar”. Esse sinal acaba matando a mulher que estava em sua mão. Tal detalhe é importante e provoca o riso entre os surdos, enquanto as pessoas que não conhecem a língua de sinais, provavelmente não entenderiam a piada.

A piada “Pássaro na linha de telefone” refere o aparelho de telefone para surdos, o TDD (Telephone Device for Deaf; sigla em inglês TDD), e muitas pessoas

(inclusive surdos) não conhecem o TDD; então o riso está ligado ao conhecimento dessa tecnologia.

Por fim, após ter apresentado a relação do humor com aspectos linguísticos e culturais, descrevo os tipos de humor que podem aparecer em piadas.

2.1 TIPOS DE HUMOR QUE PODEM APARECER NAS PIADAS

Lendo ainda no rolo de papel antigo tão longo... As piadas são políticas: incluem críticas, exageros, imitações, paródias, entre outros aspectos. Para Carmelino, por meio do humor, é possível dizer e fazer coisas que fora dele as normas sociais não permitiriam. A denúncia, por exemplo, é uma forma de crítica que frequentemente acontece quando se mostra o absurdo e o ridículo de muitos comportamentos humanos e de situações cotidianas. As críticas se referem a costumes, tradições, instituições, serviços, pessoas, grupos, profissões, entre outros. As tirinhas a seguir ilustram críticas ao governo, por exemplo.

Figura 2 – Tirinha da Mafalda



Fonte: <http://estereotipos.net/2008/03/page/2/http://estereotipos.net/2008/03/page/2/FIGURA>

Além disso, o humor presente nas piadas pode se originar da paródia, recurso linguístico que “alude ao original ridicularizando-o, normalmente pelo caricatural” (TRAVAGLIA, 1990, p.62). A paródia lança mão da forma de um texto, alterando o

conteúdo para criticar não o texto fonte, mas algum elemento da sociedade. Para Propp (1992, p. 84)

A paródia consiste na imitação das características exteriores de um fenômeno qualquer de vida (das maneiras de uma pessoa, dos procedimentos artísticos etc.), de modo a ocultar ou negar o sentido interior daquilo que é submetido à parodização. É possível, a rigor, parodiar tudo: os movimentos e as ações de uma pessoa, seus gestos, o andar, a mímica, a fala, os hábitos de sua profissão e o jargão profissional; é possível parodiar não só uma pessoa, mas também o que é criado por ela no campo do mundo material. A paródia tende a demonstrar que por trás das formas exteriores de uma manifestação espiritual não há nada, que por trás delas existe o vazio.

O humor pode vir do exagero e do ridículo, como evidenciamos em muitas piadas aqui analisadas. Para Bergson (1980, p. 67):

Falar das pequenas coisas como se fossem grandes é, de modo geral, exagerar. O exagero é cômico quando é prolongado e sobretudo quando é sistemático: de fato, é o caso quando surge como processo de transposição. Faz rir tanto que alguns autores chegaram a definir o cômico pelo exagero, assim como outros o definiram pela degradação.

Para exemplificar o exagero nas piadas aqui analisadas, citamos a piada “Espermatozoide Surdo”, em que os espermatozoides têm um comportamento humano, e ouvem um grito durante a relação sexual, fazendo com que os espermatozoides ouvintes fiquem paralisados e os espermatozoides surdos prossigam até o encontro com o óvulo. O exagero é também evidente na piada “Cocô Surdo”, em que se cita que uma pessoa ouvinte faz cocô diferente do cocô surdo. Para Bergson (1980):

O personagem cômico é quase sempre um personagem com quem começamos por simpatizar materialmente. Isto é, por curtíssimo momento pomonos em seu lugar, adotamos os seus gestos, palavras e atos, e, se nos divertimos com o que há nele de risível, nós o convidamos, em imaginação, a se divertir conosco. Nós o tratamos primeiro como companheiro. Há, pois, em quem ri uma aparência pelo menos de bonomia, de jovialidade amável, que estaríamos erra em desprezar. Há sobretudo no riso um movimento de *descontração*, não raro observado, cuja razão devemos procurar. (p. 98 e 99)

2.2 PIADAS EM LÍNGUA DE SINAIS

Estão ansiosos para chegar à leitura das piadas? Vamos pegando mais ainda na caixa... Vários estudiosos já se interessaram por piadas e anedotas surdas. No livro *“Deaf Culture Our Way: Anecdotes from the Deaf Community”*, os autores¹¹ Roy K. Holcomb, Samuel K. Holcomb e Thomas K. Holcomb apresentam um total de 111 piadas e anedotas contadas por surdos nos Estados Unidos. Eles explicam o conteúdo do seu livro:

As piadas a seguir passaram por gerações de surdos e são amplamente conhecidas entre indivíduos da comunidade surda dos EUA. Geralmente estão entre as primeiras a serem compartilhadas com recém-chegados à comunidade surda. Enquanto pode haver muitas versões quanto contadores, as seguintes histórias são apresentadas em suas formas básicas (1995, p.3). 12

As piadas e anedotas fazem parte da abordagem do humor. Morgado¹³ (2011) aborda o humor em línguas gestuais¹⁴. Ela faz a seguinte afirmação:

O humor em língua gestual, seja qual for o país, parece apresentar sempre as mesmas características. Este tipo literário das línguas gestuais perde o seu valor e qualidade se for traduzido para a língua oral ou escrita. Para compreender o sentido do conteúdo de um bom humor em língua gestual é necessário ser fluente naquela, caso contrário, dificilmente perceberá as sutilezas linguísticas (p.52).

Para a autora, pode-se diferenciar cinco formas de humor em línguas de sinais. A primeira viria das imitações de pessoas, animais, filmes e objetos, muito comuns nas piadas em sinais.

O segundo tipo abrange “brincadeiras com as configurações do alfabeto ou dos números, em que o ator pode criar uma história a partir delas” (MORGADO, 2011, 54). Schallenberger também faz referência a “histórias em ABC”, afirmando que estas histórias humorísticas são muito comuns entre os surdos. Para ele, esse

¹¹Autores da obra são pai e dois filhos, que são surdos que buscaram as piadas surdas contadas pela Comunidade Surda durante anos nos Estados Unidos. Esta obra é um registro importante sobre piadas surdas antes da tecnologia avançada.

¹²Tradução de Iuri Abreu.

¹³Autora portuguesa que é surda e produziu alguns livros infantis como “Mamadu, o herói surdo” (2008), “Sou Asas” (2010) e “Luanda, Lua” (2012). Produziu também um livro didático sobre Literatura Surda.

¹⁴Em Portugal, se emprega a expressão “línguas gestuais”; no Brasil se diz língua de sinais.

uso da língua “[...] consiste em fazer com cada letra do alfabeto uma parte da história, obtendo, no desenvolvimento da narrativa, significados que se associam à sequência das letras ABC... É um exercício que segue uma sequencialidade e tenta construir uma história” (2010, p. 41). Esse tipo será detalhado nas sessões seguintes.

O terceiro tipo, para Morgado, são “brincadeiras com o movimento”, e a autora cita um vídeo no YouTube¹⁵, que apresenta um ator surdo inglês, Asthon Jean-Pierre, que expressa o humor sobre barco balançando, movimentando o corpo e sinalizando simultaneamente sobre o barco.

O quarto tipo envolve “brincadeiras com temas tabu, como sexo ou o cocô”. Essas piadas são também muito frequentes entre os ouvintes. A autora afirma que “estas produções não são produzidas em contextos formais, mas são antes preferidas em convívios informais, em grupos pequenos [...]” (MORGADO, 2011, p. 54). Pela minha observação, no Brasil, essas piadas não têm tanta restrição para serem apresentadas em grandes grupos. Conforme Holcomb (2011, p.145),

A preferência pela conversa direta também é verdadeira entre os surdos em todo o mundo. Isso pode resultar do fato de que os surdos passam suas vidas num grande esforço para não entender as outras pessoas de forma equivocada. Por exemplo, a leitura labial geralmente é uma experiência exaustiva, que envolve uma grande parte de adivinhação. [...] Ademais, a maioria dos indivíduos surdos aprecia a conversa direta dos não surdos, pois reduz o potencial de mal entendidos, confusão e estresse.

Mais uma citação do Holcomb (2011, p.148), citando Mindess (2006), que é importante para entendermos as piadas surdas do tipo acima citado: “Em quase todos os países, verificou-se que os surdos são mais diretos do que suas contrapartes não surdas”.

Como exemplo, a piada apresentada por Sandro Pereira no DVD Piadas em LIBRAS (2009) é uma piada escatológica, referindo que um homem colocou dedo sujo de cocô na boca. Outro exemplo semelhante é piada apresentada por André Daniel Paixão numa festa na SSRS (Porto Alegre, 1999), em que também homem

¹⁵ <https://www.YouTube.com/watch?v=L6Q0bgcK1GI>

colocou dedo sujo de cocô na boca. Assim, as piadas sobre tabus são também encontradas em línguas de sinais.

Para Morgado, ainda existe um quinto tipo, que seriam as “anedotas que vão passando de mão em mão e de país para país, entre os surdos” (2011, p. 55). A autora fala da possibilidade de comunicação atualmente, com a internet, e diz que, nos encontros de surdos, sempre existe um momento de partilhas de anedotas. Podemos ver isso nos ensaios de análises, em que vamos encontrar algumas piadas que existem no Brasil e também em outras culturas – Estados Unidos, Portugal e França. Veja algumas anedotas que são clássicas na Comunidade Surda, conforme Morgado (2011, p.166):

Algumas anedotas que são consideradas clássicas na cultura dos surdos: King Kong; O funeral e o intérprete; A lua de mel; O leão surdo; O surdo americano, o russo e o cubano num comboio; Um soldado surdo e um soldado ouvinte; O pássaro surdo; O Ferrari; A comunicação escrita; No barbeiro.

Algumas piadas valorizam a LIBRAS, com ênfase no uso das mãos, por exemplo a piada “Milagre”¹⁶, apresentada em forma teatral, em LIBRAS, no aniversário de 37 anos de SSRS (Sociedade de Surdos em Rio Grande do Sul):

Era um banco que foi pintado por pintor; após pintor colocou um aviso: “NÃO TOQUE”. Um surdo foi passeando, viu o aviso, não entendeu o que significava, foi procurar dicionário, não ajudou. Atirou dicionário fora, resolveu descansar, pois estava cansado, já que veio de longe. Tocou a mão no banco. Apareceu moça que estava orando, olhou na cara, achou que era louco. O surdo ia sinalizar, levantou do banco, mas ficou com a mão grudada no banco, que ficou grudado na mão dele, sacudiu várias vezes para se livrar do banco. Moça voltou, pediu para ele sair daquele banco, o cara recusou, pois não conseguia desgrudar a mão. A moça foi embora. O surdo ficou revoltado, levantou do banco e com outra mão encostou no banco, assim grudou outra mão e as duas mãos ficaram presas no banco. A moça voltou novamente, viu um aviso que estava no chão, leu e foi explicar ao cara que não era para tocar o banco. O surdo ficou arrasado, a moça disse que ia orar para ajudá-lo a se livrar do banco. O surdo riu, pois não acreditou no milagre, mas logo conseguiu soltar as duas mãos no banco, ficou feliz. Foi cutucando e avisando à moça que estava liberado, moça viu e explicou que era milagre, só agradecendo a

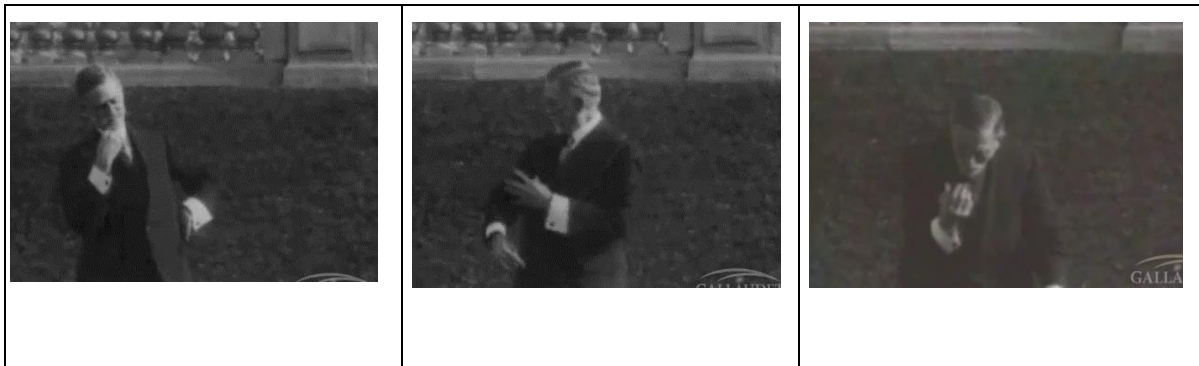
¹⁶A denominação “Milagre” eu escrevi, pois na maioria das piadas que circulam na Comunidade Surda, dificilmente os surdos dizem qual é o nome da piada; geralmente as piadas escritas têm título e atualmente alguns surdos apresentam o título no vídeo (YouTube) e dizem os nomes das piadas, mas ainda é pouco. Também entre os ouvintes, é raro piadas terem nome.

Deus. Após conversa, moça foi tocar sem querer no banco, o cara também tocou sem querer. Dois resolveram sair, mas perceberam que suas mãos ficaram presas no banco, ficaram desesperados. Moça então falou que podiam rezar juntando uma mão dela com a outra mão do cara. Então, oraram juntando mãos diferentes. (Tradução nossa, da LIBRAS para a Língua Portuguesa)

Observem que a piada mostrou a valorização das mãos, a impossibilidade de se comunicar sem a utilização das mãos, e o poder das mãos juntas, em oração.

Relembro e apresento algumas cenas do registro do vídeo mais antigo (1913), que é de um ator surdo estadunidense, Robert McGregor contando a piada “*The Irishman’s Flea*” e “*The Lady and the Cake*”, encontradas no vídeo *Gallaudet National Association of the Deaf*.¹⁷ Com isso, quero destacar o aspecto de antiguidade das piadas em línguas de sinais, que começaram a ser registradas em vídeo, com o desenvolvimento tecnológico.

Figura 3 – Cenas de piadas na ASL, de 1913.



Fonte: <http://videocatalog.gallaudet.edu/?video=2515#sthash.MtB9MssM.dpuf>

¹⁷ *The Irishman's Flea and The Lady and the Cake. Robert P. McGregor tells two stories in American Sign Language. "The Irishman's Flea" is about an Irish man plagued by fleas trying to defeat them. "The Lady and the Cake" is a dream that a queen had of everyone wanting cake changing into another story on how the deaf wants the hands (cake) but the hearing oppresses them thinking they know better. Part of George Veditz's Preservation of Sign Language series. - See more at: <http://videocatalog.gallaudet.edu/?video=2515#sthash.MtB9MssM.dpuf>*

2.3 REPRESENTAÇÃO NO TESEU

O conceito de representação é um dos principais conceitos dos Estudos Culturais e vai ser usado em nossas análises. Para Hall (1997, p. 15)¹⁸, a representação é “uma parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e trocado (exchanged) entre membros de uma cultura. Ele envolve o uso da linguagem, de signos e de imagens que representam coisas.” Assim, nós todos entendemos o mundo através de representações – de pessoas, de acontecimentos, de objetos, de lugares, de épocas etc. As pessoas aprendem a entender o mundo por meio das representações, da linguagem de sua família, seu meio social, da TV, da mídia etc.

A representação acontece através da linguagem, tanto através das línguas faladas e escritas, como pelas línguas de sinais. E também existe representação com outros códigos, como as imagens, como as roupas, os objetos que usamos, os gostos, as comidas etc. Usar roupas de marca, por exemplo, indica uma representação de sujeito com determinados gostos e poder econômico, que quer mostrar que pertence a um grupo.

Para Silva (2000, p.97), “Na análise cultural mais recente, [representação] refere-se às formas textuais e visuais através das quais se descrevem os diferentes grupos culturais e suas características”. Quando o autor fala em “textuais e visuais”, ele quer falar de textos num sentido amplo, mais do que só em textos escritos.

Existem representações de grupos de idade, de profissões, de gêneros, de orientações sexuais, de nacionalidades, de regiões. Estas representações mudam de acordo com os grupos e conforme a época. Representações de velhice, de velho e de velha, já variaram bastante, como se pode ver em propagandas e também em ilustrações de diferentes mídias. As representações de criança, de menino e menina não são as mesmas atualmente como as de 50 anos atrás. E não são as mesmas representações para classes sociais diferentes, para países diferentes.

¹⁸ Citações com tradução de Rosa Maria Hessel Silveira.

Outra ideia importante é que as representações se relacionam com identidades. As identidades se constroem com as representações que circulam na sociedade. Para Webb (2009, p. 78)¹⁹ “nossas identidades são produzidas como efeitos da cultura e, centralmente, da representação” (p. 78). O autor também afirma que o conhecimento trazido pelas representações “não apenas informa, mas também molda” (p. 79). Assim, as representações que vêm das imagens, das histórias, das conversas, que se repetem vão construindo as ideias que as pessoas têm das coisas e também dos outros grupos e também de si mesmas.

Dessa maneira, se pode concluir que também as identidades surdas são construídas pelas representações de surdo. Já foi bastante debatido como havia e ainda há representações de surdos como deficientes auditivos, numa visão ouvintista. Estas representações criam esta identidade de deficiente, e acontecem ainda bastante no discurso médico e outros discursos que circulam na sociedade.

Surdos criaram outras representações de surdo, numa visão cultural. As representações positivas dos surdos podem criar identidades surdas. Isso é um exemplo de como o poder tem a ver com representação. Quem tem o poder de representar o “outro” pode espalhar suas representações. Estas representações circulam mais. Por isso, é importante que os grupos possam fazer representações de si mesmos. Essas representações estão em todos os lugares – nos livros, nos poemas, nas conversas de todo o dia, nas leis, nas notícias e, também, nas piadas. Por isso, as representações de surdos e as representações de ouvintes que estão presentes nas piadas que circulam nas comunidades surdas são importantes para construir identidades surdas.

2.4 HISTÓRIAS ABC E NÚMEROS

Ainda no meio do rolo de papel? Sim, continuem... A comunidade surda brasileira começou a produzir histórias ABC e números antes dos anos 2000, mas o

¹⁹ Citações com tradução de Rosa Maria Hessel Silveira

registro foi somente a partir dos anos 2000. Através dessa forma de apresentação, a história é expressa em sequência de configurações de mãos, usando alfabeto manual, números, nomes próprios ou outras palavras. Geralmente a história é curta, é um desafio criar a história com configuração de mão. Quando a pessoa começa a aprender a contar uma história em sinais, pode usar seu próprio nome como forma de produção.

Nos Estados Unidos trabalham estas histórias com ABC e números, de modo mais frequente. Encontrei vários vídeos no YouTube, e em DVD, em que, por exemplo, um surdo estadunidense conta uma história sobre cowboy²⁰ e outro surdo contou a história sobre ninja²¹. Tem o DVD “A to Z, ABC stories in ASL”, produzido por Ben Bahan e outros artistas, com histórias ABC; em que as regras das histórias ABC e Números são explicadas. Wilcox acrescenta:

As histórias A-B-C são especialmente úteis nas aulas de segunda língua. Elas apresentam uma rápida narrativa, rigorosamente limitada em sua estrutura. Elas são compostas por 26 palavras, utilizando em sequência as configurações de mão correspondentes às letras do alfabeto. Os temas costumam girar em torno de tabus, como sexo, histórias de fantasma ou lendas que brincam com religião. Algumas histórias A-B-C tornaram-se famosas e hoje são formas literárias fixas; outras são improvisadas por talentosos contadores de história Surdos. (2005, p. 98).

Apresento a seguir as histórias ABC e números brasileiras que coletei. Encontrei as seguintes histórias: duas produzidas pelo ator Sandro Pereira²²; outra por Augusto Schallenberger (Caso F)²³, por Cláudio Mourão (Número Sangrento)²⁴, por Nelson Pimenta (DVD *Literatura em LSB: Pintor Sinalizado*) e por Fernanda Machado, que produziu várias, por exemplo “Abrir”, “Brinco”, “Onça” entre outras.²⁵

O exemplo a seguir, do sinal VACA, ilustra a forma narrativa, que é limitada estruturalmente à sequência de sinais com as letras que compõem tal palavra.²⁶

²⁰<https://www.YouTube.com/watch?v=zt-tv2BLSEU>

²¹https://www.YouTube.com/watch?v=_TG1WrU-x2Y

²² DVD PIADAS EM LIBRAS; uma história é na sequência ABC, outra história na sequência numérica

²³ <http://www.literaturasurda.com.br/musicvideo.php?vid=ef3a2319b>

²⁴ <http://www.literaturasurda.com.br/musicvideo.php?vid=ee22d132f>

²⁵ <https://www.YouTube.com/watch?v=M9Fp8IsEuG0>

²⁶ Ator Nelson Pimenta apresentou história “VACA” na palestra “Cultura Surda” no Seminário Nacional de Surdos: um olhar sobre as práticas de educação, ocorrido em Caxias do Sul, RS – 2001.




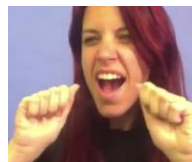
Figura 4 – Exemplo de uma história ABC

			
<p>Vaca olhando fazenda. Letra V</p>	<p>Vaca andando no capim. Letra A</p>	<p>Vaca olhando em volta. Letra C</p>	<p>Vaca mastigando capim. Letra A</p>

Fonte: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/>

Então, é através de uma palavra, VACA, que uma história em LIBRAS é contada: “era uma vaca passeando, olhando a fazenda, andando no capim, olhando em volta, foi mastigar o capim”. No entanto, não aparece o sinal VACA, mas cada sinal corresponde a uma letra dessa palavra, por exemplo, com a letra V é produzido o sinal “Olhar”. Assim, juntando as configurações de mão, presentes em cada sinal produzido, podemos perceber a soletração da palavra VACA.

Figura 5 – 2º Exemplo de uma história ABC

			
<p>Onça pintada Letra O</p>	<p>Onça andando veloz Letra N</p>	<p>Onça solta fumaça Letra Ç</p>	<p>Onça grita Letra A</p>

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=M9Fp8IsEuG0>

Veja esse outro exemplo atual (2014), em que através de uma palavra, ONÇA, uma história em LIBRAS é contada: “era uma onça pintada, andando com velocidade, parada, solta fumaça pelas ventas, grita”. No entanto, não aparece o sinal ONÇA, mas cada sinal corresponde a uma letra dessa palavra, por exemplo, com a letra O é produzido o sinal “onça”. Assim, juntando as configurações de mão, presentes em cada sinal produzido, podemos perceber a soletração da palavra ONÇA.

Este tipo é semelhante ao que Morgado traz no livro *Cultura Surda* (2011, p. 165), no caso 2: - “Brincadeiras com as configurações do alfabeto ou dos números, em que o ator pode criar uma história a partir delas, como é o caso de *Sad Story* (Uma história triste)²⁷, que conta a história de um acidente, desde o número um até ao dez.”

Ainda sobre este tipo de piadas, Karnopp (2012), em análise de piadas surdas brasileiras e estadunidenses, destaca que o riso é proporcionado pelo encontro de duas línguas, conforme citação a seguir:

[...] encontramos a série intitulada “A to Z – ABC stories in ASL”, cujo foco é apresentar o ABC, com ênfase no alfabeto manual e na sequencialidade dessas letras, associados com sinais. O DVD intitulado “A to Z, ABC stories in ASL”, produzido por Ben Bahan e outros artistas, apresenta histórias ABC em que o objetivo é proporcionar prazer e diversão, tendo como base os efeitos visuais de tais construções artísticas, efeitos esses proporcionados pelo contato de duas línguas: ASL e Inglês (p. 27).

Neste capítulo apresentamos estudos sobre o humor e algumas análises tanto nas línguas faladas quanto nas línguas de sinais, bem como exemplos de piadas que se relacionam com culturas e grupos diferentes. Descrevi um dos conceitos utilizados nesta investigação – representação – que utilizo principalmente para a análise de piadas clássicas em LIBRAS e também trouxe informações sobre as Histórias ABC e Números, importantes na literatura surda. No próximo capítulo apresento a metodologia, o problema de pesquisa, os objetivos e o material analisado nos capítulos seguintes.

²⁷ <http://www.YouTube.com/watch?v=SZGj-mMEjrs&feature=channel>

3. A CAMINHADA DO TESEU: APRESENTANDO A METODOLOGIA

Falta muito pouco para ver as piadas dentro da caixa. Relembro que, como já escrevi, minha principal questão de pesquisa é: quais representações de surdos e características da cultura surda estão presentes em piadas que circulam nas comunidades surdas? Para isso, também relembro, como já escrevi no início, que os objetivos são:

- (a) Mapear o humor/piadas em sinais, presentes em comunidades surdas [principalmente as brasileiras], registradas nos vídeos YouTube, em DVD e[ou] impressas, ilustradas..., de forma a selecionar um conjunto de piadas para análise mais detalhada.
- (b) Identificar quais piadas são mais conhecidas, ou seja, quais são as piadas clássicas que circulam em comunidades surdas.
- (c) Verificar permanências e diferenças entre diferentes versões de piadas e anedotas.

O material com o qual trabalho na tese vem de duas fontes. Uma fonte é a coleta de dados já registrados **em vídeo**. Em primeiro lugar, fiz uma pesquisa selecionando materiais em LIBRAS (DVD) e produções disponibilizadas em sites ou no YouTube²⁸, a partir de 2007.

Outra fonte de dados também veio de **material bibliográfico** variado, de obras que trazem histórias e anedotas envolvendo surdos, às vezes traduzidas para quadrinhos, às vezes escritas em textos ilustrados e às vezes com ilustrações que apresentam sinais dos surdos – ou para texto escrito. São seis obras: cinco livros e uma revista; duas são brasileiras e outras são estrangeiras (EUA, PORTUGAL, INGLATERRA).

²⁸ Youtube surgiu em 2005.

Em relação à organização dos materiais empíricos, devo considerar as temáticas relacionadas à cultura surda e a frequência com que aparecem. Assim, os principais critérios para seleção das piadas foram os seguintes:

- a) Existência de registro em vídeo, ou impresso. Muitas piadas são clássicas e muito antigas, no entanto, o registro (em DVD, em site, ou no YouTube) é mais recente.
- b) Piadas com personagens surdos e/ou com temas relacionados à cultura surda.
- c) Piadas que apresentam mais de uma versão. Considero versão, as variantes de uma mesma história, em que há um enredo semelhante entre as piadas, mas com detalhes que são acrescentados, modificados, adaptados. Preferência de, no mínimo, quatro versões, até seis versões de uma única piada. Também busquei qual era a versão mais antiga e diferente de outra versão. Cabe salientar que algumas piadas são mais recorrentes do que outras. Obviamente não esgotamos o número de piadas existentes, mas nesta pesquisa procurei selecionar de 4 a 6 versões de uma mesma piada. Como exemplo, as piadas da Árvore Surda, do Leão Surdo, da Lua de Mel apresentam mais versões disponíveis tanto em vídeo quanto impressa; no entanto, outras piadas foram mais difíceis de coletar, como “Espermatozoide Surdo”, em que foram encontradas somente quatro versões para esta análise.
- d) Piadas que circulam em diferentes versões. As versões podem se apresentar com diferenças e/ou permanências em relação ao tipo de personagem, enredo, local, tempo em que aconteceu... por exemplo, na piada do “Leão Surdo” e do “Touro Surdo” a narrativa é semelhante. Neste sentido, privilegiaram-se versões diferentes de uma mesma piada, embora tenha uma quantidade significativa de piadas contendo a mesma versão.
- e) Preferencialmente foram selecionadas piadas em LIBRAS; quando necessário, considerou-se também piadas em outras línguas de sinais: dos Estados Unidos, Argentina, México, Austrália etc.
- f) Fácil acesso – material disponível para consulta pública, em sites abertos, ou materiais editoriais, materiais publicados em DVDs, sites.

- g) Piadas clássicas do folclore surdo, considerando sua permanência e recorrência, conforme explicado na seção 1.2.1 desta tese.
- h) Sinalidade: Piadas preferencialmente contadas em sinais. Algumas piadas impressas (em desenho, texto escrito) foram selecionadas como complementares à análise, pois se relacionavam com a temática ou eram a mesma piada já contada em sinais. Além disso, a circulação em diferentes formatos – em vídeo, textual ou iconográfico – mostra a registro em diferentes meios. Exemplo disso é a Arvore Surda – com duas versões em sinais; três versões em desenho e uma versão em texto escrito.

3.1 MATERIAL EMPÍRICO: AS SURPRESAS DENTRO DA CAIXA

Neste capítulo, trago uma descrição mais geral, com quadros e tabelas, das piadas que foram analisadas. O total de materiais analisados foi de 78 documentos, sendo assim distribuídos:

Em vídeo: total de 61 documentos, dos quais no site Youtube, 49; em DVDs, 9 e em outros sites, 3. Em material impresso, bibliográfico, temos um total de 17 documentos, dos quais 12 são textos e 5, em desenhos. Apresento a seguir este material organizado em duas tabelas:

Tabela 1 – Distribuição de piadas conforme o número de versões analisadas

IDENTIFICAÇÃO DE PIADAS POR TÍTULOS	NÚMERO DE VERSÕES	TOTAL DE VERSÕES DAS PIADAS CITADAS
(Arvore Surda, Lua de Mel, Policial Sinalizador, King Kong, Leão Surdo, Touro Surdo, Pássaro Surdo, Granada, Trem, Cocô Surdo) [10 piadas]	06	60
(Pássaro na linha de telefone, Comunicação Escrita) [2 piadas]	05	10
(Cabeleireiro, <i>Espermatozoide</i> Surdo) [2 piadas]	04	08
		78

Fonte: a própria autora

Tabela 2 - Quantidade de materiais analisados

Piadas clássicas:	Material em vídeo:	Material bibliográfico:	Total:
14	61	17	78

Fonte: a própria autora

Para a organização do material, primeiramente assisti a todos os vídeos, para fazer categorias analíticas. A análise emergiu da própria coleta de dados e primeiramente descrevo como algumas produções tiveram modificações de sinais, considerando, por exemplo, especificidades como o tempo em que a piada foi produzida, a região, bem como a incorporação da tecnologia nas histórias (celular, internet etc.).

A análise do material contou com leituras diversas de textos relacionados à cultura surda (STROBEL, 2009), humor (POSSENTI, 1998; BERGSON 1980), representação (HALL, 1997), identidade (SILVA, 2000), entre outros, na busca por uma articulação teórico-metodológica. Assim, foram analisados materiais que “viajam”, que circulam em diferentes países, em diferentes comunidades surdas e na comunidade surda internacional.

Analiso detalhadamente a presença dos personagens, também a presença de animais, os desfechos e, principalmente, como apresentam representações de ser surdo, da Língua de Sinais e da cultura surda, por exemplo.

Foram descartadas da análise as piadas contadas em línguas de sinais mas que não se ajustam à maioria dos critérios mencionados anteriormente. Por exemplo, há uma quantidade significativa de piadas que tratam de temáticas diversificadas, mas que não se ajustam aos objetivos da presente tese. Para exemplificar isso, apresento duas piadas: “Motoqueiro” e “Caçadores”.

A piada Motoqueiro trata de um acidente de moto com um carro. O motoqueiro caiu e foi ajudado pelo motorista, que percebeu que o motoqueiro estava com o casaco virado. O motorista se apresentou como médico e avisou que iria resolver o problema. O motoqueiro tentou avisar que não precisava, mas o médico

agiu rapidamente e virou a cabeça do motoqueiro, que suspirou e morreu. Vejamos, a seguir, as quatro versões desta piada:

Quadro 1 – Versões da piada “Motoqueiro”.

Piada “Motoqueiro”				
Fonte: título; autor; ano; local	Fonte do documento	Personagens	Ações	Desfecho
Versão A <i>Dos motoqueros</i> Lisandro Rodriguez 11.01.2011 Argentina	YouTube	Dois Motoqueiros	Motoqueiro 1: perde o braço Motoqueiro 2: Morre após acidente	Motoqueiro 1: Após ver dois hospitais, desistiu do primeiro, pois o valor era alto para implantar o braço de volta. Decide ir a outro hospital, que saiu bem barato, e implantou o braço. Motoqueiro foi zombar do hospital caro e fez gesto obsceno com braço cruzado. O braço voou para longe.
Versão B <i>The bicycle</i> Ali Ibrahim 11.09.2011 Turquia	YouTube	Ciclista	Ciclista perde o braço	Após ver preço de dois hospitais para implantar o braço, o ciclista opta pelo mais barato. Ciclista agradece o médico que faz a cirurgia, mas é informado de que aquele era um hospital veterinário.
Versão C <i>Accidente de moto</i> Nacha 2013 Uruguai	YouTube	Motoqueiro	Motoqueiro vira o casaco e dá carona para uma mulher.	Após acidente de moto, técnico de ambulância vira o pescoço do motoqueiro; após, o técnico percebe que o casaco estava virado.

Versão D O Motoqueiro Surdo Augusto Schallenberger 2011 Brasil	Site	Motoqueiro surdo	Motoqueiro virou casaco.	Após acidente de moto, o motorista de carro que bateu foi ajudar o motoqueiro. Viu casaco virado, apresentou-se como médico e foi resolver a situação. Motoqueiro tentou avisar, médico pediu calma e rapidamente virou a cabeça do motoqueiro. O médico reconheceu que foi falha da comunicação.
---	------	------------------	--------------------------	---

Fonte: a própria autora

Em quatro versões dessa piada, somente uma delas (Versão D) apresenta o motoqueiro como personagem surdo. As três outras encontradas não identificam assim o personagem, mas apresentam cenário e desfecho semelhante. Assim, o destaque é para a circulação dessa piada em muitas versões e dos 4 exemplos aqui apresentados, 3 versões são de 2011. Observei três versões: argentina (Lisandro, 11.01.2011)²⁹, turca (Ibrahim, 11.09.2011)³⁰ e uruguaia (Nacha, 2013)³¹ e nenhuma delas diz que o motoqueiro era surdo, somente uma versão brasileira (Schallenberger, 06.2011)³² apresentou motoqueiro surdo. É interessante que houve circulação desta piada com algumas modificações: personagem motoqueiro surdo (na versão brasileira); personagem ciclista e sem detalhar sobre o casaco virado, na versão turca. A versão turca é próxima da versão argentina. Todos os personagens morrem, menos na versão turca; só que versão argentina apresentou dois motoqueiros, um morre e outro perde o braço. Observando o quadro acima, o qual está organizado conforme a data de publicação, é possível verificar qual é a mais antiga e a mais recente versão produzida. Todas as versões apresentaram o desfecho com cenário que focaliza o trânsito, hospital e um acidente. Observo que as três versões mostraram personagem motoqueiro; única versão turca que é ciclista. Em três versões o pescoço do motoqueiro foi virado.

²⁹http://www.YouTube.com/watch?v=_mfkLxtOrAQ&list=UU3OemRXA8dNIAfcOrTaLI7g&index=93

³⁰<https://www.YouTube.com/watch?v=s0KYx9Dik20&list=UUL8HpFKQD3xlf3Kt0RQkZsg>

³¹ <https://www.YouTube.com/watch?v=G1TMmjZxhMU>

³² <http://www.literaturasurda.com.br/musicvideo.php?vid=ab3bc76ac>

Quanto às semelhanças temáticas nas versões e quanto ao uso da língua de sinais na piada Motoqueiro, apresento o quadro a seguir para mostrar algumas dessas semelhanças que são aproveitadas para dar maior força expressiva às piadas.

Figura 6 – Mãos na moto/bicicleta em diferentes versões da piada “Motoqueiro”.



Fonte: a própria autora.

Como esta piada circulou, aproveito para destacar que um grande número de piadas circula, embora nem todas tratem de temáticas relacionadas aos surdos, mas se aplicam a situações do cotidiano de muitas pessoas.

Uma outra piada que foi excluída da análise, mas que atende a quase todos os critérios mencionados anteriormente, foi a piada dos caçadores, sendo excluída da análise porque encontrei somente 3 versões desta piada (ver critério C). Essa piada conta a história de caçadores surdos e ouvintes, sendo que os surdos conseguem caçar muito mais do que os ouvintes. Tal curiosidade é explicada devido ao silêncio no uso dos sinais, pois a fala dos ouvintes dispersa e afasta os animais. Além disso, os surdos apresentam ampla capacidade de atenção visual, pois observam o movimento das orelhas dos cavalos em que estão montados, o movimento das árvores na floresta, entre outros aspectos visuais. Outra explicação é que os animais na floresta se encantariam pela língua de sinais e se aproximariam dos surdos movidos por sua curiosidade. Observe o detalhamento das três versões encontradas:

Quadro 2 – Versões da piada “Caçadores”

Piada “Caçadores”			
Fonte	Fonte do docume-	Personagens	Desfecho

	nto		
Versão A Sem título Celso Badin 2010 Brasil	DVD	Um Surdo e ouvintes	Surdo participou de torneio de caça e, com o melhor veado caçado venceu. Os ouvintes perguntaram como conseguiu, mas o surdo se recusou em responder. O surdo caçou o veado e ganhou o troféu. Foi contar o segredo somente para surdos. Contou que observou as orelhas do cavalo que se mexeram.
Versão B Caçador Augusto Schallenberger 2011 Brasil	Site	Um guia Surdo para um grupo de ouvintes	Ouvintes foram à floresta para caçar veados. Um surdo trabalhava como guia para ouvintes. Ouvintes ficaram admirados como surdo conseguiu perceber veado para caçar e perguntaram como ele conseguia. O surdo respondeu que eram as orelhas do cavalo que se mexiam e indicavam a direção, avisando onde estava o animal.
Versão C Sem título Liina Paales 2013 Estônia	Texto/ Artigo	Caçadores surdos e caçadores ouvintes	Surdos foram para a floresta caçar. Surdos estavam sinalizando sem fazer barulho. Alces admiraram a comunicação deles e os surdos atiraram nos alces.

Transcrição da tradução da versão C:

Dois grupos de caçadores foram para a floresta; um grupo era formado por três surdos e outro por três ouvintes. Os ouvintes foram para a esquerda; os surdos foram para a direita. Os caçadores se dividiram e foram atrás de animais selvagens. Depois de algum tempo os caçadores se juntaram novamente: os três caçadores surdos e os três caçadores ouvintes. Os surdos caçaram três alces; os ouvintes, nenhum. Os ouvintes estavam surpresos. Então eles decidiram mudar de lado: os ouvintes foram para a direita, os surdos para a esquerda. Os ouvintes pensavam que os surdos tivessem tido um melhor campo de caça.

E então eles se juntaram novamente - os surdos pegaram cinco alces, enquanto os ouvintes não tinham nenhum.

A pergunta: Como poderiam os surdos caçar tantos animais?

Resposta A: Os ouvintes estavam conversando uns com os outros; os alces ouviam e fugiam. Os surdos sinalizavam uns com os outros, sem fazer ruído, e conseguiam pegar várias alce.

Resposta B: Os alces nunca tinham visto caçadores sinalizando e curiosamente se aproximavam dos surdos. Os caçadores surdos poderiam facilmente atirar uma bala no cérebro deles. (Tradução nossa)³³

³³ *Two groups of hunters went to the forest; one group was formed of three deaf and the other one of three hearers. The hearers went to the left; the deaf went to the right. The hunters split and went after wild animals. After a little while the hunters joined again: the three deaf hunters and the three hearing hunters. The deaf had caught three moose, the hearers had caught none. The hearers were surprised. So they decided to switch sides: the hearers went to the right, the deaf to the left. The hearers thought*

Fonte: a própria autora.

Observo que há semelhanças nessas três versões apresentadas: sem título (brasileiro Celso)³⁴, caçador (brasileiro Augusto)³⁵ e última versão escrita (autora estoniana Liina Paales)³⁶. Esta piada apresenta como o surdo consegue caçar o veado sem dificuldades; ouvinte precisa escutar para caçar o veado. Três versões apresentaram o animal parecido - veado ou alce. Também nas três versões o caçador era surdo. Duas versões brasileiras apresentaram semelhanças de que era o cavalo que mexia as orelhas para escutar e o surdo percebia as orelhas que se mexiam, como pistas para a caça. Na versão C (Estônia) temos uma diferença, já que o curioso alce foi atraído pelos sinais dos surdos (2009, p.15). Nas imagens que seguem, podemos perceber o movimento das orelhas dos cavalos.

Figura 7 – Cena “Orelhas do cavalo mexendo”



Fonte: a própria autora.

Voltando à apresentação de todos os materiais empíricos, quanto ao ano de publicação deles, encontrei materiais de 1981 até 2014. Os materiais mais atuais são a partir de 2000, possivelmente pela facilidade de registro em vídeo. Identifiquei o ano de cada uma das piadas, obtendo o seguinte resultado:

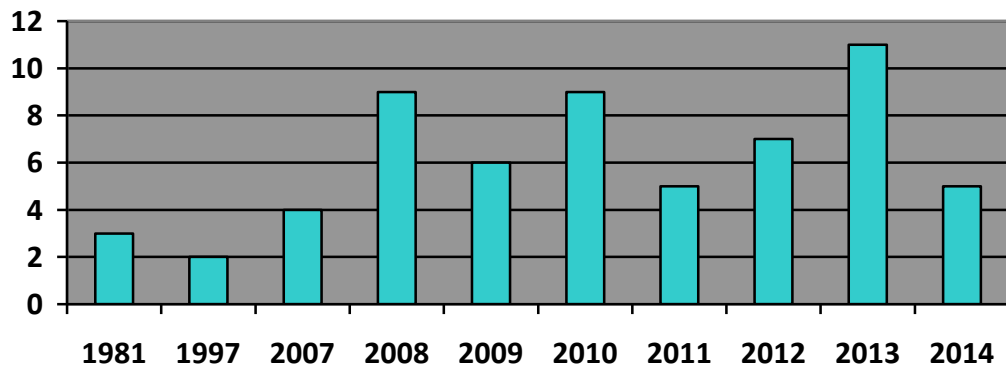
that the deaf must have had a better hunting ground. And then they joined others again – the deaf had caught five moose, while the hearers had none. The question: How could the deaf catch so many animals?A. Answer: The hearers kept on chatting to each other, the moose heard and took off. The deaf signed to each other, making no noise, and managed to catch several moose.B. The moose had never seen signing hunters; they curiously came towards the deaf. The deaf hunters could then easily put a bullet through the moose’s brain (PAALES, 2009, p. 15).

³⁴ DVD PIADAS EM LIBRAS com 20 piadas, produzido pela Feneis-SP

³⁵ <http://www.literaturasurda.com.br/musicvideo.php?vid=8e443bdb1>

³⁶ <http://www.folklore.ee/folklore/vol27/paales.pdf>

Gráfico 1 – Anos dos vídeos

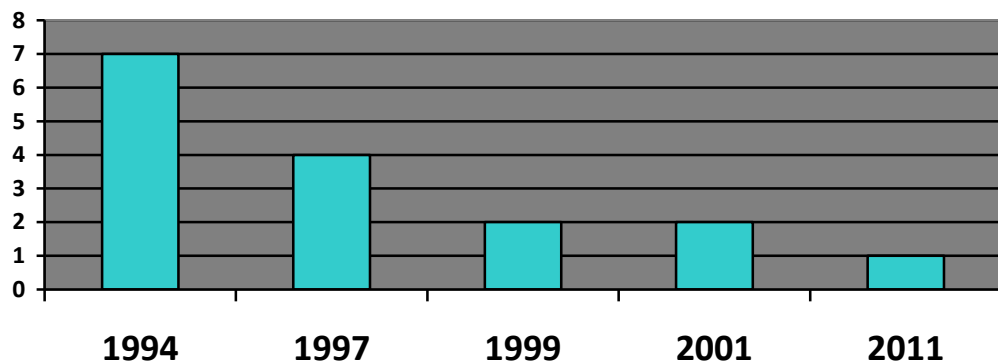


Fonte: a própria autora.

Podemos perceber que a maioria dos vídeos foi produzido a partir de 2007, havendo um período em que não foi possível encontrar vídeos – de 1997 a 2007. Em 1981, tem 3 registros de vídeos (vídeo catálogo Gallaudet), pelo motivo que neste ano houve o *Festival of American Folklife*, em que várias piadas foram registradas. Era um festival informal, em que qualquer pessoa podia se apresentar contando uma piada que conhecesse. Embora não fosse uma apresentação oficial, é importante porque tem o registro mais antigo, do início da década de 80, em que o uso de vídeo era meio raro.

Em 1997, localizei uma produção de materiais na FENEIS, através do grupo de pesquisa, localizado no Rio de Janeiro. Após isso, somente em 2007 recomeça de forma mais frequente a divulgação e circulação de materiais em vídeo. A maioria desses materiais foram disponibilizados no site YouTube e, em menor número, em DVD ou em sites.

Gráfico 2 – Anos das publicações impressas



Fonte: a própria autora.

Podemos perceber que o alto número de ocorrências do ano 1994 veio da publicação de um livro estadunidense (HOLCOMB, 1994), que apresentou 7 piadas. Também o maior número do ano 1997, decorre da apresentação de livro francês (traduzido em Portugal), com um número que chegou 4 piadas - são várias piadas com textos e desenhos.

Nota-se, assim, que, após a popularização de tecnologia, como a diminuição do tamanho das filmadoras, facilitando carregar e filmar, assim como a utilização de computador, notebook, tablets, celulares etc., cresceu bastante a produção de vídeos; em comparação o registro de textos escritos diminuiu, e está sendo pouca a produção das piadas escritas. Provavelmente após essas mudanças tecnológicas, fica sendo mais fácil o registro da r produção em Língua de Sinais.

Alerto, no entanto, para a dificuldade em localizar, buscar/encontrar vídeos na internet, considerando as possibilidades de pesquisa e localização dos materiais. Uma estratégia que utilizei foi através do sistema de busca através de títulos. Assim, localizei piadas por títulos abrangentes, por exemplo, “Leão Surdo”. No entanto, nem sempre esta estratégia foi suficiente e foi necessário usar um leque de palavras para localizar os vídeos. No caso, encontrei também a mesma piada através das palavras “O famoso violinista”.

Fica evidente que, em comunidades surdas (e também em comunidades ouvintes), muitas piadas não apresentam título. A piada inicia e não há uma identificação através do título. Por exemplo, na piada brasileira sobre Lua de Mel, o

ator surdo apresenta o vídeo no YouTube sem dizer qual título, somente conta a piada.

Outra forma de localização foi a identificação de títulos genéricos, como “Piadas em LIBRAS”, ou “*Deaf Joke*” ou “Chiste”. Assim, foi necessário assistir boa parte dos vídeos para saber do que se tratava, qual história era contada.

Além disso, para a identificação dos títulos, é necessário que muitos surdos façam a tradução de suas línguas de sinais para as línguas escritas de seu país (língua portuguesa, inglesa, espanhola etc.). Deve-se considerar que, para a maioria dos surdos, o uso de uma língua escrita é uma segunda língua – fato que traz implicações para a identificação de alguns títulos, que são estranhos e logo percebidos como títulos com diferenças quanto ao uso do vocabulário ou de expressões em segunda língua. Pode-se supor que há uma certa estratégia de evitação ou de fugir da identificação de piadas, visto que isso requer aventurar-se em uma segunda língua.

Após selecionar uma certa quantidade de piadas, utilizei uma outra estratégia: localizar piadas através dos atores que contam. Alguns surdos são encontrados de forma recorrente em vídeos e são famosos atores de histórias. Assim, utilizei também esta estratégia para localizar os vídeos.

Exemplifico algumas situações: ao buscar os vídeos no YouTube, houve alguma dificuldade para localizar os materiais, por causa do título, bem como das línguas com suas respectivas traduções, por exemplo: (a) o título “*Two Brothers*” (Dois Irmãos) é a piada estadunidense sobre cocô; então, eu não tinha como adivinhar que se tratava da mesma piada. Localizei esta versão através de outra estratégia, ao ver vídeos pelo critério “ator”.

Acredito que isto ocorra nos vídeos: o problema de identificar o título ou a inexistência de título. A maioria das piadas, como já mencionei, não apresentam o título, geralmente os atores sinalizam diretamente, contando a piada, apenas. Outra forma de iniciar é dirigir-se ao público, perguntando se eles conhecem piada sobre... e indicar o personagem principal, por exemplo, “Vocês conhecem a piada King Kong?”

Outro detalhe interessante é que muitos atores evitam os títulos, ou títulos muito completos, para não explicar os detalhes que produzem o humor, o riso e a graça das piadas. Então, os atores utilizam geralmente “Piada da árvore”, para não

serem óbvios, ou para não cortarem o humor antes do desfecho da piada. Se dissessem “Piada Surda”, já estariam adiantando o final da história.

Quanto à extensão e ao tempo das piadas, observo que elas variam. Algumas piadas são longas e só inserem o humor no desfecho. Outras piadas são curtas, breves. Um terceiro tipo são as piadas que se inserem em longas narrativas, como uma parte de uma outra história (neste caso, cito, por exemplo, uma piada argentina *El payaso sordo y gracioso* ³⁷, em que um ator conta uma longa narrativa, em que aparece pequena piada no meio, usando violino e touro surdo.

Também houve o caso de piadas que não são facilmente entendidas. Observo que principalmente algumas piadas em língua de sinais estrangeira, são mais difíceis de acompanhar, de entender. São situações em que o ator da piada não usa o gestuno³⁸ ou não usa a língua de sinais de modo a atingir um público surdo internacional. Algumas piadas encontradas não estão claras quanto ao objetivo e ao público-alvo a que se dirigem. Observo que os objetivos ao se contar uma piada podem ser muitos, variando de um registro pessoal, uma exigência profissional ou uma ampla divulgação da piada.

As produções variam também quanto ao ambiente: a maioria das piadas são filmadas em um ambiente mais informal – em casa – e produzidas de modo mais descontraído. Quanto ao público-alvo, observo que estão direcionadas ao público surdo ou ouvinte de seu país, ou a um público mais geral, surdos de outros países...

Tendo em vista a dificuldade de entendimento de algumas piadas, em outras línguas, muitas não chegaram a quatro versões da uma piada, como por exemplo, a falta de duas versões na piada *Cabeleireiro e Espermatozoide Surdo*. No entanto, são piadas que carecem de registro, embora circulem presencialmente com muita frequência entre os surdos. É possível afirmar isso, considerando minha inserção e participação em eventos da comunidade surda e o contato entre os surdos.

Por fim, ressalto que neste capítulo foram explicitados os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento das análises. Foram apresentados os objetivos e a questão de pesquisa, os critérios para seleção das piadas, o material empírico, os procedimentos na organização do material e o total de piadas e suas

³⁷ Palhaço surdo e gracioso (Tradução nossa).

³⁸ Gestuno: conhecido também como *língua de sinais internacional*.

versões. Além disso, foram indicados os procedimentos analíticos, com destaque para os desafios e escolhas feitas. O próximo capítulo apresenta as análises do material selecionado.

4. ENFIM AS PIADAS: APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Acharam a caixa? Nenhum monstro ou perigo por perto. Agora vão ler as 14 piadas. A partir dos objetivos e da proposta para o desenvolvimento desta tese, considerando os critérios explicitados anteriormente sobre a seleção das piadas, apresento, então, a análise das 14 piadas selecionadas. Cabe lembrar que a busca de materiais impressos e em vídeo ocorreu em diversos espaços, conforme citado anteriormente. A seguir vou dar mais detalhes.

Com o propósito de evidenciar a circulação de piadas em diferentes fontes, apresento algumas ocorrências encontradas. Cito, por exemplo, piadas que encontrei no catálogo de vídeos da Universidade Gallaudet, de filmagens feitas em 1981, durante o *Festival of American Folklife*. Esse registro em vídeo foi feito de modo informal, em que os participantes do Festival eram convidados a contar uma piada que conheciam. Pela antiguidade (início da década 80), registro visual e pela relevância desse material, que circulou em um Festival, selecionei algumas piadas deste site.

Na sequência, encontrei piadas que compõem materiais para o ensino de LIBRAS em diversos lugares. Observei que tem piadas nos materiais dos cursos de LIBRAS, por exemplo, na apostila “LIBRAS em contexto”, organizado pela FENEIS em 1997, bem como nos cursos de LSB 1, organizado por Nelson Pimenta e Ronice de Quadros (2006) e no curso semipresencial de Língua Brasileira de Sinais da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), produzido em 2008. Tais materiais foram, em alguma medida, utilizados na presente análise.

Além disso, utilizei, na presente análise, materiais encontrados em quatro DVDs. O primeiro, LIBRAS EM CONTEXTO, apresentou 6 piadas no MUNDO DO SURDO, contadas por três atores, e foi organizado pela FENEIS – RJ, em 1997. O segundo, “PIADAS EM LIBRAS”, apresenta 20 piadas, contadas por 6 atores surdos, e foi organizado pela Feneis-SP em (2010). O terceiro DVD contém o mesmo título

“PIADAS EM LIBRAS”, Confederação Brasileira de Surdos, (2009) e as 19 piadas são apresentadas por um único surdo, Sandro dos Santos Pereira. O último DVD foi feito no curso de Pós Graduação Unintese, apresentado por Cacau Mourão.

Verifiquei que o primeiro DVD, organizado pela FENEIS-SP, apresenta onze piadas com temáticas que representam a cultura surda. Já no segundo DVD, do ator Sandro Pereira, 10 piadas estão relacionadas à cultura surda. Podemos dizer que as principais temáticas destacadas nesses DVDs são: (a) valorização de LIBRAS, mostrando a importância do uso da LIBRAS para evitar falhas de comunicação e, mesmo, para evitar acidentes. Veja o autor Lane (1992, p.89) sobre esta possibilidade: “O humor do surdo inclui, frequentemente, o tema da pessoa surda fazendo uso da sua surdez para enganar a pessoa ouvinte”; (b) valorização da experiência visual, que é o sentido muito importante para nós, surdos, que usamos a vida toda, geralmente percebendo algo pela visão.

Neste capítulo, a seguir, apresento e descrevo as 14 piadas clássicas escolhidas, que são: “Árvore Surda”, “Lua De Mel”, “Policia Sinalizador”, “King Kong”, “Leão Surdo”, “Touro Surdo”, “Pássaro Na Linha De Telefone”, “Pássaro Surdo”, “Granada”, “Comunicação Escrita”, “Trem”, “Cabeleireiro”, “Espermatozoide Surdo”, “Cocô Surdo”. Para isso, organizo o material de modo a apresentar ao leitor uma sinopse da piada, da qual encontra-se também uma versão em LIBRAS (DVD anexo). Para detalhar a descrição, organizo as informações sobre as versões das piadas em um quadro contendo a fonte (título da piada, ator, país, ano), o material onde a piada foi disponibilizada (YouTube, site, DVD, impresso), os principais personagens da piada (humanos ou não-humanos) e o desfecho de cada piada.

4.1 ÁRVORE SURDA

Inicialmente, faço a apresentação da piada “Árvore Surda”. Esta piada é uma das mais antigas e, conforme registros encontrados, muito usada na comunidade surda. Apresento o seu resumo:

Um lenhador foi na floresta para cortar árvores. Quando foi cortar a primeira árvore, ele gritou “MADEIRA” e a árvore caiu. Fez a mesma coisa com próxima árvore e teve sucesso. Com a terceira árvore, o lenhador gritou, mas ela não caiu. Resolveu pedir ajuda de um médico, que descobriu que a árvore
--

era surda, indicando a necessidade de soletrar M-A-D-E-I-R-A. Então, a árvore caiu. (Tradução em LIBRAS disponível em DVD, pela autora desta tese)

Sobre os primeiros registros durante a coleta desta piada, encontrei um texto desenvolvido pela estadunidense Karen Baldwin (1982)³⁹. Não encontrei informações completas sobre a piada, mas registro que esta piada existe no mínimo há 33 anos, inclusive sendo citada em artigos acadêmicos.

Além disso, encontrei o poema *DeafTrees* (Árvore Surda)⁴⁰, apresentado pelo ator britânico Richard Carter. Sutton-Spence (2011, p. 177) mostra a tradução desse poema:

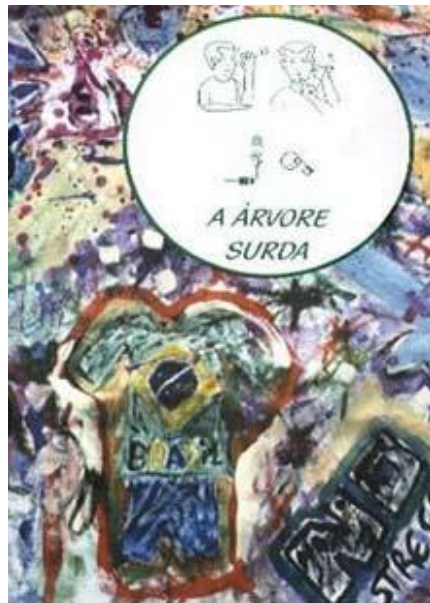
Em suma, uma pessoa que caminha por uma linda floresta depara-se com diversas árvores desconhecidas e as identifica usando um livro. Uma árvore feia e marrom de aparência esquisita não está no livro, então a pessoa a corta e planta uma árvore verde em seu lugar. Muitas outras árvores marrons têm o mesmo fim. Um dia, dois amigos surdos que caminhavam pela floresta admiram-se com uma árvore marrom de aparência estranha entre as árvores verdes. A árvore estende seus galhos e sinaliza a eles, perguntando “Vocês são surdos?”. “Sim, somos surdos”. “Eu também sou surda, mas sou única! Nenhuma dessas árvores verdes é surda! Os não surdos seguem nos derrubando. Todos os meus amigos estão morrendo. Eu não quero ser exterminada. Quero que a comunidade sobreviva! Tenho outros amigos surdos nas montanhas!” E, com isso, os galhos que sinalizavam recolheram-se e a árvore ficou em silêncio [...].

Observei que este texto poético é diferente da piada. Apresenta mudanças no gênero textual e também no conteúdo. Não farei análise, somente destaco como a situação trazida pela piada foi circulando na comunidade surda, incluindo adaptação para a poesia.

³⁹ Título “The Lumberjack and the Deaf Tree”: Images of the Deaf in Folk Narrative. Kentucky Folklore Record

⁴⁰Disponível no site www.bristol.ac.uk. <http://www.bristol.ac.uk/education/research/sites/micsl/poem-repository/poems/>

Figura 8 - Capa do livro infantil *História da Árvore*, no Kit LIBRAS é Legal



Fonte: <http://www.libraselegal.com.br/portal/>

Durante a coleta da piada *Árvore Surda*, encontrei outros materiais que não estão incluídos na análise, por exemplo uma piada estadunidense (2010)⁴¹, em que no desfecho o médico não fez a soletração manual, mas sinalizou “CAIR”. Outro material encontrado foi uma versão da piada adaptada para teatro, em que um grupo de surdos estadunidenses apresentaram o teatro *ÁRVORE SURDA* (2014)⁴². Por fim, encontrei um livrinho de história intitulado “*Árvore Surda*”, com gravuras que acompanham texto em português, escrita de sinais e desenhos de “sinais” do projeto “Kit LIBRAS é Legal”. Tais materiais não foram analisados, mas mostro, como evidência da circulação e permanência desta narrativa em diferentes publicações e gêneros.

Destaco que o próprio site LIBRAS é Legal⁴³ afirmou que a “*HISTÓRIA DA ÁRVORE*” é uma piada muito conhecida na comunidade surda, que vem sendo contada e recontada” (http://www.libraselegal.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=17&Itemid=53&lang=pt).

⁴¹<https://www.YouTube.com/watch?v=VF-jdOkeV7M&index=11&list=UUoEK2bQcjGH-qcE8-yq5omg>

⁴² <https://www.YouTube.com/watch?v=Wh71RX6quDU>

⁴³http://www.LIBRASelegal.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=17&Itemid=53&lang=pt

A seguir, apresento os materiais coletados e analisados referentes à piada “Árvore Surda”, que incluem várias fontes: vídeos coletados na internet e desenhos em quadrinhos registrados em quatro publicações impressas, com seis versões semelhantes da piada. A maioria das versões impressas é bem parecida na narrativa e no desfecho. Um livro apresentou o texto em inglês sobre piada; dois livros e uma revista apresentaram a piada em quadrinhos; dois vídeos foram coletados no YouTube.

Para fazer uma comparação mais precisa das seis versões, podemos visualizar um quadro síntese que fizemos com os seguintes elementos: material (vídeo, YouTube, desenho em quadrinhos ou texto escrito), personagens e desfecho.

Quadro 3 - Elementos de versões da piada “Árvore Surda”

Piada “Árvore Surda”				
Fonte	Material	Personagem 1	Personagem 2	Desfecho
Versão A Árvore Surda (Holcomb; Holcomb; Holcomb; EUA, 1994)	Livro	Lenhador	Médico de árvore	Médico examinou árvore; disse que árvore era surda e receitou para lenhador aprender alfabeto manual; soletrou MADEIRA. Árvore caiu.
Versão B Os Lenhadores (Renard e Lapalu 1997) PORTUGAL (original FRANÇA)	Livro	Três lenhadores	Guarda Florestal	Um lenhador gritou: MADEIRA; árvore não caiu. Outros dois lenhadores gritaram junto, árvore continuou parada. Repetiram o grito. Um guarda florestal chegou e disse que não adiantaria gritar. O guarda soletrou e a árvore caiu. Guarda florestal disse que árvore era surda.

Versão C O homem e a árvore (Luciana Trevizanutto, 1999 BRASIL)	Revista FENEIS	Lenhador	Botânico	Médico examinou árvore e soletrou MADEIRA. Árvore caiu. Disse que árvore era surda.
Versão D Sem título. Len Hodson 1999 INGLATERRA	Livro	Lenhador	Médico	Médico examinou árvore; diz árvore era surda. Lenhador teve ideia, foi soletrar MADEIRA. Árvore caiu.
Versão E <i>Timber</i> Trudy Fraser 2013 AUSTRÁLIA	YouTube	Lenhador	Médico	Médico examinou árvore; diz árvore era surda. Lenhador foi soletrar MADEIRA. Árvore caiu.
Versão F Sem título Fábio de Sá 2014 Brasil	YouTube	Lenhador	Intérprete	Lenhador ligou para chefe explicando sobre árvore, chefe chamou o intérprete de LIBRAS. Chegou intérprete, lenhador explicou, intérprete pediu para ele falar. Lenhador falou: MADEIRA, intérprete soletrou. Árvore caiu. Lenhador diz que árvore era surda.

SINOPSES**Versão A (Estadunidense)****ÁRVORE SURDA**

Um lenhador estava ocupado trabalhando na floresta, derrubando árvores. Um lenhador responsável sempre gritava “Madeira!” quando uma árvore caía. Um dia, ele se deparou com uma árvore que não caía, mesmo que ele batesse com força ou gritasse bem alto. Depois de consultar seus colegas lenhadores, ele decidiu chamar um médico de árvore. Quando o médico de árvore examinou a árvore, o diagnóstico foi de que a árvore era surda e não conseguia ouvir o sinal “Madeira!”. O médico receitou que o lenhador aprendesse o alfabeto manual. Ele aprendeu o alfabeto e soletrou com os dedos M A D E I R A para a árvore. Logo em seguida, a árvore começou a cair. (HOLCOMB, HOLCOMB E HOLCOMB, 1994, p. 04 – Tradução Iuri Abreu)

Versão B (Portuguesa / originalmente francesa)

OS LENHADORES



Dá a expressão: "Surdo como uma porta."

Versão C (Brasileira)

O HOMEM E A ÁRVORE

LENHADOR - HOMEM, TRABALHO: CORTAR ÁRVORES
LENHA - MADEIRA DAS ÁRVORES



UM HOMEM PROCURA ÁRVORES PARA CORTAR. É O TRABALHO DELE: LENHADOR.



O LENHADOR SÓ ACEITA CORTAR ÁRVORES NO LUGAR QUE TEM REFLORESTAMENTO. SE NÃO TIVER REFLORESTAMENTO ELE NÃO ACEITA CORTAR NENHUMA ÁRVORE (DESTRUIR A NATUREZA... PRA QUE???? AS ÁRVORES SÃO IMPORTANTES)

CORTAR ÁRVORES À TOA, NÃO



AQUI TEM REFLORESTAMENTO



MADEIRA!



MAIS UMA

ENTÃO O LENHADOR COMEÇOU A TRABALHAR. ELE ACHOU E CORTOU A PRIMEIRA ÁRVORE.

O LENHADOR GRITOU E A ÁRVORE CAIU.

ELE ACHOU A SEGUNDA ÁRVORE TRABALHA MUITO



MADEIRAAAA



O LENHADOR JÁ CORTOU MUITAS ÁRVORES! ESFORÇADO!



MADEIRAAA

MAS... UMA ÁRVORE NÃO CAIU. (???)



O LENHADOR NÃO ENTENDEU



MADEIRAAAA

ELE GRITOU MAIS ALTO... NÃO CAIU...



MADEIRAAAA

ELE PEDIU AJUDA PARA UM BOTÂNICO.

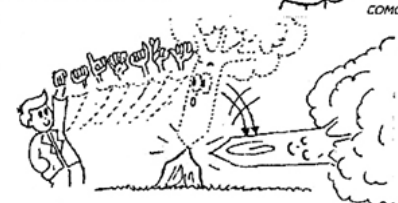


MADEIRAAAA

COMO ?????? SÓ O BOTÂNICO ENTENDEU O QUE ACONTECEU.



O BOTÂNICO ENTENDEU O QUE ACONTECEU.

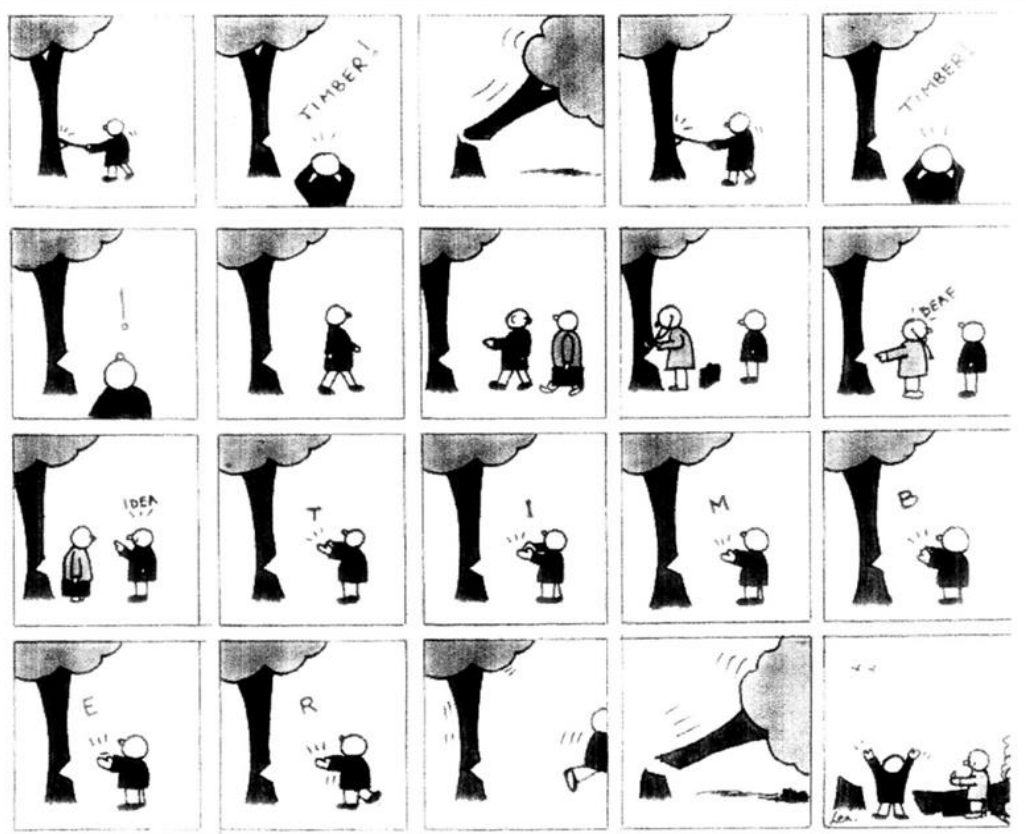


O BOTÂNICO FEZ SINAIS E A ÁRVORE CAIU.



SABE PORQUE????????

PORQUE A ÁRVORE É SURDA. (PIADA)

Versão D (Inglesa)*Sem Título***Versão E (Australiana)**

Um lenhador corta e derruba árvores. Um lenhador responsável sempre gritava “Timber!” quando uma árvore caía. Corta a segunda árvore e grita - árvore caiu. Na terceira árvore, ele se deparou com uma árvore que não caía, mesmo que ele gritasse bem alto. Então foi ligar para chamar médico e esperou médico. Quando o médico chegou e foi examinar a árvore, o diagnóstico foi de que a árvore era surda. O lenhador foi soletrar T I M B E R para a árvore. Logo em seguida, a árvore começou a cair.

Versão F (Brasileira)

Um lenhador corta e derruba árvores. Um lenhador responsável sempre gritava “Madeira!” quando uma árvore caía. Corta a segunda árvore e grita: árvore caiu. Na terceira árvore, ele se deparou com uma árvore que não caía, mesmo que ele gritasse bem alto. Então foi ligar para chefe do trabalho, explicando a situação da árvore, chefe diz que chamaria o intérprete de LIBRAS, lenhador estranhou. Chegou o intérprete de LIBRAS, o lenhador explicou a situação, intérprete pediu para ele falar., lenhador falou “Madeira”, intérprete soletrou M A D E I R A para a árvore. Logo em seguida, a árvore

começou a cair. O lenhador diz que a árvore era surda.

Fonte: a própria autora.

Figura 9 – Cenas da piada australiana⁴⁴ e da piada brasileira⁴⁵



Fonte: YouTube

Numa primeira comparação, percebemos que a piada não foi muito modificada, nas várias versões selecionadas. Como elementos que permanecem, temos os personagens: lenhador e árvore surda. Outra permanência em todas as versões são algumas características: o local era uma floresta, a árvore era surda, alguém usou soletração manual e a árvore caiu.

Algumas versões têm pequenas diferenças em relação à sequência narrativa; por exemplo, nas versões D e E, o médico somente faz o diagnóstico e avisa para lenhador que a árvore era surda. Somente na versão A o médico faz o diagnóstico e receita ao lenhador usar alfabeto manual. As outras versões, B e C, mostram que o guarda (B) ou o médico (C) soletraram diretamente, comunicando que a árvore era surda após a árvore cair.

A versão B, em quadrinhos, traz algumas diferenças. Não é só um lenhador, mas vários. Um lenhador grita “Madeira” e eles correm para se proteger, esperando que a árvore caísse. Os três lenhadores gritam juntos e mais forte, “Madeira”, mas não adianta. Então, aparece um personagem semelhante a um guarda florestal, que soletra “madeira” e finalmente a árvore cai. Assim, na versão B, não teve nenhum exame, mas contou com a experiência de um guarda florestal, que soletrou diretamente.

⁴⁴ <https://www.YouTube.com/watch?v=aiQrW1FkRPg>

⁴⁵ https://www.YouTube.com/watch?v=6JU_I1CK25g&list=UUi8qHwrScueAMc8QkuUiBQA

A versão C, feita em quadrinhos, é bastante semelhante às outras, mas quem soletra a palavra é o botânico e não o lenhador. Percebemos algumas frases sobre reflorestamento, ecologia, com preocupação educativa, mostrando como aparecem outros discursos, evidenciando uma intertextualidade. Ainda na versão C, o médico examinou e soletrou diretamente e o lenhador ficou surpreso.

Sobre os personagens nas versões A, D e E encontramos um médico. Na versão B, é um botânico e, na versão C, um guarda florestal. Somente na versão C, há uma maior quantidade de lenhadores - são três!

Interessante também destacar aspectos relacionados ao uso de sinais. Somente na versão F temos a presença de intérprete para traduzir para a árvore surda a soletração da fala do lenhador. Outro aspecto é que, em todas as versões, os personagens usaram soletração manual, mas nenhum deles usou sinais. Além disso, a soletração foi feita em línguas diferentes, conforme o país em que a piada foi contada, como MADEIRA, TIMBER, sendo ajustada também ao alfabeto manual de cada país, como Austrália e Inglaterra que utilizam alfabeto com as duas mãos; ou versão brasileira, estadunidense e francesa que utilizam uma mão para soletração.

Observamos também que esta piada apresenta o maior número de versões com ilustrações (3 materiais em quadrinhos), comparada às demais piadas. Possivelmente essa narrativa apresenta mais facilidade para desenhar o cenário e os acontecimentos, pois apresenta poucos elementos: árvore, lenhador, floresta.

Quanto ao títulos das versões, há uma variedade de registros, desde a versão (A) que apresentou um título óbvio “Árvore Surda”, até “O Homem e a árvore”, “Os lenhadores” e “Madeira”. Duas versões não apresentaram título. Podemos ver que a primeira versão, mais antiga, utilizou um título em que o desfecho já ficava evidente. As outras versões foram mais sutis, não anunciando no título algo que é central para o entendimento do desfecho.

Por fim, quanto às representações de surdos e características da cultura surda, cito Strobel (2009, p. 65), que traz explicações sobre a piada “árvore surda”:

Na maioria das vezes essas piadas e anedotas envolvem a temática das situações engraçadas sobre a incompreensão das comunidades ouvintes acerca da cultura surda e vice-versa, como é o caso da popular piada “A

árvore surda”: o lenhador que grita “madeira” para uma árvore surda e ela não cai, e a árvore só cai quando o lenhador aprende a soletrar “m-a-d-e-i-r-a”. O sujeito surdo, ao contar esta piada, incorpora os personagens com as expressões corporais e faciais e os diálogos, usando a língua de sinais, o que faz com que os espectadores prendam a respiração no desenrolar da história humorística para depois caírem na risada.

Nesta piada, vemos que a árvore surda é identificada como a árvore diferente, estranha, exótica, não se comporta como as demais. É alvo de atenção dos lenhadores, que precisam chamar o médico ou um especialista para saberem o que está acontecendo ou o que fazer...

Observamos que o fato de saber língua de sinais acelera o serviço na floresta e, portanto, é uma vantagem para os ouvintes, profissionais, especialistas. Em todas as versões, fica claro que se o personagem soubesse língua de sinais, não haveria necessidade de chamar médico ou especialista! No entanto, poucos sabem sinais, poucos sabem se comunicar em língua de sinais.

4.2 LUA DE MEL

Outra piada muito conhecida da Comunidade Surda é a piada “Lua de Mel”. Apresento o resumo da piada:

Um casal surdo foi viajar de lua de mel. Chegaram no hotel, o noivo desceu para pegar alguma coisa no carro; depois, não lembrou mais qual era o número do quarto (andar). Resolveu buzinar no carro e logo se acenderam todas as luzes nas janelas. O noivo identificou a janela que não acendia luz, logo era onde estava a noiva. Contou qual era o andar e subiu (Tradução em LIBRAS disponível em DVD, pela autora desta tese).

Encontrei três registros estadunidenses mais antigos; conforme autor Gannon (1981, p.206), é uma piada antiga (34 anos, sendo o registro mais antigo que localizei). Observe:

Um homem surdo foi convidado para uma festa em um hotel. Em sua chegada, ele percebeu que havia esquecido o número do quarto, mas ele

lembrava do andar. Ele então bateu em todas as portas daquele andar. A porta que não abriu, ele sabia que era a porta da festa. Ele então a abriu e entrou (Tradução nossa)⁴⁶

Um exemplo das tensões que surgem desta competição pelo controle do som pode ser encontrado no que é conhecido popularmente como “a piada do motel” ou “lua de mel”, um clássico na comunidade. Padden e Humphries (1988, p. 103) afirmam que a piada já existe, conforme este registro escrito:

Um casal Surdo dá entrada num motel. Eles recolhem-se cedo. No meio da noite, a esposa acorda seu marido queixando-se de uma dor de cabeça e pede que ele vá até o carro e busque algumas aspirinas do porta-luvas. Cambaleante e com sono, ele esforça-se para levantar, veste seu roupão, sai do quarto até o carro. Ele encontra as aspirinas, e com o frasco na mão ele volta em direção do motel. Mas ele não lembra qual é o quarto dele. Após pensar por um instante, ele volta ao carro, coloca sua mão na buzina, segura-a, e espera. Rapidamente a luz do motel acende, todas menos uma. É o quarto de sua esposa, claro. Ele tranca seu carro e vai em direção do quarto sem luz acesa.

Outra versão desta piada é apresentada por Lane (1992, p. 89):

Um casal surdo é sempre acolhido pelo proprietário do motel, mesmo quando fazem o registro de entrada já tarde. Vão para o seu quarto, onde a mulher se apercebe que deixou os cigarros no carro; o marido vai buscá-los e não consegue lembrar de qual dos quartos mais próximos e idênticos – está tudo escuro – ele havia saído apenas alguns minutos antes. Ele começa, então, a buzinar insistentemente, acendem-se as luzes em todo o motel – excepto num quarto, onde ele entra e vai para a cama.

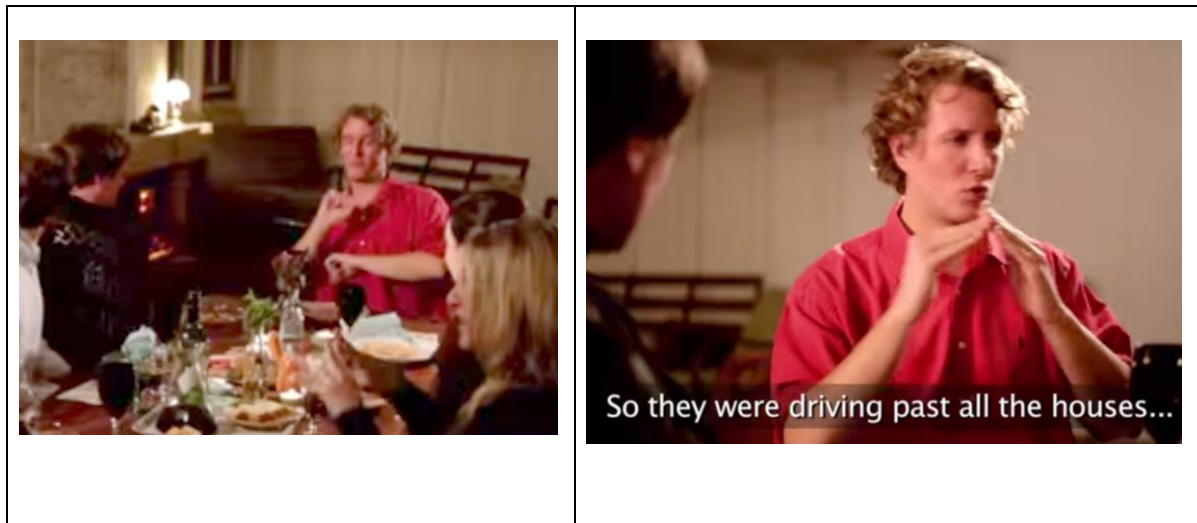
Além desses exemplos foi possível assistir a uma propaganda⁴⁷ da *National Relay Services*, sobre telefone em Austrália para surdos e ouvintes, através de um filme de curta metragem⁴⁸, onde apareceu uma cena no filme que refere a piada sobre lua de mel. Veja as figuras.

⁴⁶ *A deaf man was invited to a party at a hotel. On his arrival he realized that he had forgotten the room number, but he remembered the floor. So he knocked on all the doors on that floor. The door that didn't open, he knew was where the party was. He opened it and walked in.*

⁴⁷ <http://relayservice.gov.au/making-a-call/video-relay/>

⁴⁸ <https://www.YouTube.com/watch?v=9ntmf5BA8RQ>

Figura 10 – Cenas da propaganda que referem à piada Lua de Mel.



Fonte:Fonte: <https://www.YouTube.com/watch?v=9ntmf5BA8RQ>

Além dessas ocorrências citadas nos parágrafos anteriores, apresento 6 versões desta piada, que são analisadas na presente tese: (a) texto impresso, dos Estados Unidos (*DeafCulture – Our Way: Anecdotes from the Deaf Community*); (b) texto impresso, da França (*Surdos, 100 piadas*); (c) comercial estadunidense da Pepsi, no YouTube⁴⁹; (d) DVD Sandro Pereira; (e) piada brasileira no You Tube e (f) piada brasileira coletada no YouTube⁵⁰. Apresento, detalhes sobre a piada, no quadro que segue.

Quadro 4 – Versões da piada “Lua de mel”.

Piada “Lua de mel”					
Fonte	Material	Personagens	Local	Situação problema	Desfecho
Versão A Lua de Mel Holcomb; Holcomb; Holcomb; 1994 EUA	Livro	Um jovem casal surdo	Motel	Mulher queria beber champanhe. Homem saiu para comprar champanhe	A recepção do hotel estava fechada. Homem não lembrava qual era o quarto de onde tinha saído e então foi tocar buzina no carro, acenderam as luzes em todos os quartos. Homem

⁴⁹<http://www.YouTube.com/watch?v=ffrq6cUoE5A>

⁵⁰<https://www.YouTube.com/watch?v=0XgT1SWFd4g>

<https://www.YouTube.com/watch?v=Apje5BQMKg0>

					viu um que não acendia a luz. Era aquele.
Versão B O Hotel Renard e Lapalu 1997 PORTUGAL (originalmente FRANÇA)	Livro	Um casal surdo	Hotel	Mulher adormeceu, homem saiu para beber no bar, voltou embriagado.	A recepção do hotel estava fechada. Homem não lembrava qual era o quarto de onde tinha saído e então foi tocar buzina no carro, acenderam as luzes em todos os quartos. Homem viu um que não acendia a luz. Era aquele.
Versão C <i>Bob's House Pepsi's new Super Bowl Ad</i> 2008 EUA	You tube Comercial Pepsi	2 amigos surdos	Casa	Procurando onde é casa do amigo surdo	Buzinou até todas casas acenderam menos uma casa. Era a casa que procurava.
Versão D Sem título Sandro Pereira 2009 BRASIL	DVD	Um casal surdo embriagado	Prédio	Mulher queria beber, homem saiu para comprar bebida	Homem voltou embriagado, não lembrava número do apto, resolveu soltar "peido" com um barulho forte. Acenderam as luzes nos quartos, mas ele viu um que não acendia a luz. Entrou no apartamento por engano, viu que era uma velhinha surda também.
Versão E					Homem voltou, não lembrava

Lua de Mel Andrei Borges 2010 BRASIL	YouTube	Um casal surdo	Motel	Mulher mandou usar camisinha, homem saiu para comprar camisinha	número do apto, resolveu apertar todos andares no interfone. Acenderam as luzes em todas as janelas. Homem viu uma que não acendeu. Era aquela.
Versão F Sem título Fabio de Sa 2013 BRASIL	YouTube	2 amigos – 1 surdo e 1 ouvinte	Hotel	Surdo adormeceu, ouvinte saiu para lanchar no bar, voltou sem lembrar número de quarto.	Resolveu gritar máximo para acordar os outros quartos. Viu um quarto com luz apagada. Era aquele. .

SINOPSES

VERSÃO A (Estadunidense)

LUA-DE-MEL

Um jovem casal surdo estava dirigindo por uma estrada em uma cidade movimentada devido a uma convenção na noite de seu casamento, procurando um quarto para celebrar a primeira noite de matrimônio. Depois de achar o último quarto disponível em toda a cidade, o noivo tirou a noiva do carro e a carregou no colo até o quarto. Ele estava ansioso para começar sua primeira noite juntos, mas a noiva insistia em tomar uma garrafa de champanhe para que a noite ficasse completa. O noivo saiu resmungando e dirigiu até uma loja 24 horas para comprar uma garrafa gelada. Quando voltou ao motel, não conseguia lembrar em qual quarto a noiva estava esperando, e a recepção já estava fechada. Depois de um momento de hesitação, ele bolou um plano. Tocou a buzina do carro até que a luz de todos os quartos se acendesse. Sabendo que sua esposa não poderia escutar a buzina, ele localizou facilmente seu quarto – era o único com as luzes apagadas (Holcomb, Holcomb e Holcomb, 1994, p. 03) – Tradução Iuri Abreu.

VERSÃO B (Portuguesa / originalmente francesa)

O HOTEL

Um casal de surdos, em viagem ao estrangeiro, chega a uma grande cidade americana, aluga um carro e instala-se no hotel.

- Esta longa viagem cansou-me! – gestua a mulher que se deita e adormece logo.

Ao homem não lhe apetece dormir, prefere ir beber um copo. Desce ao bar do hotel, mas já está fechado. Sai à rua, mas, à sua volta, está tudo fechado. Pega no carro e procura um pouco mais longe. Após umas voltas, encontra finalmente um bar aberto! Um pouco mais tarde, já ligeiramente embriagado, o surdo volta para o hotel. Mas já é noite cerrada, esforça-se a tentar relembrar o caminho, mas não reconhece os prédios, há arranha-céus por todo o lado, parecem todos iguais... Finalmente, encontra o hotel! Trazia a chave, mas não se lembra do número do quarto... e, àquela hora, já não havia

ninguém na recepção. De repente tem uma ideia: volta para o carro, carrega na buzina e espera que as luzes das janelas se acendam todas... Todas... menos uma, claro! Aquela onde dorme a sua mulher!

VERSÃO C (Estadunidense)

Eram 2 amigos indo festa na casa do amigo surdo; perderam o número da casa, resolveram buzinar na rua. Acenderam todas as luzes das casas e viram uma casa com luz não acesa. Acharam festa do surdo. Eles beberam refrigerante Pepsi dentro no carro.

VERSÃO D (Brasileira)

Era um casal embriagado voltando para casa; mulher pediu comprar mais bebida. Homem saiu, comprou e voltou sem lembrar número do apartamento. Resolveu dar “peido” mais forte, com um barulho tão forte, que acenderam todas as luzes nos apartamentos. Viu um apagado, foi subir achando que era aquele onde estava a mulher, só que errou ao entrar no apartamento, pois encontrou uma velhinha surda.

VERSÃO E (Brasileira)

Era um casal “esquentando” no motel, mulher pediu usar camisinha, homem saiu para comprar. Voltou sem lembrar o número, resolveu tocar todos os números no interfone e foi olhar as janelas acesas. Somente uma janela não acendeu a luz; contou qual era o andar e foi subir.

VERSÃO F (Brasileira)

Eram dois amigos, um surdo e um ouvinte, que foram viajar e resolveram parar no hotel. O ouvinte saiu para lanchar, surdo ficou ali no quarto para dormir. Ouvinte voltou sem lembrar número do apartamento e resolveu dar grito mais forte possível. Acenderam as luzes das janelas menos uma janela; contou qual era o andar e foi subir.

Fonte: a própria autora.

Quanto às semelhanças, observamos que nestas versões há duas pessoas, geralmente um casal, que se envolvem em uma situação. No entanto, há versões C e F que modificam um pouco os personagens, apresentando dois amigos, não um casal. Uma única versão (F) traz dois amigos, um surdo e um ouvinte; nas demais versões, todos são surdos. Além disso, há outros elementos clássicos encontrados de modo recorrente nas diferentes versões:

- o local é geralmente hotel ou motel;
- casal está em lua de mel;
- o homem sai para buscar algo que esqueceu ou para comprar algo;
- uso de buzina (em algumas, é um grito ou um “peido” muito barulhento).

Os títulos das versões são próximos: “lua de mel”; “hotel”; “motel”, sendo que duas versões não apresentam título. Apenas versão C apresenta título bem diferente, porque o foco é um comercial de Pepsi-Cola.

A maioria das versões apresenta como local hotel ou motel, menos a versão D, que traz um prédio onde mora o casal surdo, e também a versão C, que era de uma festa na casa.

No enredo da narrativa, percebemos que, em todas versões, é o homem quem sai para fazer, buscar ou comprar algo. Em nenhuma situação a mulher saiu para fazer, comprar ou buscar algo. Neste sentido, podemos inferir que as questões culturais e de gênero estão marcadas na piada, em que o homem sai e a mulher fica em casa.

Na situação problema, observamos que, ao sair, o homem compra variadas coisas, dependendo da versão: champanhe (versão A), bebida alcoólica não especificada (versão D) e camisinha (versão E). No entanto, na versão B, o homem saiu para beber em um bar; na versão C, eram dois amigos surdos tomando Pepsi-Cola em um carro e, na última versão (F), eram dois amigos, sendo que o ouvinte saiu para lanche e o surdo adormeceu. As versões A e D são mais parecidas, já que envolvem a compra de bebida alcoólica.

Quanto ao desfecho da narrativa, em todas as versões teve o barulho para acordar ou incomodar os vizinhos e localizar o quarto onde o surdo estava, por ser o único em que a luz não é acesa. A buzina é um elemento clássico no desfecho da piada, mas em algumas versões, o desfecho é soltar “peido” (humor escatológico), apertar o interfone de todos os apartamentos ou gritar bem alto.

Figura 11 – Cenas do barulho para acordar os vizinhos



Fonte: YouTube

A versão D complementou o final, expandindo alguns detalhes, por exemplo: após luzes serem acesas no prédio, o homem entrou no apartamento errado e encontrou uma velhinha surda na cama.

Por fim, quanto às representações de surdos e características da cultura surda, nas versões desta piada, se pode ver que o fato de ser surdo também é uma vantagem. O barulho é um incômodo para os ouvintes e os surdos não são incomodados por isso. Outro aspecto é o uso de estratégia visual para localização de algo esquecido – ao perceber que não lembrava do número do apartamento, o marido ou noivo tem uma ideia que só pode ter sucesso porque a noiva ou esposa é surda e não vai ter a reação que todos os ouvintes têm: acender a luz. Assim, quanto às representações, podemos afirmar que o silêncio e o uso da visão são mostrados como ganhos surdos; além de mostrar esperteza na resolução de problemas.

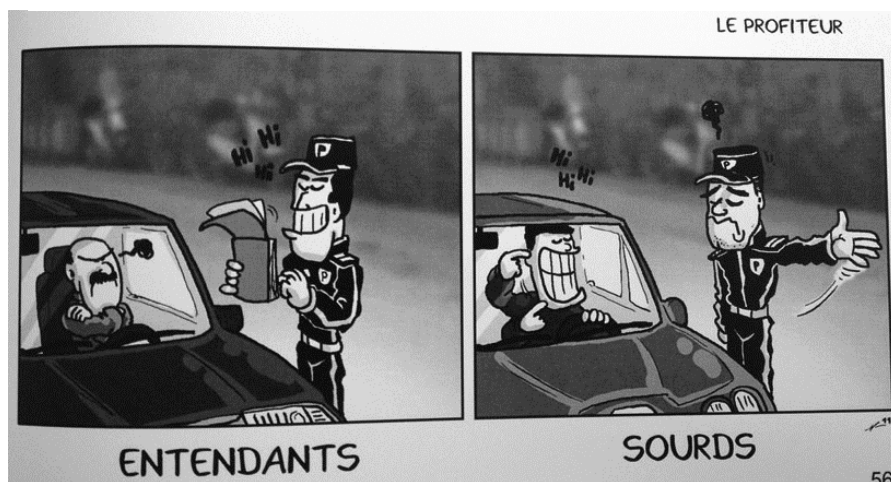
4.3 POLICIAL SINALIZADOR

Outra piada bem conhecida é a do “Policia! Sinalizador” e a seguir apresento o resumo:

Um caroneiro surdo pegou carona de caminhão; o motorista é ouvinte. Foram andando de caminhão; o motorista resolveu cochilar um pouco, pediu para o surdo guiar, e o surdo foi dirigir o caminhão. De repente, um policial pediu para o caminhão parar e foi falar com o chofer. O surdo se apresentou, usando Língua de Sinais, não levou a multa e o policial liberou o caminhão. O motorista ouvinte achou que tinha aprendido a levar vantagem! Depois o motorista ouvinte pegou a direção, foi dirigindo, dirigindo. Outra vez, policial pediu para parar. O motorista usou a mesma estratégia e se apresentou como surdo; mas o policial sabia Língua de Sinais, e se apresentou ao motorista. Não teve sucesso. (Tradução disponível em DVD, pela autora desta tese)

Encontrei uma ilustração desta piada, sendo o desenho do cartunista surdo. Vejamos a seguir.

Figura 12 – Le Profiteur



Fonte: MEGIAS, 2011

Para fins de descrição e análise, apresento as seis versões selecionadas desta piada, retiradas das seguintes fontes: (a) em texto, anedota estadunidense; (b)

em DVD, LIBRAS em Contexto; (c) em quadrinhos (“Surdos,100 piadas”); três piadas disponíveis no YouTube⁵¹ (d) estadunidense, (e) brasileira e (f) uruguaia. Na sequência, apresento os detalhes da piada.

Figura 13 - Cena - policial alertando que tem de ir devagar.



Fonte: YouTube

Quadro 5 – Versões de “Policial Sinalizador”

Piada “Policial Sinalizador”					
Fonte	Material	Personagem 1	Personagem 2	Meio de transporte	Desfecho

⁵¹<https://www.YouTube.com/watch?v=6AjM3CNnaCg>
<https://www.YouTube.com/watch?v=4Pu0N-oCqDg>
https://www.YouTube.com/watch?v=_KO6dUYypFg

<p>Versão A</p> <p>Policia Sinalizador</p> <p>Holcomb; Holcomb; Holcomb; 1994 EUA</p>	<p>Livro</p>	<p>Condutor surdo</p>	<p>Caroneiro ouvinte</p>	<p>Carro</p>	<p>Caroneiro ouvinte dirigiu em alta velocidade, policia pediu para parar. Caroneiro fingiu que era surdo, mas policia sabia Língua de Sinais porque seus pais são surdos e não se deixou enganar.</p>
<p>Versão B</p> <p>Sem título</p> <p>Silas Queiroz 1997 BRASIL</p>	<p>DVD</p>	<p>Condutor ouvinte</p>	<p>Caroneiro surdo</p>	<p>Caminhão</p>	<p>Condutor ouvinte dirigiu em alta velocidade, policia pediu para parar. Condutor fingiu que era surdo, policia sabia Língua de Sinais e não se deixou enganar.</p>
<p>Versão C</p> <p>O Policia</p> <p>Renard e Lapalu 1997 PORTUGAL (originalmente FRANÇA)</p>	<p>Livro</p>	<p>Condutor ouvinte</p>	<p>Caroneiro surdo</p>	<p>Carro</p>	<p>Condutor ouvinte dirigiu em alta velocidade, policia pediu para parar. Condutor fingiu que era surdo e policia sabia Língua de Sinais porque aprendeu num estágio e não se deixou enganar.</p>
<p>Versão D</p> <p><i>The Deaf Driver and the Police</i></p>	<p>YouTube</p>	<p>Condutor surdo</p>	<p>Caroneiro ouvinte</p>	<p>Carro</p>	<p>Após policia abordar duas vezes, condutor surdo escapou tranquilo.</p>

John Lestina 2007 EUA					Caroneiro ouvinte dirigiu em alta velocidade, policial pediu para parar. Caroneiro fingiu que era surdo, policial sabia Língua de Sinais porque seus pais são surdos e não se deixou enganar.
Versão E A carona para surdo Andrei Borges 2010 BRASIL	YouTube	Condutor ouvinte	Caroneiro surdo	Caminhão	Caroneiro ouvinte dirigiu em alta velocidade, policial pediu para parar. Caroneiro fingiu que era surdo, mas era o mesmo policial, que agora deu multa, porque já tinha avisado antes.
Versão F <i>Auto</i> Carina Bacigalupo 2012 URUGUAI	YouTube	Condutor ouvinte	Caroneiro surdo	Carro	Caroneiro ouvinte dirigiu em alta velocidade, policial pediu para parar. Caroneiro fingiu que era surdo, policial chamou intérprete de Língua de Sinais.

SINOPSES**VERSÃO A (Estadunidense):****POLICIAL SINALIZADOR**

Depois de apanhar uma pessoa pedindo carona em um trecho deserto da estrada, um

surdo estava dirigindo em alta velocidade pela estrada. Em pouco tempo, um policial mandou que ele parasse. O caroneiro estava se sentindo mal pelo motorista surdo, até que percebeu que ele não estava levando uma multa por causa de sua surdez. O motorista sorriu e voltou a acelerar assim que o policial foi embora. Mais tarde, ele foi parado por outro policial. Mais uma vez, ele fingiu ter muita dificuldade em entender o policial, e conseguiu ir embora sem levar multa. O caroneiro ficou tão impressionado que quis fazer uma tentativa. Naquela hora, o motorista estava ficando cansado, então ele decidiu deixar o caroneiro dirigir por um tempo. O caroneiro pensou que essa seria sua oportunidade de ouro para dirigir tão rápido quanto quisesse sem ser multado. Naturalmente, um policial o fez parar depois de registrar uma velocidade de 160 km/h. O caroneiro começou a se fingir de surdo e fez que não estava entendendo o policial. O policial então sinalizou: “Você é surdo? Eu tenho pais surdos. Por favor, me dê a sua carteira de motorista”. O caroneiro ficou atônito! (Holcomb, Holcomb e Holcomb, 1994, p. 03) – Tradução de Iuri Abreu.

VERSÃO B (Brasileira)

Condutor ficou com sono, pediu caroneiro surdo dirigir no lugar dele. Caroneiro surdo dirigiu e acelerou a velocidade; policial pediu para parar, caroneiro apresentou-se e informou que era surdo. Policial tentou explicar que deveria ir mais devagar e liberou sem multa. Condutor ouvinte ficou admirado e voltou a trocar novamente o lugar. Resolveu imitar, aumentou a velocidade. Foi abordado pelo policial e o condutor tentou enganar o policial dizendo que era surdo, mas policial sinalizou diretamente para ele.

VERSÃO C (Portuguesa / originalmente francesa)





VERSÃO D (Estadunidense)

Condutor surdo acelerou a velocidade, policial pediu para parar, condutor apresentou-se e demonstrou que era surdo. Policial tentou explicar que deveria ir mais devagar e liberou sem multa. Caroneiro ouvinte ficou admirado. Condutor surdo continuou dirigindo com velocidade maior e foi abordado novamente por um policial que liberou-o logo após saber que condutor era surdo. Condutor surdo ficou com sono, pediu para trocar de lugar para poder dormir. Caroneiro ouvinte começou a dirigir, resolveu imitar o surdo e aumentou a velocidade. Foi abordado pelo policial, caroneiro procurou enganar o policial dizendo que era surdo; policial se apresentou como CODA, filho dos pais surdos, sinalizou. Caroneiro ficou desesperado porque foi descoberto e, foi acordar o condutor.

VERSÃO E (Brasileira)

Condutor ouvinte ficou com sono, pediu para caroneiro surdo dirigir no lugar dele. Caroneiro surdo dirigiu e acelerou a velocidade, policial pediu para parar, caroneiro apresentou-se e demonstrou que era surdo. Policial tentou explicar que deveria ir mais devagar e liberou sem multa. Condutor ouvinte ficou admirado. Caroneiro surdo desceu para pegar ônibus, condutor foi dirigir. Resolveu imitar o surdo e aumentou a velocidade. Foi abordado pelo mesmo policial, condutor procurou enganar o policial dizendo que era surdo, mas policial deu multa porque já tinha avisado antes que devia reduzir a velocidade. Condutor reclamou e policial percebeu que ele era ouvinte. Surdo, dentro no ônibus, viu a cena e fez cumprimento enorme para condutor que reclamou.

VERSÃO F (Uruguiaia)

Condutor ouvinte ficou com sono, pediu para caroneiro surdo dirigir no lugar dele. Caroneiro surdo dirigiu e acelerou a velocidade, policial pediu para parar, caroneiro

apresentou-se e demonstrou que era surdo. Policial tentou explicar que deveria ir mais devagar e liberou sem multa. Condutor ouvinte ficou admirado. Caroneiro surdo desceu para ir para casa, condutor foi dirigir. Resolveu imitar o surdo e aumentou a velocidade. Foi abordado pelo policial, condutor procurou enganar o policial dizendo que era surdo, mas policial chamou o intérprete de Língua de Sinais.

Fonte: a própria autora.

Numa primeira comparação, percebemos que a piada não foi muito modificada e muitos aspectos permanecem nas várias versões, por exemplo, os personagens são sempre três: condutor, caroneiro, policial.

Vemos que a maioria das versões (A, B, C e D) tem um desfecho semelhante: policial sabia Língua de Sinais, porque seus pais eram surdos ou aprendeu no estágio (versão B não apresentou como policial aprendeu Língua de Sinais). No entanto, na versão E, policial não sabia Língua de Sinais e em F, o policial chamou o intérprete de Língua de Sinais.

Interessante também é o desfecho para o ouvinte que tenta enganar o policial, fingindo ser surdo: o ouvinte sempre fica no prejuízo, por vezes o policial sabe língua de sinais ou policial percebe a farsa ou chama um intérprete.

Sobre o condutor e o caroneiro, percebemos que um condutor era surdo e caroneiro ouvinte; em outra, o condutor era ouvinte e caroneiro surdo (versões A e D). Nas duas versões estadunidenses (A e D), o condutor era surdo e nas outras versões o condutor era ouvinte e caroneiro surdo. Quanto ao gênero, uma única versão (C) apresentou uma mulher surda como caroneira. Outras versões não marcam se era homem ou mulher.

Quanto ao desfecho, somente na versão C, após policial informar que sabia Língua de Sinais, o condutor foi preso numa cela. Esta única versão complementou o final.

Sobre o transporte que aparece nas piadas, há variação, por exemplo, a versão A não apresentou qual era o transporte, as versões B e E têm um caminhão; outras versões C, D e F referem um carro. Observamos que o transporte mais comum é carro ou caminhão e nenhuma apresentou outro transporte, como moto.

Quanto ao número de abordagens feitas pelos policiais, observamos que a versão D apresentou policial que abordou o mesmo carro três vezes, sendo que em outras versões os motoristas foram abordados apenas duas vezes. Os títulos das

versões são próximos, sendo que algumas palavras são mais frequentes, como “polícia”, “carona” e “auto”. Constatamos também que há uma versão sem título.

Além disso, questões que envolvem acessibilidade são destacadas: os surdos não usufruem de serviços públicos com profissionais qualificados para atenderem em língua de sinais.

Um dos aspectos do humor presente na piada ocorre em forma de zombaria, quando o ouvinte, ao querer fingir ser surdo e tentar enganar o policial, acaba em prejuízo. Neste sentido, Renard e Lapalu (1997, p. 108) destacam:

Quem diria que ser surdo pode trazer muitas vantagens? A surdez invisível, mais do que o mundo do silêncio, é o mundo da visão. Mas, atenção! Por vezes, fazer de surdo pode ser perigoso!

Por fim, quanto às representações de surdos e características da cultura surda, nas versões desta piada, o ganho surdo fica evidente: o surdo escapa da multa; o policial não sabe Língua de Sinais e, constrangido, libera o motorista. Outra representação está relacionada ao orgulho de ser surdo; conforme Ladd (2013, p. 154): “Se os policiais não gestuam⁵², dizem-lhes: ‘Não gestuas? Estúpido, tu’. Todos estes aspectos positivos se acumulam para construir um orgulho forte em ser Surdo”.

4.4 KING KONG

Outra piada que vou analisar é do personagem King Kong, o gorila gigante. A piada básica é a seguinte:

Num lugar onde vivem muitas pessoas, de repente, apareceu o King Kong, assustando as pessoas, que fugiram. King Kong veio andando, andando, viu moça loura e bonita, pegou-a na mão. Moça pediu que não a matasse, King Kong gostou dela e pediu para casar com ela. Mas, quando usou o sinal CASAR, destruiu a moça em pedaços (Tradução em LIBRAS disponível em DVD, pela autora desta tese).

⁵² Gestuar: tradução do inglês para o português de Portugal. A expressão portuguesa “língua gestual” é utilizada como língua de sinais, no Brasil.

O exemplo que encontrei desta piada saiu no caderno didático de LIBRAS na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)⁵³, em uma ilustração de King Kong, publicada em 2006. Apresentou a ilustração um pouco parecida com a piada – a narrativa visual se aproxima da narrativa textual. King Kong é surdo, pegou mulher na mão, foi subir na torre, mas aviões estavam atrapalhando. King Kong resolveu sinalizar com a outra mão; então, mulher caiu.

Figura 14 - Caderno didático de LIBRAS na UFSM

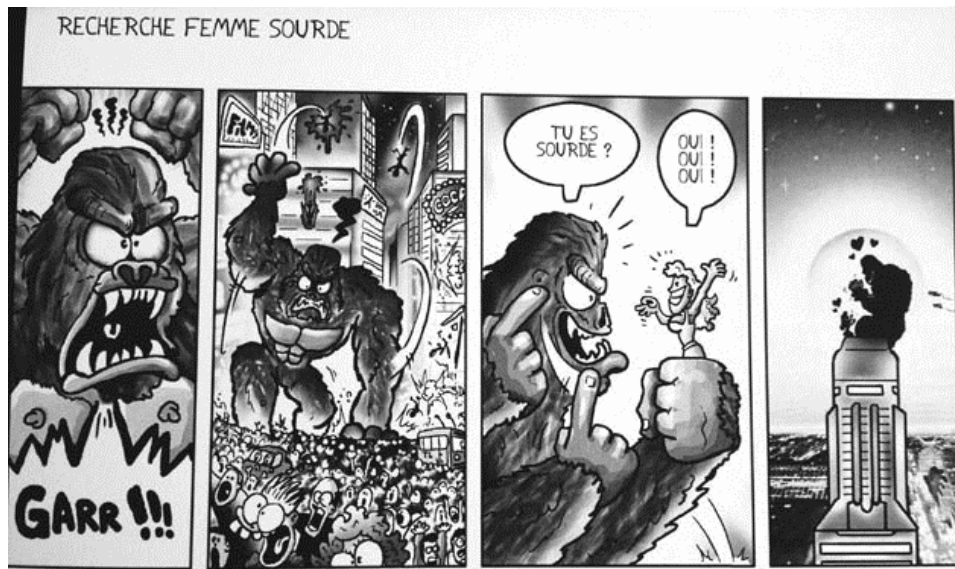


Fonte: SILVEIRA, 2006.

O segundo exemplo desta piada está numa figura que saiu no livro suíço Sourds et Quiproquos - nº3 – Deaf VS Hearing (2011). Gorila atacou a cidade, viu a moça loura, pegou-a, perguntou se ela era surda. Ela confirmou que era. Foram conversar (em sinais) no alto da torre.

⁵³ Autora Carolina Hessel Silveira. LIBRAS 4. Santa Maria - RS: Gráfica e Editora Pallotti, 2006 (Curso de Graduação a Distância de Educação Especial - UFSM).

Figura 15 – Recherche Femme Sourde



Fonte: MEGIAS, 2011

O terceiro exemplo encontrei no site estadunidense *That Deaf Cartoonist*⁵⁴, e foi publicado em 2010.

Figura 16 – In Deaf Culture



King Kong Comic Strip

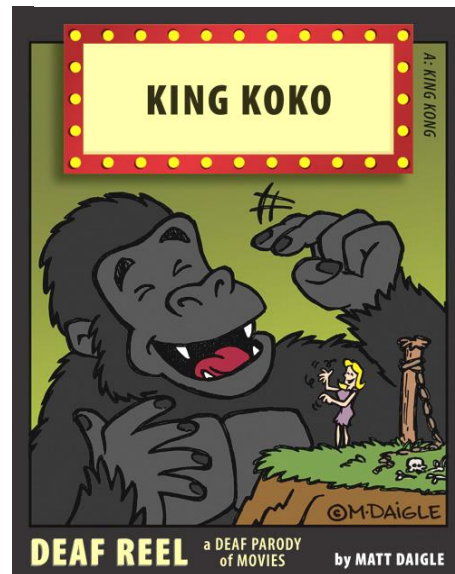
CLOSE X

Fonte: <http://blog.mdaigletoons.com/?p=246>

A quarta ilustração foi encontrada no site estadunidense Deaf Reel, conforme a figura, publicada em 2011.

⁵⁴ <http://blog.mdaigletoons.com/?p=246>

Figura 16 – King Koko



Fonte: <http://www.deafreel.com/?p=177>

Além das ilustrações encontradas, outros registros foram encontrados. Por exemplo, um vídeo no YouTube⁵⁵ (EUA), que não faz parte da análise, porque fechei em seis versões, mostrou vários atores sinalizando a piada King Kong. Também outro exemplo interessante foi a utilização e adaptação de King Kong em uma crítica feita à NAD (*National Association of the Deaf*), em 2012, reivindicando a América livre de audismo⁵⁶.

Figura 17 – Deaf King Kong



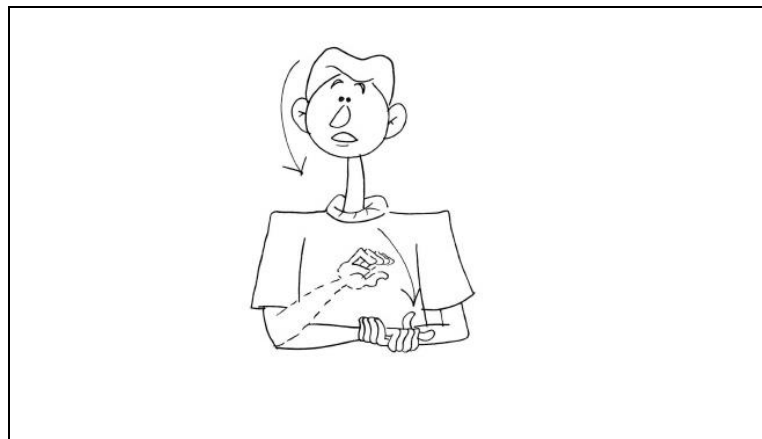
Fonte: <https://www.YouTube.com/watch?v=Os9afiQ4MLw>

⁵⁵https://www.YouTube.com/watch?v=8XfatNIDPPE&index=11&list=PLTW0d1kt5CnVDsUFvYQ8kHE49_82rhwQ

⁵⁶ <https://www.YouTube.com/watch?v=Os9afiQ4MLw>

O humor desta piada vem principalmente do uso do sinal de CASAR, já que as duas mãos são usadas para a articulação deste sinal, e uma delas bate na outra. O sinal CASAR é igual nos países EUA e BRASIL, por isso é que foram coletadas as piadas nestes países. Essa piada faz sentido em países que apresentam esse sinal para casar, pois o desfecho e riso são provocados pela forma como o sinal é articulado. Vejamos exemplos deste sinal, em LIBRAS:

Figura 18 – Sinal CASAR



Fonte: Apostila Libras em contexto, 2002.

Encontramos uma versão dessa piada, produzida pelo ator brasileiro Santiago Feliciano (27.10.2008)⁵⁷ e também cinco versões estadunidenses (09.01.2012)⁵⁸; (04.03.2013)⁵⁹ e (19.02.2014)⁶⁰, conforme detalhamento da piada no quadro a seguir.

Quadro 6 – Versões da piada King Kong

Piada “King Kong”				
Fonte	Material	Personagens	Local	Desfecho

⁵⁷ <http://www.YouTube.com/watch?v=l2p39qFpKBs>.

⁵⁸ <http://www.YouTube.com/watch?v=c6ZSMVdqKk4>

⁵⁹ <https://www.YouTube.com/watch?v=5a3mFrRaPO0>

⁶⁰ <https://www.YouTube.com/watch?v=PgGnBwU3QHE>

Versão A Sem título. MJ Bienvenu 2001 EUA	Livro	Gigante e Mulher loura	Vila	Após esmagar mulher, diz que melhor é oralismo.
Versão B King Kong Holcomb; Holcomb; Holcomb; 1994 EUA	Livro	Gorila e Mulher surda	Praia	Gorila sinalizou “casar” e deixou mulher em pedacinhos.
Versão C King Kong Santiago Feliciano 2008 BRASIL	YouTube	Gorila e homem surdos	Centro de São Paulo	Gorila abraçou surdo e o esmagou. Saiu disfarçado.
Versão D <i>The Tragic Story of the Deaf King Kong</i> 2012 EUA	YouTube	Gorila e mulher loura surdos	Cenário de filme	Gorila e mulher conversaram entre si, porque ambos são surdos, depois gorila também sinalizou “casar”, esmagou a mulher (em pedacinhos) e trocou ator surdo para ator ouvinte.
Versão E Sem título Rob Nielson 2013 EUA	YouTube	Gorila e mulher	Cidade	Gorila sinalizou “casar”; esmagou mulher, ficou com nojo ao ver mulher esmagada e resolveu comê-la.
Versão F Deaf King Kong Jay Harris	YouTube	Gorila surdo e mulher loura	Floresta na China	Gorila sinalizou “casar”; esmagou mulher e gritou revoltado batendo no peito.

2014 EUA				
SINOPSES				
<p>VERSÃO A (Estadunidense)</p> <p><i>A huge giant is stalking throung a small village of wee people, who are scattering throung the streets, tryng to escape the ugly creature. The giant notices one particularly beautiful blonde woman scampering down the cobble-stoned street. He stretches out his clumsy arm and sweeps her up, then stares in wonder at the slight, shivering figure in his palm. "You are so beautiful, "he exclaims. The young woman looks up in fear. "I would never hurt you," he signs, "I love you! We should get MARRIED." Producing the sign MARRY, he crushes her. The giant then laments, "See, oralism is better." (Bienvenu, 1989, p. 101)</i></p> <p>TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS:</p> <p>Um gigante enorme está perseguindo pessoas em uma pequena vila de pessoas pequeninas, que estão se espalhando pelas ruas, tentando escapar da criatura feia. O gigante observa particularmente uma bela mulher loira, correndo pela calçada. Ele estende o braço desajeitado e pega-a; em seguida, olha com espanto para a figura tremendo na palma da sua mão. "Você é tão linda", ele exclama. A jovem olha para cima com medo. "Eu nunca iria machucá-la ", ele sinaliza, "Eu te amo! Nós deveríamos nos casar." Ao produzir o sinal de casar, ele a esmaga. O gigante então, lamenta: "Veja, oralidade é melhor " (BIENVENU, 1989, p. 101 - Tradução nossa).</p>				
<p>VERSÃO B (Estadunidense)</p> <p>KING KONG</p> <p>Em um dia quente de verão, muitas pessoas estavam se divertindo em uma praia local quando o King Kong apareceu. Vendo aquele macaco enorme, as pessoas começaram a gritar e a fugir da praia, exceto uma adorável garota. Inconsciente de toda a comoção, a mulher continuava a tomar banho de sol tranquilamente. Depois de ter afugentado todo o mundo, King Kong se aproximou da única pessoa que ficou na praia e a agarrou em suas mãos. Ela ficou com medo e começou a gritar. O King Kong tentou dizer a ela como ela era bonita. Ela indicou que era surda apontando para as orelhas e fazendo sinal de não com a cabeça. O King Kong ficou surpreso em saber que ela era surda, já que sabia um pouco da língua de sinais. Ele começou a sinalizar: "Você é muito linda. Eu quero casar com você". Mas no processo de sinalizar "casar", King Kong a deixou em pedacinhos (HOLCOMB, HOLCOMB E HOLCOMB, 1994, p. 05). Tradução: Iuri Abreu.</p>				
<p>VERSÃO C (Brasileira)</p> <p>No centro, em São Paulo, um surdo caminha e percebe muitas pessoas correndo e se afastando. Surdo viu uma sombra enorme atrás dele; resolveu se virar para ver o que era, era King Kong atrás dele. Surdo avisou que era surdo, King Kong diz que também era surdo. King Kong foi abraçar o surdo, que alertou que ele era muito grande; mas King Kong o abraçou com força, matando o moço e saindo disfarçado.</p>				

VERSÃO D (Estadunidense)

Em um cenário do filme, ator surdo King Kong viu mulher loura linda, foi atrás dela. Loura caminhava mais ligeiro por medo, olhando para atrás várias vezes. King Kong pegou-a na mão, mulher disse que era surda, King Kong afirmou que também era surdo, que eram iguais. King Kong disse que ela era linda, pediu-a em namoro. Loura concordou com o pedido King pediu para CASAR com ela e, ao sinalizar, acabou matando a mulher. A narradora, ao final da história, faz um comentário: melhor trocar o personagem King Kong surdo para ouvinte [para evitar tragédia].

VERSÃO E (Estadunidense)

Numa cidade, King Kong olhava o movimento, as pessoas se afastavam por medo. Ele viu a mulher na janela, pegou-a através da janela. Com a mulher na mão, King Kong olhou-a; mulher pediu calma, e King Kong pediu para CASAR com ela; esmagou-a e resolveu comê-la e saiu.

VERSÃO F (Estadunidense)

Numa floresta na China, há uma confusão de jipes com pessoas tentando atirar em King Kong, que lutava contra os jipes. Ele viu loura dentro de um jipe, pegou loura, ficou apaixonado por ela, declarou que a amava e pediu para CASAR com ela. Ao ver que tinha matado a mulher, deu grito, batendo forte contra o peito.

Fonte: a própria autora.

Considerando que as Línguas de Sinais são diferentes em cada país, observamos que esta piada não foi contada em muitos países, possivelmente por causa do sinal “casar”, que é central para o desfecho da história. Obviamente que são possíveis adaptações. Encontrei as versões estadunidenses e brasileira e ambas têm mesmo sinal “casar”. A maioria das versões (cinco) foram estadunidenses. Há possivelmente, uma influência da cultura estadunidense e do filme KING KONG⁶¹, na produção destas versões, ou seja, houve influência desse filme na Comunidade Surda estadunidense, que é a origem da maioria de registros.

Essa piada, para ser apreciada, para causar o riso, necessita que as pessoas tenham conhecimento da língua de sinais, para que os significados possam ser compartilhados. Ao contar esta piada para ouvintes que não sabem Língua de Sinais, nem conhecem a Cultura Surda, fica difícil entender a piada, pois ela está fortemente ligada à Cultura Surda. Neste sentido, Rutherford (1983, p. 312) comenta:

⁶¹ Filmes feitos no EUA de King Kong, com versões diferentes a cada ano - o primeiro filme foi feito em 1933; o segundo foi feito em 1976; o último filme foi feito em 2005.

[...] muitas pessoas que são fluentes em sinais e que entendem e apreciam o jogo entre sinal e glosa não apreciam inteiramente a piada. O fato de isso acontecer evidencia a questão mais importante da especificidade cultural do humor, pois aqui, a falta de apreciação não se origina de “não entender a piada”, mas de uma falta de experiência cultural compartilhada.

Os títulos das versões são parecidos, sendo que algumas palavras são mais frequentes, como “King Kong” (duas versões apresentaram o mesmo título) e “Deaf King Kong”. Constatamos também que há uma versão sem título.

Numa primeira comparação, percebemos que a piada mostra que são somente dois personagens: King Kong e pessoa (mulher ou homem). Encontramos, na maioria das versões, estes dois personagens, menos na versão C, que eram King Kong e homem; a versão A não mostra que era King Kong, apenas que era Gigante e mulher. Há uma única versão C (BRASIL), que mostra que King Kong encontrou uma pessoa que é homem, não mulher.

A identificação dos personagens como surdo ou ouvinte é variável nas versões apresentadas, por exemplo, King Kong era surdo e mulher, ouvinte (versão F); King Kong era ouvinte e mulher, surda (versão B); ambos eram surdos (versão D) e a versão E não refere se os personagens eram surdos ou ouvintes.

Na sequência da narrativa observamos que todas as versões apresentaram King Kong pedindo a mulher em casamento, menos a versão C, em que os personagens ficaram surpresos porque ambos eram surdos e ficaram amigos (homem e King Kong). As versões A, D e F apresentam que mulher era loura. Na versão E, notamos um detalhe diferente, pois a mulher ficou gritando na mão de King Kong, que pediu silêncio (sinalizou “psiu” com dedo indicador na boca).

A análise do desfecho como um “acidente” está relacionada a outras situações em que o uso da língua de sinais pode acarretar alguns contratempos, como a autora russa Strnadová explica sobre óculos voadores (2000, p. 175):

Vocês já viram, alguma vez, os óculos voadores? Não? Se quiserem ver alguns, procurem um grupo de surdos onde pelo menos um usa óculos e esperem. Se tiverem paciência, com certeza serão compensados. Os surdos comunicam-se em língua de sinais e com a atenção voltada para a conversa, esquecem-se dos óculos. Quanto mais discutem, os movimentos das mãos tornam-se mais rápidos e impetuosos. Muitos sinais começam movendo-se a mão a partir da cabeça e prosseguem com um movimento rápido para frente. E os óculos começam a voar.

É comum que o uso de Língua de Sinais possa fazer voar óculos ou fazer cair anel do dedo ou bater uma mão na outra, podendo machucar, bater em uma pessoa quando ela está passando por perto etc. Isto gera situações engraçadas, que possivelmente se transformam em situações de humor, como em “King Kong”.

Quanto ao desfecho, vemos que a maioria das versões tem um final igual, quando King Kong esmaga a pessoa, com um final trágico e inesperado. Devemos lembrar que um final inesperado é um dos elementos que são apontados como necessários nas piadas. Em todas as versões as pessoas se assustaram ao ver King Kong e saíram correndo. Essa piada mostra King Kong como um gigante, homem, forte, poderoso, um “rei”, que sinaliza, que se apaixona e quer se fazer entender a uma frágil mulher, representada na maioria das versões como ouvinte... o acidente acontece quando King Kong resolve fazer um sinal com duas mãos: o sinal de CASAR pode evidenciar, metaforicamente, o poder da língua de sinais. Muitas imagens e significados podem estar relacionados com esta piada, e destacamos aqui o poder da língua de sinais, representada em um gigante e a fragilidade da oralização, que pode causar um final trágico ao oralismo. Vejamos a ênfase, no uso da língua de sinais, do poder de King Kong:

Figura 19 – Grito do King Kong batendo peito.



Fonte: YouTube

Além disso, a língua de sinais historicamente esteve ligada a imagens de primitivismo, de língua não-humana, animalasca, de macacos e animais. Por outro lado, a língua falada sempre esteve relacionada ao humano, algo que distingue os humanos dos não-humanos. A cultura surda, representada pelo fato de ser usada por um gigante, apresenta uma narrativa que desconstrói a visão estereotipada, negativa que a língua de sinais carrega. A língua de sinais está em um gigante, que pode esmagar o oralismo.

Destacamos também a figura do King Kong, na maioria das versões representado como um gorila – um gigante, feio, assustador, estranho, que atormenta o lugar onde chega, e os outros fogem dele, causando tumulto e medo. A mulher, pequena, branca, loura, bonita, dócil, amedrontada, frágil por não conseguir fugir como os demais, acaba nas mãos de King Kong.

Conforme Strobel (2008, p. 50), quando relata memórias, narra:

Uma escola de surdos de uma cidade no interior do Paraná nesta época, colocava quadros de macacos orelhudos e feios em todas as salas de aulas para intimidar as crianças surdas, quando elas se comunicavam em língua de sinais os professores ligeiramente apontavam para o quadro

comparando-as e elas ficavam assustadas com a imagem e emudeciam. Sanches (1990) explica que essa estratégia foi utilizada por professores oralistas que colocavam a gravura de um macaco; se houvesse a teimosia em usar a língua de sinais, o aluno surdo rebelde era colocado ao lado da gravura perante seus colegas surdos.

4.5 LEÃO SURDO⁶² ⁶³

Esta piada tem sido citada como clássica na comunidade surda, e tem uma forma básica conhecida (Morgado 2011). Assim como muitas piadas surdas, o desfecho (final) se relaciona com o próprio fato de um personagem ser surdo – o leão. Localizei inicialmente seis versões dessa piada, disponibilizados em DVDs ou no YouTube.

Uma incursão por sites da internet mostrou também que se trata de uma piada bastante conhecida internacionalmente, como se pode ver por vídeos postados no YouTube, em que, por exemplo, um surdo estadunidense conta uma versão sobre o leão surdo⁶⁴. Outra versão da piada, encontramos em livro de original francês, que foi traduzido com o título “SURDOS, 100 PIADAS”, em português (Portugal, 2009). O original é de 1997. Apresento, a seguir, um resumo da piada.

Um violinista toca violino num campo onde existem leões ferozes soltos. Um leão faminto corre para atacá-lo. O violinista toca música, o leão relaxa e adormece. Aparece, então, outro leão mais feroz e faminto, que corre mais do que o leão anterior. O violinista toca melhor seu violino, o segundo leão relaxa e adormece. Assim, o violinista mostra seu sucesso com os dois leões. Aparece então outro leão mais feroz, que corre mais rápido. O violinista toca melhor música que já tinha tocado, mesmo assim leão continuou correndo. O violinista estranhou a falta de reação do leão e tocou com mais ritmo sua música, mas não adiantou... O leão correu e matou o violinista. Por quê? Porque o leão era surdo. Foi o final trágico do violinista (Tradução em LIBRAS disponível em DVD, pela autora desta tese).

Uma outra versão impressa foi encontrada no livro de Renard e Lapalu

⁶² Ver, a respeito, autora SILVEIRA, Carolina Hessel. Piadas da cultura surda análise de versões de O leão surdo . In: 5º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, 2013, Canoas RS. Anais 5º SBECE e 2º SIECE nas contingências do espaço tempo, 2013.

⁶³ Autoras SILVEIRA, Carolina Hessel e KARNOPP, Lodenir. <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/view/37230/23107> Publicado na revista EDUCAR EM REVISTA, Editora UFPR, Curitiba – PR, 2014.

⁶⁴<http://www.codatalk.com/robert-rivera.html>

(2009), conforme segue.

Figura 20 – Versão da piada Leão surdo

O LEÃO

Um violinista realiza o sonho da sua vida ao comprar um violino magnífico, um Stradivarius.

Decide experimentá-lo sozinho.

Aluga uma sala de música mas está cheia de empregadas de limpeza que tagarelam e sacodem as vassouras por todo o lado...

Sobe ao cimo de uma montanha mas está cheia de alpinistas que fazem um ruído infernal com as suas picaretas...

Finalmente, o músico vai para o meio do deserto. Enfim só, num silêncio perfeito, à sombra da única palmeira num raio de cem quilómetros, e toca.

De repente, vindo de lado nenhum, aparece um leãozinho. Ainda jovem mas de dentes já bem afiados e muito esfomeado!

Dominado por uma corajosa inspiração, o músico toca uma música de embalar. O leãozinho adormece.

- Ufa - pensa ele - deixa-me pisgar daqui!

Tarde demais! A leoa, à procura do seu filhote, barra-lhe o caminho.

Nada de pânico! Ele volta a tocar a música de embalar. E a leoa também adormece. Mas chega o leão!

Bom, pensa o músico, a família está completa, vou adormecer este também... e toca de novo a música de embalar.

Mas o leão, rugindo, continua a aproximar-se pé ante pé e, finalmente, atira-se sobre ele e devora-o!

Que azar: era um leão surdo!



Fonte: RENARD; LAPALU, 2009.

Outro registro que evidencia a circulação desta piada na comunidade surda foi encontrado em postagem no Facebook, no dia 20 de março de 2014, feita por Patrícia Luiza Rezende, surda, que apresentou a piada “Leão Surdo”, veja:

Figura 21 – Leão Surdo por Patrícia Luiza Rezende

Patrícia Luiza Ferreira Rezende20 de março próximo a Rio de Janeiro

A turma do meu filho se chama A Turma do Leão, a professora mandou o mascote o leãozinho para a família registrar no caderno sobre curiosidades, habitat, etc... resolvi contar a piada do Leão Surdo e preciso da ajuda de vocês para corrigir meu português, vejam se está bom:"Era uma vez um violinista muito famoso fez uma viagem a África do Sul e foi fazer safari para conhecer natureza e animais selvagens mas apareceu um leão bravo que ia atacar mas o violinista pegou o violino e começou a tocar deixando o leão enfeitiçado e calmo para não mordê-lo mas apareceram muitos leões para atacar mas ficaram também enfeitiçados pelos sons do violinos. Ele não podia parar de tocar se não seria um ataque feroz na certa.... e assim durou várias horas, o violinista tentou parar mas os leões ameaçaram atacar... então nada de parar, mesmo cansado ele continuou tocando.... os sons do violino estão salvando a vida dele... mas de repente apareceu outro leão de gravata azul e atacou o violinista! Sabes por quê? Porque o leão gravata azul é SURDO!!

Fonte: Facebook do perfil Patrícia Luiza Rezende

Patrícia Luiza Rezende (2014) explicou sobre a piada, que é conhecida na Comunidade Surda: “[...] eu não produzi a história... eu só peguei pq é uma história muito contada na comunidade surda... eu só coloquei no papel com minha forma escrita.”

Ao procurar piadas sinalizadas, encontrei seis versões.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=4aCZM8USbik>

Figura 22 – Menina violinista com cabelo voando na propaganda xampu



Outro registro que evidencia a circulação no vídeo Youtube, bem interessante, mostra um comercial tailandês sobre xampu Pantene, em que a história se aproxima da piada. Trata-se de uma menina surda que toca violino; na apresentação no palco, ela se mexe, e os cabelos ficam voando. É uma propaganda que divulga um xampu

que ajuda a embelezar o cabelo. A propaganda ao mostrar uma menina surda violinista com os cabelos esvoaçando, se aproxima violinista da representação do leão surdo correndo, com juba esvoaçando aproxima cabelos da menina voando.

Nos materiais pesquisados, encontrei seis versões dessa piada sobre leão surdo: a versão com o ator Sandro Pereira (versão A); duas piadas no DVD Feneis (versões B e C) e três piadas diferentes no site YouTube: Mili Anand (versão D)⁶⁵, Joseph Shaw (versão E)⁶⁶, Trudy Fraser (versão F)⁶⁷. É possível identificar algumas modificações em cada versão.

Para fazer uma comparação mais precisa das seis versões, podemos visualizar um quadro síntese que fizemos com os seguintes elementos:

- material (vídeo, internet ou texto escrito)
- personagem animal (tipo de animal e quantidade)
- personagem(ns) humano(s) – ouvintes? Surdos? Adultos? Crianças?
- cenário da ação
- instrumento musical ou fonte sonora
- desfecho

Quadro 7 – Versões da piada “O Leão surdo”

Piada “O Leão surdo”					
Fonte	Material	Personagens	Cenário	Instrumento	Desfecho
Versão A Sem título Sandro Pereira 2009 BRASIL	DVD	2 violinistas e menino. 3 leões	Zoológico	Violino	Violinista e menino morrem
Versão B Sem título Celso Badin 2010	DVD	2 turistas (1 surdo e 1 ouvinte) e 1 guia ouvinte.	Safári (África)	Canto	Turista ouvinte morre, turista surdo escapou.

⁶⁵ https://www.YouTube.com/watch?v=NH0D_TEqVFs&list=UU6n-QWInfrSJoa9CikRos_g

⁶⁶ https://www.YouTube.com/watch?v=PpSi_6kU7nc&list=UUYjJH60VczqL3YrEe8j-tuA

⁶⁷ <https://www.YouTube.com/watch?v=elf7ETRKvRs>

BRASIL		3 leões			
Versão C					
Sem título Moryse Saruta 2010 BRASIL	DVD	1 escravo Violinista. 3 leões	Coliseu (Roma-Itália)	Flauta	Flautista sinalizou, leão adormeceu
Versão D					
<i>Deaf Lion</i> 2011 INDIA	You Tube	Um violinista e um guarda de zoo. 3 leões	Zoológico	Violino	Violinista e guarda foram atacados por leão.
Versão E					
<i>Loin Deaf</i> Joseph Shaw 19.08.2013 EUA	You Tube	Um violinista famoso. 2 leões	Floresta na África	Violino	Violinista correu e subiu na árvore
Versão F					
<i>THE FAMOUS VIOLINIST</i> Trudy Fraser 16.11.2013 AUSTRALIA	You Tube	Um violinista famoso. 3 leões	Floresta	Violino	Violinista morre

SINOPSES**VERSÃO A (Brasileira)**

Eram duas pessoas- o violinista e o menino dentro do zoológico -, na área tinha leões soltos, no final leão atacou o menino. Depois foi atacar o violinista e sinalizou para violinista: SOU SURDO!

VERSÃO B (Brasileira)

Eram dois turistas que foram num safári na África, passear com guia que era enorme,

de carro. Um turista era surdo, outro era ouvinte. O guia parou o carro, dizendo que iam descer do carro e passear. Os dois turistas tinham medo por causa dos animais ferozes, principalmente leões; o guia explicou que não tivessem medo, pois, se leão aparecesse, os turistas teriam apenas que cantar. O surdo explicou que não tinha como cantar; então era somente o turista ouvinte que podia cantar. Os dois foram ao passeio, fotografando, e apareceu um leão feroz, que foi correndo para atacá-los. Surdo viu e avisou ouvinte para cantar. O ouvinte disse que não sabia cantar bem, mas surdo pediu que ele cantasse improvisado. Ouvinte se esforçou e cantou, conseguindo conquistar o leão que amoleceu e adormeceu. Eles ficaram felizes, continuaram fotografando e caminhando, viram outro leão. Ouvinte já tinha prática de cantar, cantou, e teve sucesso com o leão que adormeceu. Apareceu outro leão feroz, dois ficaram felizes e tranquilos, porque tinham tido sucesso com os dois leões anteriores; o turista ouvinte foi cantar, mas leão correu mais ainda; os dois estranharam, e o turista cantou mais ainda, o leão cada vez mais corria, enquanto o turista cantava várias músicas. Mas não adiantou e o leão atacou o turista ouvinte. O turista surdo fugiu, correndo, encontrou o guia e o abraçou bem nervoso. Tentou sinalizar, o guia acalmou e perguntou o que estava acontecendo. O surdo explicou que o leão tinha atacado o turista ouvinte. O guia tinha visto a cena do leão “comendo” o turista ouvinte e explicou para surdo que o leão era surdo; disse: “você poderia cantar em Língua de Sinais”.

VERSÃO C (Brasileira)

Era um imperador, sentado no trono, no Coliseu romano, onde acontecia um espetáculo em que os leões ferozes atacavam o prisioneiro ou escravo. Tinha um flautista tentando impedir que os leões o atacassem, usando a flauta. O imperador deu risada, nem acreditou que a música do flautista ajudaria a evitar o ataque do leão. Soltaram um leão feroz, que correu; o flautista tocou a flauta, leão amoleceu e adormeceu, com sucesso. O flautista mostrou para imperador sentado no trono, mais acima, que tinha feito tudo certo; isto deixou o imperador irritado, e ele resolveu pegar outro leão mais perigoso e feroz. Soltou o leão faminto, que estava há muito tempo sem comer, que correu bem disparado. O flautista tocou muito bem a flauta, teve sucesso novamente com o outro leão feroz! Isso deixou o imperador mais irritado ainda, e ele se lembrou e pediu para chamar outro tipo de leão. Apareceu um leão miúdo e magrinho, que era surdo, e correu para pegar o flautista. O flautista percebeu e largou a flauta, apresentou música em Língua de Sinais, e, então, o leão magrinho adormeceu. O rei ficou impressionado pensando como o flautista sabia LIBRAS; este explicou que tinha feito curso de LIBRAS na Feneis.

VERSÃO D (Indiana)

Um violinista foi no zoológico, pedindo ao guarda para entrar e tocar violino na frente dos leões. Guarda avisou que ele seria atacado por leão, mas violinista explicou que violino ajudaria a acalmar. Guarda aceitou ajudar, entraram onde vivem leões, violinista pediu que ficasse perto. Um leão faminto correu para atacá-lo. O violinista tocou música, o leão relaxou e adormeceu. Apareceu, então, outro leão que correu mais do que o leão anterior. O violinista tocou melhor seu violino, o segundo leão relaxou e adormeceu. Assim, o violinista mostrou seu sucesso com os dois leões. Apareceu então outro leão mais feroz, que correu mais rápido. O violinista tocou melhor música que já tinha tocado, mesmo assim leão continuou correndo. O violinista estranhou a falta de reação do leão e tocou com mais ritmo sua música, mas não adiantou... O leão

correu e matou o violinista.

VERSÃO E (Estadunidense)

Um violinista famoso atraía a atenção: muitos iam atrás dele para tirar fotos, conseguir autógrafos etc. Resolveu viajar para África para ficar longe dos “paparazzis”, fãs etc. Finalmente chegou bem sossegado, longe de tudo, acampou e descansou. O violinista tocou música com prazer, apareceram dois leões. Um leão viu, correu e adormeceu. Outro leão viu o leão adormecido, foi correr. O violinista tocou melhor seu violino, mesmo assim leão continuou correndo. O violinista estranhou a falta de reação do leão e foi correr, subiu na árvore, e entendeu que o leão era surdo.

VERSÃO F (Australiana)

Um violinista famoso foi viajar de avião e o avião caiu, mas o violinista sobreviveu. Procurou desesperado o violino, foi tocar nele para ver se estava em bom estado. Foi caminhando numa floresta, viu que o leão correu para atacá-lo. O violinista tocou música, o leão relaxou e adormeceu. Apareceu, então, outro leão mais feroz, que correu mais do que o leão anterior. O violinista tocou melhor seu violino, o segundo leão relaxou e adormeceu. Assim, o violinista teve sucesso com os dois primeiros leões. Apareceu então outro leão mais feroz, que corria mais rápido. O violinista tocou seu violino da melhor forma que já tinha tocado, mesmo assim leão continuou correndo. O violinista estranhou a falta de reação do leão e tocou com mais ritmo sua música, mas não adiantou... No final, o leão atacou e matou o violinista, porque era surdo.

Fonte: a própria autora.

Numa primeira comparação, vemos que as versões A, B, D e F têm um final trágico com o leão devorando pessoas. Em outra versão, (C), o flautista apresenta uma música em LIBRAS, agradando o leão. Em outra versão, (E), o violinista correu e subiu na árvore. Observem que se trata do animal que tradicionalmente tem sido visto como um símbolo de ferocidade: o leão. Em todas as versões, o desfecho da piada se relaciona com o próprio fato de o animal ser surdo. Em síntese, cinco versões correspondem à versão mais corrente na comunidade surda: apresentam um violinista que acalma leões com sua música, até que um leão – que é surdo – não se sensibiliza e acontece um final trágico. Uma única versão (E) apresentou somente dois leões e não três.

Quanto às representações sobre surdo, podemos verificar que o personagem principal – leão surdo – aparece na história como um animal grande, perigoso, feroz, que ataca. De modo semelhante, representações de surdos como estranhos, perigosos e amedrontadores são recorrentes.

Também vejo o fato de que em uma versão (C) o fato de saber LIBRAS livra o músico (no caso, um flautista) da morte e, portanto, saber Língua de Sinais é uma

vantagem. Em todas as outras versões, fica claro que se o personagem soubesse Língua de Sinais, teria sobrevivido! Assim, não saber se comunicar em Língua de Sinais é um risco, pois o leão surdo pode atacar.... A Língua de Sinais é representada como uma vantagem, como a salvação e a possibilidade de se fazer entender com o “leão surdo”.

Os títulos das versões são próximos, sendo que algumas palavras são mais frequentes, como “leão surdo” e “violinista”. Constatamos também que há quatro versões sem título.

Também quatro versões da piada usam o instrumento violino como fonte de música agradável, e outras piadas somente utilizam a referência ao canto e flauta. Vejamos as cenas a seguir:

Figura 23 – Cena de violino, canto ou outros instrumentos



Fonte: YouTube

Os instrumentos musicais ou o canto, utilizados na piada, não combinam com aspectos da cultura surda, que está relacionada à comunicação em uma modalidade gestual-visual, ou seja, ao segurar um violino ou uma flauta, o personagem não pode usar as mãos para sinalizar. Do mesmo modo, a música remete a uma cultura

auditiva, que traz efeitos para ouvintes – tanto que os leões ouvintes, quando se aproximam da música têm prazer e deleite, chegando a esquecer a fome, sentem satisfação e adormecem. Para o leão surdo, a satisfação, o prazer e o deleite estão relacionados ao visual, pois o leão surdo ao ver a língua de sinais também esquece a fome.

Strobel (2009, p. 94) afirma, a respeito das relações entre música e cultura surda:

A música, por exemplo, não faz parte da cultura surda. No entanto, embora muitas escolas para surdos reconheçam o povo surdo como grupo cultural e linguístico, obrigam as crianças e adultos surdos a fazerem as apresentações de danças, corais e balés, que são próprias da cultura ouvinte, o que continua ocupando o centro de sua preocupação. Melodias e ritmos sonoros harmoniosos não foram criados pela cultura surda e sim pelos grupos ouvintes.

Observa-se ainda uma variedade de lugares de ambientação: temos, como locais da ação, o zoológico (local urbano onde regularmente se podem encontrar leões), a África, através de um safári; o Coliseu (Roma – Itália), e, nas duas últimas piadas, são uma floresta na África. Tais ambientes remetem a representações que favorecem a comunicação ou isolam o surdo de outros surdos e da língua de sinais; por exemplo, prender o leão na jaula do zoo separa os leões. Do mesmo modo, surdos são presos, impedidos de conviverem com outros surdos, de se comunicarem ou de casarem com outros surdos. Os leões na jaula são controlados, regulados, remetendo a ideia de formas de aprisionamento, de isolamento. Na floresta o ambiente traz uma representação de liberdade, de convívio, de grupos e de formas de sobrevivência. Tais representações vinculam-se às ideias da força e da fragilidade que um leão pode ter – dependendo do local e das condições em que estão. . Tanto no Zoo quanto em um Coliseu as imagens aprisionam; na floresta ou no campo a ideia de liberdade e de vida em grupo prevalece.

Podemos analisar esta anedota com base na classificação que Morgado (2011, p. 166) faz das fontes do humor surdo, conforme mencionamos inicialmente. Assim, o Leão Surdo se encaixaria nas “Anedotas que vão passando de mão em mão e de país para país, entre os surdos”. Essas anedotas, conforme a autora, têm como assunto “as desvantagens de ser surdo, a comunicação com ouvintes, os

aparelhos auditivos, as ajudas técnicas, as vantagens de ser surdo, a língua gestual, os intérpretes de língua gestual, etc.” (p. 166).

As piadas surdas, quando são simplesmente escritas, como foi feito acima, perdem muito da sua força. Assim, em todos os vídeos podemos ver uma ênfase maior na expressão, os sinais revelam intensidade, com repetições, exagerando e mimetizando características dos personagens e das ações (dentes dos leões, juba do leão esvoaçante quando ele corre, corda do violino arrebatando por causa da velocidade do violinista tocar ou do ataque do leão...). Conforme Bergson (1980), existem vários tipos de processos que nos fazem rir. Um desses processos é o exagero. “O exagero é cômico quando é prolongado e sobretudo quando é prolongado e sobretudo quando é sistemático” (p. 67). No caso das piadas em LIBRAS sinalizadas e daquelas que analisamos, em especial, parece que este é um processo central.

Observamos, ainda, que as piadas surdas têm vários aspectos em comum com piadas de ouvintes e com características das histórias e anedotas populares. Assim, os estudiosos de anedotas e piadas sempre dizem que toda a piada tem que ter um final inesperado e isso se observa na piada estudada. Ainda sobre “Leão surdo” – é uma piada acumulativa, frequente na cultura popular, em que se repete uma situação com alguma mudança (no caso, um leão depois do outro corre atrás do violinista) e que vai criando cada vez mais uma expectativa para saber o que vai acontecer.

4.6 TOURO SURDO

Outra piada que vou analisar é sobre um touro surdo, da qual apresento uma versão básica.

Na versão tradicional corrente, o protagonista é um toureiro tocando violino na arena da praça de touros, onde tem touros que disparam para atacar o toureiro. O toureiro toca música, um primeiro touro relaxa e adormece. Aparece, então, um segundo touro mais feroz, que corre. O toureiro toca melhor seu violino, o segundo touro relaxa e adormece. Assim, o toureiro mostra seu sucesso com os dois touros. Aparece então outro touro mais feroz,

que corre mais rápido. O toureiro toca melhor música que já tinha tocado, mesmo assim touro continuou correndo. O toureiro estranhou a falta de reação do touro e tocou com mais ritmo sua música, mas não adiantou... O touro correu e atacou o toureiro. Por quê? Porque o touro era surdo. Foi o final trágico do toureiro (Tradução em LIBRAS disponível em DVD, pela autora desta tese).

Encontramos três versões brasileiras dessa piada, produzidas pelo ator brasileiro Germano Dutra (31.01.2008)⁶⁸, Santiago Feliciano (28.02.2008)⁶⁹ e Cacau Mourão (2010), e mais três versões estrangeiras, produzidas pelo ator argentino Aldo Bossio (2008)⁷⁰; ator turco Ali Ibrahim (2011)⁷¹ e, por último, ator português Rui Dourado (2012)⁷². A maioria desses materiais foi encontrada nos vídeos YouTube, com exceção do ator Cacau Mourão, que está em DVD no Curso da Unintese.

Quadro 8 – Versões da piada “O Touro surdo”

Piada “O Touro surdo”					
Fonte	Material	Personagens	Cenário	Instrumento	Desfecho
Versão A					
Sem título	YouTube	1 toureiro violinista.	Arena (Espanha)	Violino	Toureiro caiu.
Germano Dutra		3 touros			
BRASIL 31.01.2008					
Versão B					
Tourada	YouTube	1 toureiro violinista.	Arena (Espanha)	Violino	Toureiro voou e caiu em cima do menino tomando sorvete.
Santiago Feliciano		3 touros			
BRASIL 28.02.2008					

⁶⁸http://www.YouTube.com/watch?list=UUcSrK2pK7X7DURi_oavadrA&v=697SwM6U-9l&feature=fvwp&NR=1

⁶⁹<https://www.YouTube.com/watch?v=QM372k4tBIQ&list=TLXMx79KNAMX22pidgwtvPqVp7E8LwKK7c>

⁷⁰ <https://www.YouTube.com/watch?v=RqZVXz8E5Yo>

⁷¹<https://www.YouTube.com/watch?v=bblAmHIYqhk&index=137&list=UUL8HpFKQD3xlf3Kt0RQkZsg>

⁷² <https://www.YouTube.com/watch?v=72uolc6zxJA>

Versão C					
<i>El payaso sordo y gracioso 3</i> Aldo Bossio ARGENTINA 09.06.2008	YouTube	1 violinista surdo. 1 touro	Arena	Violino	Surdo correu, atrás vinha o touro. Surdo voou, depois caiu e perguntou por que touro não ouviu a música. Touro afirmou que era surdo. Surdo afirmou que também era surdo. Desculpam-se e tiraram foto juntos.
Versão D					
Sem título Cacau Mourão BRASIL 2010	DVD	1 violinista Famoso. 3 touros	Arena (Espanha)	Violino	Toureiro voou para fora da Arena enquanto o público tirava fotos da queda.
Versão E					
<i>The deaf Bull</i> Ali Ibrahim TURQUIA 2011	YouTube	1 violinista surdo. 3 touros	Arena	Violino	Toureiro surdo caiu, olhou touro que falou que era surdo igual ao toureiro.
Versão F					
O Touro e o violino Rui Dourado PORTUGAL 2012	YouTube	1 violinista. 3 touros	Arena	Violino	Toureiro foi internado no hospital, perguntou o que aconteceu. Médico informou que touro não ouvia.
SINOPSES					

VERSÃO A (Brasileira)

Era um toureiro, que se apresentava numa arena em Espanha, e disse que podiam soltar um touro. Apareceu o touro, e o toureiro balançou capa vermelha; o público em volta ficou assustado, o toureiro mostrou que não precisava da capa vermelha e foi pegar o violino. O touro correu para pegar o toureiro, que foi tocando o violino, logo o touro adormeceu. Teve sucesso! O toureiro continuou e veio mais um touro, repetiu... adormeceu... o toureiro fez sucesso mais uma vez. O último touro era magrinho e pequeno, o toureiro deu risada ao vê-lo e disse que podia vir. O touro magrinho começou a correr, o toureiro demorou para pegar o violino, porque achava que o touro magrinho nem chegaria a tempo para pegá-lo; de repente, o touro se transformou, ficou mais feroz e grande, correu cada vez mais. O toureiro foi tocando, notou que tinha algo errado, resolveu tocar mais intensamente, mesmo assim o touro corria cada vez mais. O toureiro ficou nervoso, tocando cada vez mais, mas o touro o acertou com os chifres, e o toureiro caiu, porque o touro era surdo.

VERSÃO B (Brasileira)

Era um toureiro, que se apresentava numa arena em Espanha, e avisou que podiam soltar um touro.. Apareceu o touro, que correu para pegar o toureiro, e o toureiro atirou capa vermelha, dentro da qual estava o violino. O toureiro foi tocando o violino, logo o touro adormeceu. Teve sucesso! Entrou mais um touro na arena, toureiro repetiu... adormeceu... o toureiro fez sucesso de novo. Último touro também entrou correndo, o toureiro tocou violino, mas o touro correu cada vez mais. O toureiro foi tocando mais e mais e notou que tinha algo errado; resolveu tocar mais intensamente, mesmo assim o touro correu demais. O toureiro ficou nervoso, tocando cada vez mais, e logo foi correr, mas o touro o acertou com os chifres, e o toureiro voou, caindo em um menino que estava tomando sorvete na arena. O touro era surdo.

VERSÃO C (Argentina)

Era um pescador surdo pescando, pegou uma caixa, abriu e era um violino, foi tocar. Foi então numa arena de praça de touros; apareceu um touro, ele resolveu pegar o violino e tocar. Touro correu mais rápido sem parar, toureiro correu por medo. Touro acertou o toureiro, que foi voando para fora do planeta. Toureiro voltando caiu no chão, viu touro novamente, que o acertou na cabeça. Toureiro implorou para o touro que parasse com aquilo, perguntando ao touro se ele não ouviu a música. Touro disse que era surdo como público surdo na arena. Toureiro disse que também era surdo e pediu paz aos amigos. Toureiro quebrou o violino. Touro aceitou amigos, abraçaram-se e tiraram foto.

VERSÃO D (Brasileira)

Era toureiro que se apresentava numa arena em Espanha, e avisou que podiam soltar um touro. . A versão é parecida com a versão A, só final acrescentou algo. Veja no final, o toureiro ficou nervoso, tocando mais, o touro acertou-o com chifres e o toureiro voou para fora da arena. O público tirou fotos e olhou o toureiro voando para fora; não entenderam por que o touro não tinha adormecido. O touro era surdo. Nesta versão, já há um elemento da cultura contemporânea, que é o aumento de pessoas tirando fotos a

toda hora e em todo lugar, principalmente com o surgimento da fotografia digital e dos celulares que tiram fotos.

VERSÃO E (Turca)

Um toureiro surdo estava sentado na plateia, olhou para outro toureiro que foi acertado pelo touro; desceu para participar na arena. Pegou o violino, foi tocando, touro correu para pegar o toureiro, logo o touro adormeceu. Teve sucesso! Continuou com mais um touro, a situação se repetiu e o touro adormeceu; o toureiro fez sucesso cada vez mais. Último touro foi solto, veio correndo, o toureiro tocando, mas o touro corria cada vez mais. O toureiro foi tocando, mas notou que tinha algo errado; resolveu tocar de forma mais intensa, mesmo assim o touro correu demais. O toureiro ficou nervoso, tocando cada vez mais, mas o touro o acertou com os chifres, e o toureiro caiu. O touro disse que era surdo, igual ao toureiro deitado.

VERSÃO F (Portuguesa)

Era um toureiro, apresentando-se na arena, amassou a capa vermelha e atirou-a. Disse que touro podia aparecer. Apareceu o touro, e o toureiro foi pegar o violino. O touro correu para pegar o toureiro, que foi tocando o violino, logo o touro adormeceu. Teve sucesso! Entrou mais um touro, a situação se repetiu e o touro adormeceu... o toureiro fez sucesso cada vez mais. Último touro, que era magrinho, foi solto; o toureiro deu risada e disse que era fácil. O touro magrinho começou a correr, o toureiro foi tocando, mas notou que tinha algo errado; resolveu tocar mais intensamente, mesmo assim o touro correu demais. O toureiro ficou nervoso, tocando cada vez mais, mas o touro acertou-o, e o toureiro ficou ferido e foi internado no hospital. Perguntou ao médico o que tinha acontecido, médico afirmou que ele tinha sido acertado por um touro que era surdo.

Fonte: a própria autora.

Em todas as versões usaram o mesmo instrumento, um violino; e aparece um personagem central - um toureiro ou um violinista; acontece num mesmo local, uma Arena, sendo que somente três versões (A, B e D) identificaram que era na Espanha. Nenhuma versão apresentou um final trágico, por exemplo, que o toureiro tivesse sido morto. Em somente duas versões (C e E), o violinista era surdo, bem como o touro.

A versão C apresentou a narrativa mais longa, com mais detalhes: era um pescador surdo que estava pescando, que resolveu pegar uma caixa onde estava um violino, começou a tocar e foi até a arena. Esta versão apresentou somente um touro.

Os títulos das versões são próximos, sendo que algumas palavras são mais frequentes, como “Tourada” e “Touro e o violino”. Constatamos também que há duas versões sem título.

O uso da língua de sinais, quando a piada está sendo contada, adquire uma expressividade maior, relacionada ao tamanho dos sinais e ao uso e expressões faciais e corporais com um ritmo mais intenso e dinâmico. O espaço de enunciação utilizado posiciona o touro em um lado e o toureiro em outro; por exemplo: na mão esquerda o sinal de touro está sendo produzido ao mesmo tempo em que o sinal do toureiro está sendo produzido pela mão direita. O narrador destaca o uso do sinal touro (mãos na cabeça em forma de chifre), bem como o reposicionamento deste sinal em uma configuração de mão em forma de Y (ou extensão dos dedos indicador e mínimo) quando o touro se desloca, corre e enfrenta o toureiro. Essa configuração de mão é usada para apresentar o touro em movimento, enquanto o toureiro é identificado na outra mão, com a extensão do dedo indicador somente. As cenas a seguir apresentam essas características observadas na contação desta piada.

Figura 24 – Cenas do sinal de touro e do toureiro.



Fonte: YouTube

Falando de chifres e de ouvidos, uma metáfora possível de ser identificada é o uso dos chifres como a arma do touro; assim a arma do surdo é “ser surdo”, sendo o principal foco de atenção em momentos de enfrentamento. Os chifres são a força

do touro e se relacionam ao poder de enfrentar o toureiro. O ouvido acaba também sendo o foco de atenção da plateia, que observa com curiosidade o “ser surdo”.

Quanto às representações sobre surdos e sobre a cultura surda, podemos destacar algumas analogias, através dos personagens principais e do local em que a piada é relatada. O touro é um animal de grande porte, frequentemente perigoso, feroz, causando medo à população, que foge rapidamente para se proteger. Os surdos, historicamente, são perigo à sociedade, amedrontam, causam estranheza etc. O toureiro que não souber se comunicar em Língua de Sinais é atacado pelo touro.

As imagens de touros em arenas estão associadas com sangue, controle, condução de entradas e desafio ao toureiro. São animais que não estão soltos, livres, mas são controlados pelos seus donos. Nas arenas, o desfecho das touradas é esperado com muita expectativa – ou morre o touro ou o toureiro. E a plateia aplaude! As imagens de surdos envolvem também cirurgias, sangue, controle, normalização dos corpos, implantes – seus corpos são produzidos para uma performance. Os surdos, assim como os touros nesta piada, são controlados pelo discurso clínico-terapêutico, pela capa vermelha – que os seduz, mas que pode levar à morte ou causar a morte do toureiro. Invasão dos corpos, regulação das mãos, uso da palmatória assemelha-se ao uso da faca nas touradas, usada para reprimir, estimular e conduzir o touro.

Além disso, o público fica olhando o touro e o enfrentamento com o toureiro, numa visão dicotômica – ou o touro ou o toureiro! Um deve morrer e o outro sobreviver... a plateia está ali para esse jogo, para assistir a essa tragédia. Assim como surdos recebem aplausos e fazem sucesso quando usam aparelhos auditivos e apresentam performances de fala ou são aplaudidos quando ouvem o som pela primeira vez, principalmente em reportagens da TV, que são muito reproduzidas em sites, o público aplaude... E os aplausos ou os olhares curiosos ocorrem também aos professores surdos em suas aulas de LIBRAS. Enfim, esta piada destaca que os surdos estão no palco e um público está assistindo ao show, com aplausos, vibrações, aprovações ou reprovações quanto às cenas apresentadas.

Outra representação que destacamos na análise desta piada é a identificação entre os surdos, quando um descobre que o outro é também surdo. Quando o toureiro surdo e touro surdo descobrem que ambos são surdos, mudam de atitude e

deixam de lado o enfrentamento, tornando-se amigos. Ocorre uma identificação e mudança de atitude: tornam-se amigos, mesmo que não se conhecessem antes... levam um choque quando percebem que estão lutando contra seus próprios pares, trazendo um final inesperado: resolvem tirar fotos juntos ou se abraçam...

Assim como destacamos na análise da piada de “Leão Surdo”, nesta piada o violino é utilizado como estratégia para distrair os touros. No entanto, essa estratégia não funciona com os surdos, pois eles não ouvem; além de que que a música não combina com aspectos da cultura surda, relacionados à comunicação em uma modalidade gestual-visual, ou seja, ao segurar um violino, o personagem não pode usar as mãos para sinalizar.

4.7 PÁSSARO NA LINHA DE TELEFONE

Outra piada que vou analisar é sobre um pássaro na linha de telefone, que destaca o uso de telefones TDD, que é um aparelho de telecomunicações para surdos que usam para comunicação à distância como telefone, e tem o nome completo, em inglês, de *Telephone Device for Deaf* (sigla em inglês TDD).

Veem-se pássaros sentados em fio de luz. Quando uma pessoa usa o telefone, o fio treme uma vez, os pássaros saltam uma vez, levemente; o surdo usa o TDD, os pássaros pulam várias vezes por causa da digitação no teclado (Tradução em LIBRAS disponível em DVD, pela autora desta tese).

Sobre pássaros e uso de telefone, encontrei outro exemplo, em uma figura de humor na internet. Não se relaciona com a cultura surda, mas traz uma aproximação com a piada.

Figura 25 – Piada pássaro e *wi-fi*

Fonte: <http://d139lereqoc85y.cloudfront.net/wpcontent/uploads/2014/12/wifipassaro150x150.jp>

9

Encontramos quatro versões dessa piada: três são estadunidenses, localizada em vídeo catálogo Gallaudet (1981)⁷³, (2009)⁷⁴ e (2014)⁷⁵ e uma piada australiana (2014)⁷⁶.

Quadro 9 – Versões da piada “Pássaro na linha de telefone”

Piada “Pássaro na linha de telefone”				
Fonte	Material	Personagem 1	Personagem 2	Desfecho
Versão A Sem título EUA 26.06.1981	Vídeo Gallaudet	Homem e mulher	Pássaros	Homem e mulher estranharam a diferença na linha telefônica: em uma linha os pássaros saltavam e em outra linha os pássaros ficavam quietos. Eram duas casas que usavam a comunicação pelo TDD.

⁷³ <http://videocatalog.gallaudet.edu/?video=2481>

⁷⁴ <https://www.YouTube.com/watch?v=UpNX5u-VEs4&index=6&list=PL944231B47048C163>

⁷⁵ https://www.YouTube.com/watch?v=zjVeeg_1g-o

⁷⁶ <https://www.YouTube.com/watch?v=kBAApIX27-Q>

<p>Versão B</p> <p>Pássaros na linha de telefone</p> <p>Holcomb; Holcomb; Holcomb; 1994 EUA</p>	<p>Livro</p>	<p>Criança e pai</p>	<p>Pássaros</p>	<p>Pai explicou ao filho que o cabo era específico na linha TDD.</p>
<p>Versão C</p> <p><i>Birds on Telephone Line</i></p> <p>John Lestina</p> <p>2009 EUA</p>	<p>YouTube</p>	<p>Homem</p>	<p>Pássaros</p>	<p>Antigamente eram duas linhas: em uma linha, os pássaros permaneciam quietos; em outra linha, os pássaros saltavam, pois eram os surdos usando TDD. Atualmente, os pássaros ficam iguais, porque surgiu nova tecnologia <i>video phone</i> (VP). Igualdade! Empoderamento!</p>
<p>Versão D</p> <p><i>The Phone Line</i></p> <p>Trudy Fraser</p> <p>27.01.2014 AUSTRALIA</p>	<p>YouTube</p>	<p>Homem e garçom</p>	<p>Pássaros</p>	<p>Garçom explicou sobre a diferença das duas linhas, uma é linha telefone, outra é a linha TDD.</p>
<p>Versão E</p> <p><i>Birds on Telephone Lines</i></p> <p>Jay Harris</p> <p>18.02.2014 EUA</p>	<p>YouTube</p>	<p>Vizinhos: casal ouvinte e vizinhos surdos</p>	<p>Pássaros</p>	<p>Homem surdo mostrou ao casal que era surdo e que se comunicava em Língua de Sinais por videofone, o que provocava o movimento na linha, fazendo com que os pássaros também se movimentassem.</p>
<p>SINOPSES</p>				

VERSÃO A (Estadunidense)

Um casal dirigindo carro, observando os pássaros nos fios dos postes, percebeu uma diferença entre duas linhas. Eram os pássaros em um cabo de telefone que estavam bem agitados, enquanto os outros pássaros em cabos diferentes ficavam sentados tranquilamente. Depois o casal descobriu que era surdos usando TDD que fazia pássaros ficarem agitados na linha.

VERSÃO B (Estadunidense)**PÁSSAROS NA LINHA DE TELEFONE**

Uma criança perguntou ao pai por que os pássaros em um cabo de telefone estavam bem agitados, enquanto os outros pássaros em cabos diferentes ficavam sentados tranquilamente. Depois de pensar por um momento, seu pai respondeu que aquele cabo específico era uma linha TDD (aparelho de telecomunicações para surdos), o que fazia os pássaros saltarem (Holcomb, Holcomb e Holcomb, 1994, p. 05).

VERSÃO C (Estadunidense)

Um homem caminhando, observando os pássaros na linha do poste, percebeu que tinha diferença entre duas linhas. Eram pássaros em um cabo de telefone que estavam bem agitados, enquanto os outros pássaros em cabos diferentes ficavam sentados tranquilamente. Depois descobriu que era surdos usando TDD, que fazia pássaros ficarem agitados na linha. Atualmente, com nova tecnologia, em videofone, a linha dos pássaros torna-se igual à outra linha dos pássaros, que ficam sentados tranquilamente. Igualdade!

VERSÃO D (Australiana)

Um homem resolveu viajar à Austrália, foi dirigindo de carro, era dia lindo, e ele ia olhando a linha em que os pássaros estavam sentados tranquilamente. Virou-se e viu outra linha estranha, em que estava pássaros agitados. Homem parou no bar para beber, perguntou ao garçom por curiosidade sobre linha dos pássaros. Garçom explicou a diferença das linhas.

VERSÃO E (Estadunidense)

Entre vizinhos, em uma casa tinha uma família surda, em outra, um casal ouvinte curioso. Um dia, ouvinte saiu para olhar pássaros, ouviu pássaros cantarem na linha, com emoção. Viu outra linha, com os pássaros agitados; ouvinte levou um susto, correu para avisar para a esposa sobre a situação. Notaram que os pássaros mexiam as asas; ouvinte resolveu ir até a casa dos surdos. Surdo abriu a porta, ouvinte explicou a situação da diferença dos pássaros entre as linhas. O surdo ironizou e convidou-o a entrar e ver: era outro surdo usando o videofone e se comunicando em Língua de Sinais, que fazia a linha tremer e os pássaros movimentarem suas asas. Ouvinte ficou sem graça, respeitou e saiu.

Fonte: a própria autora.

Em todas as versões há semelhanças entre pássaros e duas linhas telefônicas: pássaros quietos; pássaros saltitantes. Essas versões não têm grande modificação no enredo... os fatos se repetem, com muita similaridade. Os pássaros quietos estavam sentados em um fio telefônico que conduzia a voz humana,

enquanto o fio telefônico em que os pássaros saltavam conduzia palavras digitadas em um TDD. Esse fato despertou a curiosidade das pessoas, que foram investigar o que estava acontecendo.

Uma versão (C) apresenta um desfecho diferente por causa da nova tecnologia: trata-se de um *Vídeo Phone* (VP)⁷⁷... uma tecnologia mais avançada. Pode-se dizer que antigamente havia uma desvantagem por parte dos surdos no uso do TDD, comparativamente ao uso do telefone convencional por ouvintes, pois o TDD era um aparelho caro, poucos surdos tinham condições de comprá-lo, e dependia do uso do português para ser usado, o que levava mais tempo para a digitação e aumentava a conta telefônica no final do mês. O visor era com letras verdes, estreito e permitia que uma única linha fosse usada, ou seja, as palavras iam passando pelo visor, exigindo uma certa rapidez na leitura. Nesta versão, o narrador conta essa piada em duas etapas: na primeira apresenta os pássaros saltando na linha, por causa do TDD; na segunda parte, enfatiza o uso mais atual de comunicação por telefone entre os surdos, o VP, conseqüentemente os pássaros, com a nova tecnologia, não saltavam mais na linha do telefone de surdos, pois os surdos passaram a se comunicar por VP. Portanto, as linhas de telefones dos surdos e ouvintes ficaram iguais para os pássaros e agora todos se comportam da mesma forma, permanecendo tranquilos nas linhas telefônicas. Essa versão tem também um tom de propaganda, em que o surdo apresenta o VP como um telefone moderno, com sucesso. Ao final, o narrador sinaliza “IGUALDADE, IDENTIDADE” enfatizando a igualdade de acesso à comunicação entre surdos e ouvintes... ou seja, os passarinhos não pulam mais, nem os surdos apresentam desvantagem no uso de telefones.

A versão E também apresentou a tecnologia videofone, só que no desfecho os pássaros mexem suas asas, sentados na linha telefônica. Observamos que as versões mais antigas apresentam o TDD, mas as duas versões (C e E) dos anos mais atuais já mostram a tecnologia videofone.

Uma coisa que me surpreendeu foi não encontrar nenhum registro de versão brasileira, embora eu já tenha assistido versões desta piada em momentos de

⁷⁷ Video phone/videofone é um telefone com tela de imagem, que realiza transmissões através de áudio e vídeo para comunicações entre pessoas em tempo simultâneo.

encontros presenciais entre os surdos. Assim, a maioria das versões encontradas (e com registro) são dos EUA e uma única versão é da Austrália.

Os títulos das versões são próximos, sendo que algumas palavras são mais frequentes, como “Pássaros na linha de telefone”. Constatamos também que há uma versão sem título.

Quanto ao uso das línguas, destaco o sinal de “TELEFONE” e as expressões faciais e pequenos movimentos labiais associados ao uso da voz. As cenas a seguir mostram pessoas ouvintes usando o telefone, com expressões e ênfases próprias da língua falada – uma postura de atenção auditiva, diferentemente da expressão de surdos quando usam os sinais em VP, que têm uma postura de atenção visual e movimentos corporais, com expressões faciais salientes.

Figura 26 – Cena pessoa telefonando



Fonte: YouTube

Quanto à análise das representações de surdos e de uso de línguas, podemos inicialmente destacar que o movimento dos pássaros sacudindo a linha telefônica chama a atenção, deixando as pessoas curiosas. Em uma das versões, um casal ouvinte chega a entrar na casa de pessoas surdas para conferir o que está acontecendo. Tal curiosidade mobiliza as pessoas, que indagam curiosamente sobre os modos de ser surdo e de lidar com o cotidiano, em situações em que o som é o

centro, por exemplo: como usam o telefone, como atendem a campainha, como cuidam de bebês, como dirigem carros, como andam de avião... entre outras perguntas. Assim, os surdos apresentam uma experiência diferente, que chama a atenção, pessoas ficam curiosas e fazem muitas perguntas.... Exemplifico também essas curiosidades quando somos convidados a narrar nossas experiências de vida, durante palestras ou aulas.

Atualmente o TDD passou a ser uma peça de museu, sendo que surdos muito jovens não conhecem esse aparelho. Precisamos contar para as pessoas como usávamos o TDD: era uma tecnologia de comunicação dos surdos, que contava com uma central de intermediação entre telefones convencionais e telefones TDD, ou comunicação direta entre TDDs. Era um telefone grande, diferente, com tela e visor, que até hoje encontramos em alguns locais públicos, como rodoviárias, aeroportos, etc. Com o uso atual de celulares e de possibilidades de uso em vídeo e conversas diretamente em língua de sinais, através de webcam, a pergunta sobre como os surdos se comunicam deixou de ser frequente.

4.8 PÁSSARO SURDO

Outra piada que vou analisar é sobre um Pássaro Surdo:

Um caçador procurando pássaros para caçar, viu-os na árvore. Resolveu atirar, os pássaros ouviram o barulho e voaram. Somente um pássaro ficou ali tranquilo. O caçador estranhou e, em seguida, descobriu que era surdo. (Tradução em LIBRAS disponível em DVD, pela autora desta tese)

Encontramos seis versões dessa piada e a mais antiga é estadunidense, disponível no vídeo catálogo Gallaudet (1981)⁷⁸. Outra é brasileira, no DVD LIBRAS em Contexto (FENEIS, 1997); e outras foram coletadas no YouTube: Uruguai (2012)⁷⁹, Espanha (2013)⁸⁰, EUA (2013)⁸¹ e Argentina (2014)⁸².

⁷⁸ <http://videocatalog.gallaudet.edu/?video=2481>

⁷⁹ https://www.YouTube.com/watch?v=frwax1TsR7k&list=UUZB3EUM_LmfKYCwA_Fhv_ww

⁸⁰ <https://www.YouTube.com/watch?v=5anhDUU0Vf8>

⁸¹ <https://www.YouTube.com/watch?v=j01SBMy0III>

⁸² <https://www.YouTube.com/watch?v=N82wytYZzcA&list=UUloLXDQUjJdJET5AFjbgGmw>

Quadro 10 - Versões da piada “Pássaro Surdo”

Piada “Pássaro Surdo”				
Fonte	Material	Personagem	Local	Desfecho
Versão A Sem título EUA 26.06.1981	Vídeo Gallaudet	Homem	Linha de telefone	Homem atirou, nove pássaros voaram, somente um ficou na linha, porque era surdo.
Versão B Sem título Silas Queiroz 1997 BRASIL	DVD	Caçador	Árvore	Caçador atirou, pássaros voaram, somente um pássaro ficou na árvore. Pássaro era surdo.
Versão C <i>Los Cazadores</i> Carina Bacigalupo 2012 URUGUAI	YouTube	Três Caçadores	Floresta	Caçador atirou, pássaros voaram, somente um pássaro permaneceu voando. Tentou atirar novamente, foram duas tentativas, mas o pássaro nem ligou. Outro caçador resolveu atirar, acertou o pássaro, que caiu no chão. Três caçadores foram ver o pássaro e descobriram que era surdo.
Versão D <i>Pajaro sordo</i> Sissih 19.04.2013 ESPANHA	YouTube	Um homem e um caçador	Linha no poste de luz	Homem caminhando observa vários pássaros na linha telefônica e um homem com espingarda tentando atirar nos pássaros. Atirou, pássaros voaram, somente um pássaro ficou na linha, pois era surdo.
Versão E <i>Bird Deaf</i> Joseph Shaw 19.08.2013 EUA (versão E)	YouTube	Família	Floresta	Vários pássaros na floresta, um familiar foi atirar em um pássaro com espingarda, um pássaro caiu; outros pássaros voaram assustados. Somente um pássaro ficou, um familiar disse que era surdo. Família

				não acreditou, um familiar sinalizou para pássaro e apontou espingarda. O pássaro surdo percebeu e foi voando em disparada.
Versão F Sem título 2014 ARGENTINA (versão F)	YouTube	Três homens	Floresta	Um homem atirou, os patos voaram. Outros homens acertaram em vários patos, somente um pato saiu voando. Tentaram atirar, estranharam porque não houve nenhuma reação do pato - porque era surdo.
SINOPSES				
Versão A (Estadunidense)				
Um homem caminhando, procurou e encontrou os pássaros na linha. Atirou, os nove pássaros voaram, somente um ficou na linha – porque era surdo.				
Versão B (Brasileira)				
Um caçador caminhando, procurando e viu os pássaros na árvore. Atirou, os pássaros voaram, somente um ficou na árvore, porque era surdo.				
Versão C (Uruguia)				
Três caçadores foram num mato, procurando os pássaros. Um caçador disse que ia atirar; atirou, os pássaros voaram para longe, mas somente um permaneceu voando em voltas calmamente. Caçador novamente atirou, foram dois tiros, o pássaro continuava voando, o homem estranhou. Outro caçador atirou, acertou-o. Pássaro caiu, os três foram ver, descobriram que era surdo.				
Versão D (Espanha)				
Um homem caminhando viu pássaros na linha e viu outro homem usando espingarda. Homem atirou nos pássaros que voaram, somente um ficou na linha, porque era surdo.				
Versão E (Estadunidense)				
Família surda foi para o campo, lancharam. Um deles viu vários pássaros nas árvores, um explicou que ia atirar em pássaro, para comer. Foi atirar, acertou-o, outros pássaros voaram assustados. Somente um ficou, surdo falou que o pássaro era surdo, outros riram achando que era mentira. Surdo explicou que mostraria em língua de sinais “espingarda” para pássaro surdo. O pássaro surdo percebeu o sinal de espingarda e saiu voando.				
Versão F (Argentina)				
Três homens foram num campo, resolveram caçar um animal, se arrumaram e foram. Viram os pássaros, não quiseram atirar neles; viram outro animal, não quiseram atirar				

nele. Viram os patos, atiraram neles e vários patos caíram. Dois homens pegaram os patos caídos, um homem chamou e explicou que tinha um pato voando sem medo. Tentaram atirar naquele mesmo pato sem reação de medo. Descobriram que era surdo.

Fonte: a própria autora.

Em todas as versões há semelhanças quanto ao uso de espingarda para atirar no pássaro. Uma única versão (F), apresentou um animal diferente: é pato. A maioria das versões apresentou que os pássaros voaram, somente um ficou ou permaneceu voando sem nenhum medo. Somente uma versão (E) apresenta o caçador sinalizando para o pássaro surdo, que entendeu o sinal e saiu voando em disparada. Esta versão mostrou que o pássaro visualizou o aviso e escapou da morte.

Em duas versões (C e F) eram os pássaros/patos que voaram assustados, permanecendo somente o pássaro/pato surdo voando sem preocupar com o tiro.

Quanto ao ambiente em que a história é narrada, duas versões (A e D) mostram que os pássaros ficaram na linha; outras versões apresentaram os animais em uma floresta/árvore.

Os títulos das versões são próximos, sendo que algumas palavras são mais frequentes, como em duas versões em que encontramos “Pássaro surdo” e uma única versão tem como título “Caçadores”. Constatamos também que há três versões sem título.

Quanto às representações de surdos, podemos destacar inicialmente que o pássaro se trata de um animal de pequeno porte, frágil, que vive em bandos, que frequentemente está sentado em um fio de luz ou em árvores. Um animal que é ameaçado, que está sendo caçado. A fragilidade apresentada remete a uma ideia que aciona a benevolência dos caçadores. Tais imagens estão associadas a representações de “deixar prá lá – é surdo”, “vamos liberar porque é surdo”, “não vale a pena”...

A presença do pássaro surdo (ou pato) na narrativa está vinculada ao tiro que pássaro não ouviu, logo, com a falta de audição. Surdos também não têm medo de barulhos como tempestades, batidas, ruídos... e quando há algum risco, precisam perceber visualmente o que está acontecendo ou alguém precisa avisá-los – assim

como em uma das versões um homem sinaliza “ESPINGARDA” para o pássaro, que foge em disparada.

As cenas a seguir apresentam o sinal de espingarda. As duas mãos são utilizadas e o olhar está direcionado para o alvo. Há expressividade no uso de sinais, com expressões que acompanham os sinais que estão sendo produzidos.

Figura 27 – Cena pessoa usa espingarda



Fonte: YouTube

Interessante também observar que o fato de estarem sentados em um mesmo lugar – em um fio de luz ou em árvores – pode estar relacionado com o hábito de os surdos frequentemente se encontrarem em um mesmo lugar, elegendo pontos de encontro para a comunidade surda. O local em que se encontram pode ser um bar, uma associação, uma praça... e merece destaque que os pássaros estão em um poste de luz, evidenciando que ela é necessária para o uso da língua de sinais – lugares bem iluminados e claros são importantes, bem como os encontros frequentes e saídas em grupos.

4.9 GRANADA

Outra piada que tem diferentes versões e também é muito conhecida é sobre uma granada. Apresento o resumo dela.

Era uma situação de guerra, em que se precisava recrutar soldados para participarem. Um surdo se alistou para participar, foi recusado porque era surdo. O coronel então reconheceu que o surdo era o melhor atirador de granada na guerra passada, então, deixou ele se alistar para a guerra. Então, este soldado surdo atirou granada durante a guerra, e teve sucesso. O soldado ouvinte ficou interessado em aprender a atirar granada muito bem, como soldado surdo. O soldado surdo ensinou para soldado ouvinte, treinando para atirar a granada. O soldado surdo sempre contava o número 1 a 10 em Língua de Sinais até atirar a granada antes de explodir. O soldado ouvinte resolveu fazer igual ao surdo. Contou os números, até 5. Depois, como não sabia contar em Língua de Sinais, usou o gesto usual dos ouvintes (com duas mãos para contar 6 e outros números), mas demorou mais do que devia e a granada explodiu em si mesmo (Tradução em LIBRAS disponível em DVD, pela autora desta tese).

Encontrei seis fontes de reconto desta piada: três brasileiras, DVD FENEIS SP, 2010 e dois vídeos YouTube⁸³; uma estadunidense⁸⁴; uma argentina⁸⁵ e uma mexicana⁸⁶.

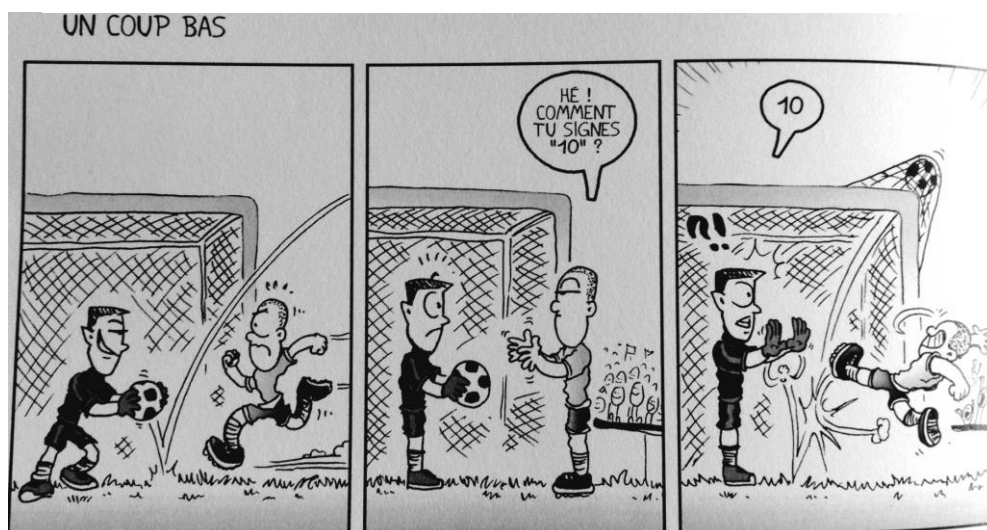
A seguir, mostro o exemplo da figura “*Un Coup Bas*”, que se aproxima à piada sobre uso das mãos, que pode ter como resultado uma tragédia. Neste caso, o desfecho foi um gol!

⁸³ O ator brasileiro Santiago Feliciano (20.10.2008) apresenta em https://www.YouTube.com/watch?v=YMLhzoa55F0&list=UUUXIGdc0bzhsIPKtsl_2JQg&index=59, e o ator brasileiro Andrei Borges (28.10.2010) apresenta piada no site <https://www.YouTube.com/watch?v=irC5qBRTQes>.

⁸⁴ <https://www.YouTube.com/watch?v=3oaAB4B9edk> (24.12.2008)

⁸⁵ http://www.YouTube.com/watch?feature=player_detailpage&v=o7-SRQmRRs8

⁸⁶ <https://www.YouTube.com/watch?v=fwTZoDeRyeY>



Fonte: MEGIAS, 2011.

Quadro 11 – Versões da piada “Granada”

Piada “Granada”				
Fonte	Material	Personagem	Local	Desfecho
<p>Versão A Guerra com Surdo Santiago Feliciano 20.10.2008 BRASIL</p>	YouTube	Soldado surdo	Guerra	Soldado ouvinte contou os números em gestos e se atrapalhou ao usar as mãos para contar. Colocou a granada no meio das pernas. Explodiu em si mesmo.
<p>Versão B <i>Deaf Grenade</i> John Lestina 24.12.2008 EUA</p>	YouTube	Soldado surdo	Guerra	Soldado ouvinte contou os números em gestos, demorou ao contar, a granada ficou embaixo do braço. Explodiu em si mesmo. Soldado surdo riu e explicou que soldado ouvinte mal sabia números em sinais.
<p>Versão C Sem título Cristiano Koyama 2010 BRASIL</p>	DVD	Soldado surdo	Guerra	Soldado ouvinte contou os números em gestos, demorou ao contar, a granada ficou no meio das pernas. Explodiu em si mesmo. O soldado ouvinte não sabia números em sinais.

Versão D				
Contagem soldado Andrei Borges 28.10. 2010 BRASIL	YouTube	Soldado surdo	Guerra	Soldado surdo levou um tiro no braço, impedido continuar a atirar a granada, foi ensinar soldado ouvinte usar granada. Soldado ouvinte contou com números em gestos, demorou ao contar, a granada ficou no meio das pernas. Explodiu em si mesmo. Soldado surdo balançou a cabeça como lástima.
Versão E				
<i>"militares"</i> Lisandro Rodriguez 2011 ARGENTINA	YouTube	Soldado surdo	Campo de exército	Soldado ouvinte contou números pela fala e atirou granada. Soldado surdo usou números em sinais, segurando uma mão, até número cinco, teve trocar a granada para outra mão para continuar número 10, demorou, explodiu em si mesmo.
Versão F				
<i>Soldado Sordo</i> Jose Antonio Castro 2012 MEXICO	YouTube	Soldado surdo	Campo de exército	Soldado ouvinte contou números pela fala e atirou granada. Soldado surdo usou números em sinais, segurando uma mão, até número cinco, colocou a granada no meio das pernas, para continuar número 10, demorou, explodiu si mesmo.

SINOPSES

Versão A (Brasileira)

Em uma guerra, precisava-se chamar soldados para participar; um surdo se alistou mas foi recusado porque era surdo. O coronel reconheceu que o surdo era o melhor atirador de granada na guerra passada, deixou-o se alistar para a guerra. Um soldado ouvinte ficou interessado em aprender a atirar granada muito bem, como soldado surdo. O soldado surdo ensinou para soldado ouvinte, treinando-o para atirar a granada. O soldado surdo sempre contava do número 1 a 10 em Língua de Sinais até atirar a granada antes de explodir. O soldado ouvinte resolveu fazer igual ao surdo. Contou números até número 5 e se atrapalhou com as duas mãos para contar de 6 em diante e colocou granada no meio das pernas. Depois, como não sabia contar em Língua de Sinais, usou o gesto usual dos ouvintes (com duas mãos para contar número 6 e outros números), mas demorou mais do que devia e a granada explodiu nele mesmo.

Versão B (Estadunidense)

Em uma guerra, precisava-se chamar soldados para participar. Um surdo se alistou mas foi recusado porque era surdo. O coronel reconheceu que o surdo era o melhor atirador de granada na guerra passada, deixou-o se alistar para a guerra. . Um soldado ouvinte ficou interessado em aprender a atirar granada muito bem como soldado surdo. O soldado surdo ensinou para soldado ouvinte, treinando-o para atirar a granada. O soldado surdo sempre contava do número 1 a 10 em Língua de Sinais até atirar a granada antes de explodir. O soldado ouvinte resolveu fazer igual ao surdo. Contou números até número 5 e se atrapalhou com as duas mãos, colocando granada embaixo do braço. Depois, como não sabia contar em Língua de Sinais, usou o gesto usual dos ouvintes (com duas mãos para contar número 6 e outros números), mas demorou mais do que devia e a granada explodiu nele mesmo. Soldado surdo riu e explicou que soldado ouvinte não sabia Língua de Sinais.

Versão C (Brasileira)

O soldado surdo aprendeu muito bem, contando de 1 a 10 antes para atirar a granada. Ele foi ensinar ouvinte que estava começando a aprender que tinha que contar os números nas mãos (Língua de Sinais). O soldado ouvinte, que estava aprendendo usar a granada, resolveu fazer sozinho. Começou a contar os números; quando chegou ao número seis, resolveu que precisava usar outra mão para continuar até número 10. Colocou granada embaixo do braço, continuou contando, só que se atrasou na contagem e a granada estourou nele mesmo.

Versão D (Brasileira)

Um soldado surdo tinha 50 anos, era profissional atirador de granada e resolveu voltar a trabalhar na guerra. Foi ao exército, mas foi recusado porque era surdo. O coronel reconheceu que o surdo era o melhor atirador de granada na guerra passada, deixou-o voltar para a guerra. Foram viajar para Arábia, onde havia guerra. Um soldado surdo atirando granada durante a guerra era o maior sucesso. O soldado ouvinte ficou impressionado porque soldado surdo era muito bom. De repente, soldado surdo levou um tiro no braço e ficou impedido de continuar. O soldado surdo ensinou para soldado ouvinte a atirar a granada. O soldado ouvinte resolveu fazer igual ao surdo. Contou números, até número 5 e se atrapalhou nas duas mãos para continuar e colocou granada no meio das pernas. Mas demorou mais do que devia e a granada explodiu nele mesmo. Soldado surdo suspirou e lamentou.

Versão E (Argentina)

Durante treinos do exército, um coronel comandava os soldados; tinha um surdo perto dali assistindo. Coronel convidou-o para participar. Durante o treino de atirar granada, explicaram que tinha que contar até número 5 para atirar. Tudo estava dando certo! Depois tinha que contar até número 10. O soldado surdo foi contando com uma mão até número cinco e, teve que trocar granada para outra mão para continuar até número dez. A granada explodiu nele mesmo.

Versão F (Mexicana)

Um surdo, caminhando e passeando, viu um campo de exército com treinamento. Ficou interessado. Aproximou-se querendo fazer também e foi impedido pelos soldados, mas

o coronel olhou e liberou. Surdo ficou empolgado porque faria treinamento. Teve treino de atirar granada, explicaram tem que contar até número 5 para atirar. Teve sucesso! Depois tinha que contar até número 10; o soldado surdo foi contando com uma mão até número cinco e colocou granada no meio das pernas para continuar a contar com as duas mãos. Mas demorou mais do que devia e a granada explodiu nele.

Fonte: a própria autora.

Essa piada ilustra a importância de aprender a usar a língua de sinais; se o sujeito não sabe usar a língua com fluência, isso pode ser trágico. Mostra a esperteza dos surdos, usuários de LIBRAS com fluência, e a tragédia dos ouvintes, não usuários. A expressão “o surdo aprendeu muito bem”, que aparece em uma das versões, mostra aspectos positivos em relação ao surdo.

Esta piada mostra também diferenças entre as línguas de sinais no uso de números – uma ou duas mãos, mostrando desafios e limites de tradução entre línguas de sinais que usam uma ou duas mãos.

Nas últimas duas versões E e F, o local é o campo de exército e o soldado surdo estava iniciando a aprender no exército. Nestas duas versões, soldado surdo morre, por demorar a fazer sinais, quando estava segurando a granada, contrário a todas as outras versões em que o soldado ouvinte morre por não saber Língua de Sinais.

Quanto à sequência da narrativa, percebemos que nas três versões A, B e D, se apresentou um coronel que reconheceu que o surdo era um melhor profissional atirador da granada. Nas versões B e C, explica-se que o soldado ouvinte não sabia Língua de Sinais. Uma única versão - (D) - mostra que o soldado surdo levou um tiro no braço, e foi impedido de continuar a atirar a granada. Esta versão apresentou a guerra na Arábia. Outras versões não dizem qual era o país.

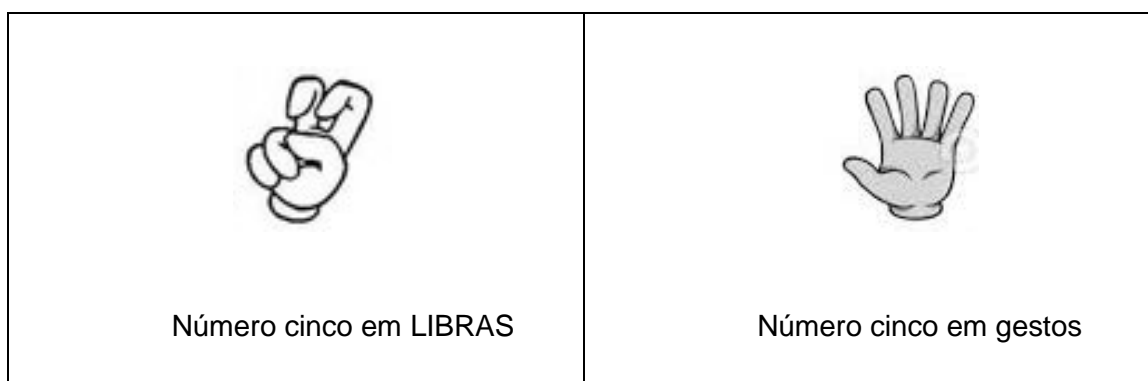
Os títulos das versões são próximos, sendo que algumas palavras são mais frequentes, como “Soldado surdo”, “Surdo Granada”, “Guerra com Surdo”. Constatamos também que há uma versão sem título.

Quanto à análise das representações de surdos e de uso da língua de sinais, observamos representações vinculadas a desvantagens relacionadas à dificuldade de aprender Língua de Sinais ou à lentidão no uso de sinais. Por exemplo, os números, em LIBRAS, podem ser feitos com uma única mão, do 1 ao 10, e seguintes. No entanto, usuários não-fluentes de uma LS utilizam as duas mãos,

utilizando gestos para representar os sinais a partir do número seis. Então, é possível fazer sinais com uma mão e na outra segurar uma granada. Caso não saiba sinais, precisará deixar a granada em algum lugar (embaixo do braço ou entre as pernas) para continuar a contagem dos números. Tal necessidade acarreta um atraso no tempo e a explosão acontece.

É também ilustrado o uso “clássico” do número 5, que não-fluentes usam o gesto comum de 5, diferentemente da LS que usa uma configuração de mão com dois dedos selecionados e flexionados, conforme ilustram as figuras a seguir.

Figura 29 – Número cinco



Fonte: Apostila Libras em contexto, 2002.

Figura 30 – Contando número cinco



Fonte: YouTube

Também se verifica, na maioria das versões, a vantagem dos surdos usarem granada, sem acontecer acidente, como ouvintes, que sofrem o acidente por falha no uso de LS.

Outro destaque é a visualidade como a forte experiência dos surdos, que acertam em avião, helicóptero ou soldados e atiram no alvo. A visão é apresentada como vantagem, com surdos com olhos de águia para acertarem o alvo.

Por fim, destacamos que a análise desta piada também apresenta que os surdos não podem trabalhar profissionalmente como soldados (exército), pilotos etc. Demoram muito até aceitarem o surdo para trabalhar, e eles geralmente entram em contato com os superiores para pedir, por exemplo, quando o soldado chamou o coronel ou chefe para avaliar seu pedido e liberar a sua entrada. Também há a desconfiança sobre se os surdos são capazes de trabalhar com aquelas tarefas.

4.10 COMUNICAÇÃO ESCRITA

Trago agora a história da **Comunicação Escrita** para análise. Apresento inicialmente um resumo.

Num bar, estava uma linda surda sentada bebendo. Ouvinte se aproximou para conversar, mulher avisou que era surda. Ouvinte resolveu pegar guardanapo para escrever e trocaram uma comunicação escrita. Depois, outro ouvinte ficou interessado também na surda, aproximou-se e entregou um recado pronto. Mulher estava trocando papel com ambos e, em seguida, mulher pediu licença e saiu. Os dois ouvintes, achando que um deles era surdo, continuaram trocando papeis (Tradução em LIBRAS disponível em DVD, pela autora desta tese).

Encontrei cinco versões em fontes diferentes: a mais antiga é estadunidense, em vídeo da Gallaudet (1981)⁸⁷; outra, de texto escrito estadunidense (1994); outra, de texto escrito em português (original francês, 1997) e dois vídeos no YouTube: uma versão mexicana (2010)⁸⁸ e outra estadunidense (2013)⁸⁹.

Além dessas versões que foram analisadas, encontrei outras versões, como as que destaco a seguir.

Em Rutherford (1993, p. 124) encontramos a seguinte versão escrita:

Bar Chat

One time when I was at this bar, there was a hearing fellow sitting next to me. He tried to talk with me, I pointed to my ears and shook my head, indicating that I was Deaf. That didn't bother him really, he took out a pen and started to write to me on the napkin. We were chatting writing back and forth for a while, when another hearing guy came and sat on the other side of me and began writing too. The three of us just sat there drinking and writing and writing. After a while I went to the men's room. When I came back it was the funniest sight. They were sitting there at the bar still writing back and forth to each other – two hearing guys, imagine! I went home and I imagine that they could be still writing notes to each other.

Quadro 12 – Versões da piada “Comunicação escrita”

Piada “Comunicação escrita”				
Fonte	Material	Personagens	Local	Desfecho

⁸⁷ <http://videocatalog.gallaudet.edu/?video=2545>

⁸⁸ <https://www.YouTube.com/watch?v=dlz-7gj5j2A>

⁸⁹ <https://www.YouTube.com/watch?v=dP7yH3M4uIY>

Versão A Sem título Don George Pettingill Julho de 1981 EUA	Vídeo Gallaudet	Três pessoas (um surdo e dois ouvintes)	Bar	Surdo saiu; dois homens continuaram escrevendo em papel para se comunicarem, sem saber que eram ouvintes.
Versão B Obstáculo Invisível Holcomb; Holcomb; Holcomb; 1994 EUA	Livro	Três pessoas (uma surda e dois ouvintes)	Bar	Mulher surda saiu porque tinha compromisso; dois homens continuaram escrevendo em papel, sem saber que eram ouvintes.
Versão C A conversa Renard e Lapalu 1997 PORTUGAL (original FRANÇA)	Livro	Três amigos homens (um surdo e dois ouvintes)	Café	Surdo saiu para banheiro; dois homens continuaram escrevendo em papel sem saber que eram ouvintes.
Versão D <i>El sordo escritor</i> 2010 MEXICO	YouTube	Três homens (um surdo e dois ouvintes)	Bar	Surdo saiu porque tinha compromisso, esposa o esperava; surdo parou para ver o que ouvintes estavam fazendo, notou que dois continuavam escrevendo em papel.
Versão E <i>Bar Chat</i> Ignacio Ceja 2013 EUA	YouTube	Três pessoas (um surdo e dois ouvintes)	Bar	Surdo saiu para banheiro; dois homens ouvintes continuaram escrevendo em papel sem saber que eram ouvintes.

SINOPSES**Versão A (Estadunidense)**

Num bar, surdo sentado, ouvinte ao lado falando, surdo avisou que era surdo e ofereceu um papel com caneta para escrever. Ouvinte foi escrevendo. Durante troca da

conversa com papel, outro ouvinte sentou ao lado do surdo, ficou curioso, resolveu pegar papel também para escrever. Ambos trocaram a comunicação com papel. Surdo pediu licença, saiu e foi observar ouvintes de longe. Ouvintes continuavam trocando papel.

Versão B (Estadunidense)

OBSTÁCULO INVISÍVEL

Um homem não-surdo estava fascinado por uma surda sentada em um bar. Ele decidiu puxar conversa com ela, escrevendo bilhetes em um pedaço de papel. Para sua alegria, ela foi simpática o suficiente para escrever de volta. Eles escreveram um para o outro por algum tempo. Outro homem entrou na conversa e começou a escrever também. Os três continuaram a conversa por escrito. Depois de um tempo, a surda percebeu que estava atrasada para um compromisso e disse a seus novos amigos que precisava ir embora. Os dois homens se despediram e continuaram a escrever, sem perceber que nenhum dos dois era surdo. (Holcomb, Holcomb e Holcomb, 1994, p. 04 - Tradução Iuri Abreu).

Versão C (Portuguesa, originalmente francesa)

A CONVERSA

Num café, um surdo discute com um amigo ouvinte que não sabe língua gestual. Para se entenderem, utilizam um bloco de notas e uma caneta. Chega um outro amigo, igualmente ouvinte e ignorando também a língua gestual, se junta à conversa por escrito. A certa altura o surdo escreve:

- Desculpem-me só um momento, vou à casa de banho.

No regresso, para seu grande espanto, constata que os dois ouvintes continuaram a sua muda discussão... a escrever! (RENARD; LAPALU, 1997, p. 22).

Versão D (Mexicana)

Surdo trabalhou o dia inteiro e saiu do trabalho no fim do dia. Foi caminhando, sentiu vontade ir no bar, foi. Sentou perto do ouvinte, avisou que era surdo. Ouvinte resolveu trocar a comunicação com papel e deram risadas após altas horas da conversa. Outro ouvinte sentado, ouvindo as risadas altas, ficou curioso, aproximou-se. Foi convidado a sentar com ambos e deram risadas após trocar a comunicação com papel. Surdo foi olhar o relógio, lembrou que esposa fica preocupada após horas, resolveu pedir licença para ir embora. Surdo foi olhar para trás, ver o que estava acontecendo com ouvintes; os ouvintes continuavam trocando papel. Claro, estavam bêbados.

Versão E (Estadunidense)

Surdo foi no bar, estava sentado e bebendo. Ouvinte sentou ao lado e foi falar, o surdo avisou que era surdo. Ouvinte pegou guardanapo, foi escrever para se comunicar. Trocaram comunicação em papel. Outro ouvinte foi sentar do outro lado do surdo, também pegou o guardanapo e escreveu para surdo. Ambos trocaram a comunicação pelo papel. O surdo precisou ir ao banheiro e pediu licença. Após banheiro, o surdo voltou e viu ouvintes trocando papeis.

Fonte: a própria autora.

Esta piada apresenta pequenas modificações. O que se mantém em todas versões é o número de personagens: são três pessoas, um é surdo/surda e dois são

ouvintes. Na maioria das versões o local é um BAR, com exceção da versão C, onde é um CAFÉ.

Além disso, a maioria das versões apresenta um homem surdo, mas na versão B era uma mulher surda. Em duas versões (C e E), o surdo saiu para ir ao banheiro. Em todas as versões, no final, os dois ouvintes, mesmo sem necessidade, continuaram a trocar a conversa pela escrita, sem saber que eram ouvintes.

Os títulos das versões são próximos, sendo que algumas palavras são mais frequentes, como “A conversa”, “Bar Chat”, “*El sordo escritor*”. Constatamos também que há uma versão sem título. Interessante que o título “Obstáculo Invisível” (versão B) remete a ideia de que muitos ouvintes não percebem, em um primeiro momento, que a pessoa que encontram é surda e geralmente se dirigem ao surdo através da fala. A partir do momento em que o surdo sinaliza “SURDO” ou através de alguma outra pista, o ouvinte pode se surpreender e precisa criar estratégia para a comunicação, usando, por exemplo, a comunicação escrita. A figura a seguir ilustra a comunicação escrita.

Figura 31 – Comunicação escrita



Fonte: YouTube

Nesta piada, os ouvintes em um ambiente informal (bar ou café) aceitaram com naturalidade a comunicação escrita e estabeleceram um diálogo através da troca de bilhetes. Neste caso, não fogem, não ficam assustados como é comum ouvintes fugirem quando descobrem que o outro é surdo.

Podemos destacar que a representação sobre surdos e comunicação entre surdos e não usuários de línguas de sinais, pode se estabelecer através de comunicação escrita. É frequente surdos usarem muito papel e caneta para

comunicação, até os dias atuais. Acrescento que outra alternativa, mais contemporânea, é a comunicação através da tecnologia, em que se pode usar a tela de um computador, tablet ou celular para comunicação entre surdos e ouvintes durante algum atendimento. No processo de pesquisa dessa piada, não encontramos nenhuma versão que adicionasse o uso da tecnologia para a intermediação da comunicação entre surdos e ouvintes.

Por fim, destacamos que a comunicação escrita entre surdos e ouvintes é bastante frequente, no entanto, não é aceita por todos de igual modo: alguns aceitam essa forma de comunicação, outros ficam inseguros e fogem e ainda outros chamam algum apoio (colega de trabalho...) para intermediarem a comunicação. Nesta piada, observamos que em todas as versões os ouvintes se aproximam e estabelecem a comunicação por escrito com o surdo.

4.11 TREM

Trago nesta seção a história do Trem e apresento inicialmente uma sinopse.

Em um mesmo vagão de trem estavam sentados, frente a frente, um surdo, um cubano e um russo. Cubano pegou charuto, pediu licença para fumar ali e os outros aceitaram. Cubano fumou o charuto até a metade e atirou o resto pela janela. Os outros perguntaram por que atirar fora se ele não havia terminado o charuto, e ele respondeu tranquilamente que em Cuba tem um monte de charutos. Depois o russo pegou uma vodka em seu casaco e ofereceu aos viajantes; eles agradeceram e não beberam. Russo bebeu até a metade e atirou-a fora; surdo e cubano arregalaram o olho e perguntaram como ele podia atirar fora se ainda não tinha terminado. Russo explica que na Rússia tinha um monte de vodka. Apareceu fiscal que controla ingressos de entrada no trem, surdo o viu e atirou o fiscal pela janela. Cubano e russo ficaram chocados com a situação; surdo respondeu que no mundo tinha um monte de ouvintes (Tradução em LIBRAS disponível em DVD, pela autora desta tese).

Encontrei outra piada portuguesa que se aproxima um pouco desta piada e que enfatiza um acontecimento dentro de um pequeno avião: eram cinco pessoas – piloto, intérprete, três surdos: padre, surdo parcial e viajante surdo – e, no final, ouvinte morre ao saltar de paraquedas por usar uma mochila por engano.

Figura 32 – O Pára-quadras

O PÁRA-QUEDAS

A caminho de um congresso sobre surdez, quatro pessoas encontram-se numa pequena avioneta: um intérprete de LGP, um surdo parcial, um padre surdo e um mochileiro igualmente surdo.

Durante o voo, o piloto fica maldisposto. Só tem tempo de dizer:

- Saltem todos de pára-quadras, rápido! - e morre, fulminado por um ataque cardíaco.

Os passageiros apercebem-se então que há apenas três pára-quadras para os quatro. O que fazer? O intérprete diz:

- Sou o único que ouve e que pode telefonar para pedir ajuda."

De repente e sem que ninguém tenha tido tempo de dizer alguma coisa, ele agarra num pára-quadras e salta.

O surdo parcial não teve tempo de ler os lábios do piloto mas faz como o intérprete: agarra num pára-quadras e salta.

O padre surdo gestua para o mochileiro:

- Meu filho, a minha vocação é encontrar Deus. Vê-Lo-ei um pouco mais cedo do que o previsto e pronto. Pega no último pára-quadras e salta.

- O senhor padre vai ficar mais algum tempo aqui na terra - diz o mochileiro. - Vamos descer juntos, sobraram ainda dois pára-quadras.

- Obrigado, meu Deus! É um milagre! - exclama o padre.

- Não, senhor padre, não houve aqui nenhuma intervenção divina, o intérprete é que saltou com a minha mochila...

Fonte: RENARD, 2009.

Para a análise desta piada, encontrei seis versões, sendo a maioria delas estadunidense. Assim, encontrei um texto escrito estadunidense (2001) e vídeos no YouTube: estadunidense (2007)⁹⁰ e (2008)⁹¹; australiano (2009)⁹²; estadunidense (2009)⁹³ e indiano (2012)⁹⁴.

⁹⁰ <https://www.YouTube.com/watch?v=LqQIW1yrwx0>

⁹¹ <https://www.YouTube.com/watch?v=xOWmoJC6910&list=UUH5nPjODNbFm7wQ7o711XA>

⁹² <https://www.YouTube.com/watch?v=i2wEhLOc3r4>

⁹³ <https://www.YouTube.com/watch?v=Ps9v2Q4uHiY>

⁹⁴ <https://www.YouTube.com/watch?v=zNAYmf5aBSO>

Quadro 13 – Versões da piada “O trem”

Piada “O trem			
Fonte	Material	Personagens	Desfecho
Versão A Sem título MJ Bienvenu 2001 EUA	Livro	Três pessoas: cubano, russo e surdo	Surdo atirou ouvinte pela janela e disse que no mundo tem muitos ouvintes.
Versão B "In My Country, There Are Plenty of" John Lestina 2007 EUA	YouTube	Três pessoas: cubano, russo e surdo estadunidense	Surdo atirou guarda ouvinte pela janela e disse que no país tem muitos ouvintes.
Versão C <i>Three Men on a Train</i> 2008 EUA	YouTube	Três pessoas: cubano, russo e surdo estadunidense	Surdo atirou intérprete pela janela e disse que ele é intérprete de inglês sinalizado.
Versão D <i>Three guys on a train Joke</i> 25.05.2009 AUSTRALIA	YouTube	Três pessoas: cubano, russo e surdo australiano	Surdo atirou ouvinte pela janela e disse que no país tem muitos ouvintes.
Versão E <i>the train in europe</i> 07.10.2009 EUA	YouTube	Quatros pessoas: cubano, russo, surdo estadunidense e intérprete.	Surdo atirou intérprete pela janela e disse que no país tem muitos intérpretes.

Versão F			
<i>Cabin, Russian, Indian Deaf</i>	YouTube	Três pessoas: cubano, russo e surdo indiano	Surdo atirou intérprete pela janela e disse que ele era intérprete de inglês sinalizado.
08.05.2012 INDIA			

SINOPSES**Versão A (Estadunidense)**

Three people are on a train – one is Russian, one is Cuban, and one is Deaf. The Russian is drinking from a bottle of vodka. She drinks about half the bottle, then throws it out the window. The Deaf person looks at her, surprised. “Why did you throw out a bottle that was only half-empty?” The Russian replies, “Oh, in my country we have plenty of vodka!” Meanwhile, the Cuban is smoking a rich, aromatic cigar. He smokes about half the cigar, then throws it out the window. The Deaf person is again surprised, and asks, “Why did you throw out the cigar?” He replies, “Oh, in Cuba we have plenty of cigars!” The Deaf person nods with interest. A little while later a hearing person walks down the aisle. The Deafie picks him up and tosses him out the window. The Russian and Cuban look up in amazement. The Deaf person shrugs, “Oh, we have plenty of hearing people in the world (BIENVENU, 2001, p. 102).

TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS: Três pessoas estão em um trem - um é russo, um é cubano, e um é surdo. O russo está bebendo uma garrafa de vodka. Ela bebe quase metade da garrafa, em seguida, joga-a para fora da janela. O surdo olha para ela, surpreso: "Por que você jogou fora uma garrafa de vodka pela metade?" O russo responde: "Oh, no meu país temos vodka em abundância!" Enquanto isso, o cubano está fumando um fino charuto aromático. Ele fuma até a metade do charuto, em seguida, joga-o para fora da janela. O surdo novamente fica surpreso e pergunta: "Por que você jogou fora o charuto?" Ele responde: "Oh, em Cuba nós temos charutos em abundância!" O surdo balança a cabeça. Um pouco mais tarde, uma pessoa ouvinte caminha pelo corredor. O surdo o agarra e o joga para fora da janela. O russo e o cubano se olham com espanto. O surdo balança os ombros: "Oh, nós temos ouvintes em abundância no mundo". (Bienvenu 2001, p. 102 – Tradução nossa)

Versão B (Estadunidense)

Em um mesmo vagão de trem estavam sentados, frente a frente, um surdo, um cubano e um russo. Cubano pegou charuto e pediu licença para fumar ali e os outros liberaram. Cubano fumou até a metade e atirou o charuto pela janela. Outros perguntaram como ele podia atirar se não havia terminado ainda o charuto e o cubano respondeu tranquilamente que em Cuba tinha um monte de charutos. Depois russo pegou vodka no casaco e ofereceu a eles, que agradeceram e não beberam. Russo bebeu até a metade e atirou o resto pela janela. Surdo e cubano arregalaram o olho e perguntaram como ele podia atirar se não havia terminado ainda. Russo disse que na Rússia tinha um monte de vodka. Apareceu guarda que controla ingressos de trem, surdo viu-o, pegou-o e atirou pela janela. Cubano e russo ficaram chocados pela situação, surdo respondeu que o país tinha muitos ouvintes.

Versão C (Estadunidense)

Em um mesmo vagão de trem estavam sentados, frente a frente, um surdo, um cubano e um russo. Cubano pegou charuto e pediu licença para fumar ali e os outros liberaram. Cubano fumou até a metade e atirou o charuto pela janela. Outros perguntaram como ele podia atirar se não havia terminado ainda o charuto e o cubano respondeu tranquilamente que em Cuba tinha um monte de charutos. Depois russo pegou vodka no casaco e ofereceu a eles, que agradeceram e não beberam. Russo bebeu até a metade e atirou o resto pela janela. Surdo e cubano arregalaram o olho e perguntaram como ele podia atirar se não havia terminado ainda. Russo disse que na Rússia tinha um monte de vodka. Apareceu o intérprete de inglês sinalizado, surdo viu-o, pegou-o e atirou pela janela. Cubano e russo ficaram chocados pela situação, surdo disse que ele era intérprete de inglês sinalizado

Versão D (Australiana)

Em um mesmo vagão de trem estavam sentados, frente a frente, um surdo australiano, um cubano e um russo. Cubano pegou charuto e pediu licença para fumar ali e os outros liberaram. Cubano fumou até a metade e atirou o charuto pela janela. Outros perguntaram como ele podia atirar se não havia terminado ainda o charuto e o cubano respondeu tranquilamente que em Cuba tinha um monte de charutos. Depois russo pegou vodka no casaco e ofereceu a eles, que agradeceram e não beberam. Russo bebeu até a metade e atirou o resto pela janela. Surdo e cubano arregalaram o olho e perguntaram como ele podia atirar se não havia terminado ainda. Russo disse que na Rússia tinha um monte de vodka. Apareceu guarda que controla ingressos de trem, surdo viu-o, pegou-o e atirou pela janela. Cubano e russo ficaram chocados pela situação, surdo respondeu que o país tinha muitos ouvintes.

Versão E (Estadunidense)

Em um mesmo vagão de trem estavam sentados, frente a frente, um surdo, um intérprete de língua de sinais, um cubano e um russo. Cubano pegou charuto e pediu licença para fumar ali e os outros liberaram. Cubano fumou até a metade e atirou o charuto pela janela. Outros perguntaram como ele podia atirar se não havia terminado ainda o charuto e o cubano respondeu tranquilamente que em Cuba tinha um monte de charutos. Depois russo pegou vodka no casaco e ofereceu a eles, que agradeceram e não beberam. Russo bebeu até a metade e atirou o resto pela janela. Surdo e cubano arregalaram o olho e perguntaram como ele podia atirar se não havia terminado ainda. Russo disse que na Rússia tinha um monte de vodka. O surdo pediu intérprete fazer pergunta para russo sobre vodka, intérprete se negou a interpretar, surdo pegou-o e atirou pela janela. Cubano e russo ficaram chocados pela situação, surdo respondeu que o país tinha muitos intérpretes.

Versão F (Indiana)

Em um mesmo vagão de trem estavam sentados, frente a frente, um surdo indiano, um cubano e um russo. Cubano pegou charuto e pediu licença para fumar ali e os outros liberaram. Cubano fumou até a metade e atirou o charuto pela janela. Outros perguntaram como ele podia atirar se não havia terminado ainda o charuto e o cubano respondeu tranquilamente que em Cuba tinha um monte de charutos. Depois russo pegou vodka no casaco e ofereceu a eles, que agradeceram e não beberam. Russo bebeu até a metade e atirou o resto pela janela. Surdo e cubano arregalaram

o olho e perguntaram como ele podia atirar se não havia terminado ainda. Russo disse que na Rússia tinha um monte de vodka. Apareceu o intérprete de inglês sinalizado, surdo viu-o, pegou-o e atirou pela janela. Cubano e russo ficaram chocados pela situação, surdo diz que ele era intérprete de inglês sinalizado

Fonte: a própria autora.

Esta piada apresenta semelhanças nas versões, pois o local, os personagens e os objetos são próximos, por exemplo, a história se desenvolve em um trem, envolvendo três pessoas e objetos típicos de cada país, charuto e vodka. A maioria das versões apresentou três pessoas de países diferentes que se encontram em um mesmo trem, sendo um surdo e dois ouvintes. Nas narrativas, o surdo aparece representando seu país – surdo estadunidense ou australiano ou indiano - e dois ouvintes, são um russo e outro cubano. Uma única versão (E) apresentou quatro pessoas: era surdo junto com intérprete de língua de sinais. Em todas as versões, os personagens atiram algo (descartam) pela janela, geralmente associado ao produto típico de cada país.

Nas cenas que seguem registramos o sinal de charuto, produto típico em Cuba. Observamos que as configurações de mão podem variar de um país para outro, no entanto, todos os sinais são feitos próximos à boca, sendo este o ponto de articulação para a realização deste sinal.

Figura 33 – Cubano fumando charuto



Fonte: YouTube

Observamos que a maioria das versões é estadunidense, além de uma versão australiana e outra indiana. É interessante destacar que o inglês é a língua falada em todos esses países, favorecendo possivelmente a circulação dessa piada em países onde se usa a língua inglesa escrita, para posterior tradução para a língua de sinais. Além disso, usuários da língua inglesa escrita podem acessar ou ver os títulos no youtube, facilitando assim tanto o acesso quanto a circulação desta piada na comunidade surda usuária da língua inglesa escrita. Para a tese, não encontrei nenhuma versão em sinais no Brasil ou na América Latina.

Os títulos das versões são próximos, sendo que algumas palavras são mais frequentes, como “*Three*” e “*train*”. Constatamos também que há uma versão sem título.

No desfecho de todas as versões, o inusitado acontece, para efeitos da surpresa no final da narrativa. Neste caso, quando o surdo atira algo pela janela são os ouvintes ou os intérpretes. Em duas versões (C e F), os intérpretes eram usuários de sinais ingleses, mas não eram fluentes na Língua de Sinais Americanos, por isso foram jogados pela janela. Na versão E, o intérprete foi atirado pela janela porque se recusou a traduzir a pergunta sobre vodka para o russo.

É importante fazer uma observação sobre o uso de inglês sinalizado (ou qualquer outra língua, por exemplo, português sinalizado) já que é uma modalidade de uso da língua de modo agramatical: é uma mistura da fala com a língua de sinais tornando ambas artificiais e confusas. Autora Sá (1999) explica o que é inglês sinalizado: “[...] um tipo de bimodalismo exato, que faz uso simultâneo ou combinado de sinais gesto-visuais extraídos da Língua de Sinais [...] Esse bimodalismo exato é denominado Português Sinalizado (ou Inglês Sinalizado etc.)”.

Quanto às representações podemos destacar que o desfecho traz o elemento surpresa, ocorre zombaria e exagero, já que os dois primeiros atiram objetos e produtos culturais típicos de seus países e o surdo atira uma pessoa. No entanto, a presença do intérprete representa também uma marca da cultura surda e é destacado nesta piada como aquele que acompanha o surdo, em analogia ao charuto que acompanha o cubano e a vodka que acompanha o russo.

O exagero também aparece quando o surdo atira uma pessoa pela janela, sendo que as versões apresentam diferentes desfechos, identificando quem essa pessoa representa: o intérprete que usa inglês sinalizado; o intérprete que se nega a interpretar uma conversa; um ouvinte que estava no trem, já que representa uma maioria, uma grande população (comparativamente aos surdos).

4.12. CABELEIREIRO

A piada que vou apresentar agora é a que envolve um cabeleireiro. Apresento seu resumo.

Era um cabeleireiro atendendo um cliente que era deficiente físico; após cortar o cabelo, o deficiente ia pagar, mas o cabeleireiro recusou dizendo que era gratuito para ele. No dia seguinte, cabeleireiro recebeu um presente de agradecimento do deficiente físico. Repetiu a situação com o cego e, depois, com o último cliente que era surdo. Só que, com o surdo, no dia seguinte, o que tinha de presente era uma fila de surdos na porta, porque os surdos ficaram sabendo que o corte era gratuito (Tradução em LIBRAS disponível em DVD, pela autora desta tese).

Encontrei quatro fontes, três vídeos e um texto escrito, em versão estadunidense (2007)⁹⁵, argentina (2012)⁹⁶ e estadunidense (2013)⁹⁷ e um texto (2011).

Quadro 14 – Versões da piada “Cabeleireiro”

Piada “Cabeleireiro”			
Fonte	Material	Personagem	Desfecho
Versão A <i>Deaf Kiss-Fist</i> <i>Anything Free</i> John Lestina 2007 EUA	YouTube	Barbeiro	Ganhou buquê de rosas de cego; ganhou biscoitos de cadeirante; recebeu fila de surdos.

⁹⁵ <https://www.YouTube.com/watch?v=OJQTHpGpJ1I#t=105>

⁹⁶ <http://www.YouTube.com/watch?v=-42KQ3p9rww>

⁹⁷ <https://www.YouTube.com/watch?v=0Q6z1b-EY-o>

<p>Versão B Cabeleireiro</p> <p>Holcomb</p> <p>2011</p> <p>Autor estadunidense, em publicação brasileira.</p>	Livro	Barbeiro	Recebeu um cartão de agradecimento pelo cego; ganhou uma bandeja de biscoitos da cadeirante; o barbeiro encontrou uma longa fila de surdos.
<p>Versão C</p> <p><i>La peluqueria</i></p> <p>Lisandro Rodriguez</p> <p>2012 ARGENTINA</p>	YouTube	Barbeiro	Recebia cego, pessoa com deficiência física, surdo divulga corte gratuito, surdos dispararam para o salão.
<p>Versão D</p> <p><i>handicapped week "haircut" Joke</i></p> <p>David Baughman</p> <p>2013 EUA</p>	YouTube	Barbeiro	Ganhou 12 rosas de cego; ganhou 12 muffins de cadeirante; recebeu fila de 12 surdos.

SINOPSES

Versão A (Estadunidense)

Era um cabeleireiro atendendo um cliente que era cego; após cortar o cabelo, pessoa com deficiência ia pagar, mas o cabeleireiro recusou dizendo que era gratuito para ele. No dia seguinte, cabeleireiro recebeu o buquê de flores como mostra de gratidão do cego. Repetiu a situação com o cadeirante e, depois, com o último cliente que era surdo. Só que, com o surdo, no dia seguinte o que tinha era uma fila de surdos na porta, porque os surdos ficaram sabendo que o corte era gratuito.

Versão B (Estadunidense)

Um barbeiro local decide participar da comemoração do mês da Consciência da Deficiência Física oferecendo cortes grátis para qualquer pessoa com deficiência. Um dia, um cego apareceu na barbearia e ficou contente em saber que seu corte não seria cobrado. Na manhã seguinte, o barbeiro encontrou um cartão de agradecimento na porta. Na outra semana, um homem numa cadeira de rodas foi cortar o cabelo. Na manhã seguinte, na porta da frente, o barbeiro encontrou uma bandeja de biscoitos feitos em casa como um sinal de gratidão pelo corte gratuito. Um surdo apareceu na outra semana para cortar o cabelo. Na manhã seguinte, o barbeiro encontrou uma

longa fila de surdos esperando o corte, uma cortesia da prática de compartilhamento de informações da comunidade surda! (HOLCOMB, 2011, p. 143)

Versão C (Argentina)

Era um cabeleireiro atendendo um cliente que era cego; após cortar o cabelo, o deficiente ia pagar, mas o cabeleireiro recusou dizendo que era gratuito para ele. No dia seguinte, cabeleireiro atendeu o deficiente físico e depois, o último cliente que era surdo. Só que, com o surdo, no dia seguinte o que tinha era uma fila de surdos na porta, porque os surdos ficaram sabendo que o corte era gratuito.

Versão D (Estadunidense)

Era um cabeleireiro atendendo um cliente que era cego; após cortar o cabelo, a pessoa com deficiência ia pagar, mas o cabeleireiro recusou dizendo que era gratuito para ele. No dia seguinte, cabeleireiro recebeu o presente de 12 rosas, era gratidão do cego. Depois atendeu o cadeirante, mesma situação e recebeu 12 muffins de gratidão e, depois, o último cliente que era surdo. Só que, com o surdo, no dia seguinte o que tinha era fila de 12 surdos na porta, porque os surdos ficaram sabendo que o corte era gratuito.

Fonte: a própria autora.

Esta piada apresenta semelhanças nas quatro versões, sendo composta por quatro personagens: o barbeiro e três pessoas com deficiência: cego, cadeirante (ou com outra deficiência física) e surdo. O desfecho é também semelhante, pois o barbeiro recebeu como agradecimento dois presentes (das pessoas com deficiência) e uma fila exagerada de surdos. No desfecho, em todas as versões, a fila é de surdos. A figura a seguir ilustra o exagero na expressão facial e no uso do movimento das mãos, demonstrando a longa fila de surdos à espera do corte de cabelos!

Figura 34 – Cenas da fila de surdos no barbeiro



Fonte: YouTube

Em duas versões (A e D), barbeiro ganhou rosas; outras versões A, B e D ganhou biscoitos/muffins. Única versão C (Argentina), não ganhou nenhum presente, somente a palavra “agradecimento”.

Uma única versão C apresenta uma pessoa com deficiência física que não era cadeirante. Observei também que o ator apresentou o pedido do tipo de corte que o surdo fez - é o típico corte estilo argentino cabelo longo atrás e laterais curtas.

Os títulos das versões são próximos, sendo que algumas palavras são mais frequentes, como “Cabeleireiro” e outras palavras em outra língua como inglês e espanhol: *hair* e *peluqueria*.

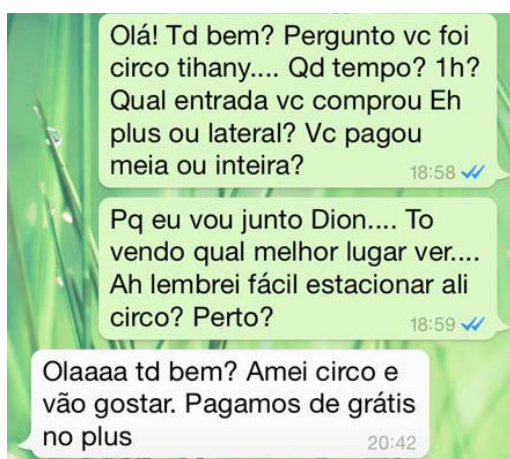
Apresento dois depoimentos da minha experiência, a primeira que escreverei, e que têm relação com a situação relatada na piada. Foi no ano de 1999, quando surgiu nova tecnologia, com um aparelho para receber as mensagens: era um *pager conectel*. Este aparelho era mais barato e mais útil para nós surdos, recebermos e mandarmos informação - só recados curtos, para marcar, combinar, avisar. Era muito importante para nós. Fui no Centro da cidade onde moro, onde tem uma loja da empresa e lá me informaram a mensalidade do *pager* - era de baixo custo para comunidade surda. Quando cheguei na sala, tinha aproximadamente seis surdos esperando para comprar *pager*. Não havia intérprete, porque naquela época não tinha legislação de reconhecimento de LIBRAS no Brasil. I. Havia moça recepcionista que ficava sentada e olhando para nós surdos, angustiada, porque não sabia como nos atender. Quando entramos para conversar sobre *pager*, a comunicação, era tudo em gestos, apontamentos, escrita etc. Compramos o *pager* e foi um grande sucesso. Todos os surdos tinham o *pager* mesma marca, porque a mensalidade era baixa. Era febre para nós. Vejamos bem como a notícia correu e, outros surdos também ficaram sabendo; mesmo sem internet, a circulação de informações era rápida entre os surdos e todos foram a um mesmo lugar.

Agora outro depoimento bem atualizado, foi mês abril de 2015. Houve apresentações de circo bastante famoso aqui em Porto Alegre-RS, e eu fui perguntar para minha amiga sobre o circo. Ela me respondeu que o circo era gratuito para surdos, desde que apresentassem comprovante de que são surdos, como carteira de associação de surdos. Vários surdos foram ao circo, comprovando como

a circulação de informações continua sendo forte para comunidade surda. Observem que os dois depoimentos têm 16 anos de diferença.

Veja a figura abaixo sobre registro da comunicação sobre gratuidade no circo no *whatsapp* (celular):

Figura 35 – *Print* da tela de celular com diálogo entre surdos.



Fonte: a própria autora

Quanto à análise das representações, essa piada apresenta que o compartilhamento de informações ocorre em uma comunidade surda, pois o elo entre essas pessoas é a língua de sinais, o que favorece que as informações circulem numa comunidade que, em muitas situações cotidianas, não tem acesso a informações através do rádio, televisão (sem legendas) ou outros meios de comunicação.

Assim, pode-se dizer que esta piada ilustra muitas outras situações, em que surdos divulgam bons serviços e profissionais (médicos, psicólogos, professores, vendedores, comerciários...) entre a comunidade surda. Compartilham informações e geralmente comunicam à comunidade surda, que acaba, como na piada, fazendo uma fila naquele lugar ou se aglomerando para buscar um determinado profissional para atendimento. Os critérios são muitos, neste caso, o destaque é para o serviço gratuito e, possivelmente, de boa qualidade.

No entanto, outros fatores também são considerados, quando se trata de assistir a um teatro, filme... ou seja, qual é a acessibilidade existente, se o local conta com a presença de usuários de Língua de Sinais, de intérpretes ou pessoas que se comunicam com surdos, se são lugares em que algum surdo experimentou e gostou etc.

Holcomb (2011) destaca o compartilhamento de informações entre os surdos e utiliza esta piada como ilustrativa para o desenvolvimento de seu argumento. No capítulo “Compartilhamento de informações: um importante valor cultural” que explica sobre a importância de compartilhamento, ele afirma (HOLCOMB, 2011, p. 141):

A forte necessidade de informação entre os surdos pode ser associada a diversos fatores, sendo que a maioria está relacionada a viver em um mundo repleto de não surdos que não sinalizam.

Também explica que, quando há local que atende bem aos surdos pela comunicação ou uso de língua de sinais básico, os surdos divulgam o local, como é o caso de médicos, bancos ou profissionais que são parentes de surdo. Conforme Holcomb (2011, 143):

A notícia espalha-se rapidamente na comunidade surda em relação a quais médicos devem ser evitados, quais caixas de banco são os mais atenciosos, quais mecânicos sabem sinalizar, e assim por diante. Esse tipo de troca de informação é valioso, pois permite que os surdos evitem situações potencialmente embaraçosas com não surdos “difíceis” e, em vez disso, conectem-se com pessoas que estão mais sintonizadas com a comunidade surda.

4.13 ESPERMATOZOIDE SURDO

Nesta piada trago a história do “Espermatozoide Surdo”. Apresento seu resumo.

Era um casal surdo que queria ter um filho surdo e ficou pensando como proceder para ter um filho surdo. Durante relação sexual, quando gozou, homem deu grito diretamente na vagina, os espermatozoides ouviram e pararam para ver o que aconteceu. No entanto, um espermatozoide surdo foi nadando até óvulo. Tiveram filho surdo (Tradução em LIBRAS disponível em DVD, pela autora desta tese).

Encontrei quatro fontes desta piada: três vídeos no YouTube, da Espanha (2011)⁹⁸; Espanha (2013)⁹⁹; Japão (2013)¹⁰⁰ e um desenho (sem ano), da espanhola Isabel Heras Vidal.

Encontrei também um artigo da autora Liina Paales, Estônia¹⁰¹ (www.folklore.ee/folklore/vol27/paales.pdf), que explica o contrário nesta piada, veja sobre espermatozoide ouvinte:

Pergunta: Um casal de surdos se vira para o médico e pede conselhos: como ter certeza de que seu bebê iria nascer surdo. O médico diz que isso é impossível de determinar - o filho vai nascer como nascer, pois isto não pode ser ajudado. O casal surdo vai embora. Depois de um tempo eles vão voltar e dizer ao médico que tiveram um bebê surdo. Como é possível?

Resposta: Após a relação que você tem que gritar para os espermatozoides que se movem em trompa de Falópio. As células ouvintes voltam para trás, enquanto as células surdas vão correr para a frente e fertilizar a criança surda.

Mas como conseguir uma criança ouvinte?

Resposta: Após a relação, você tem que enviar um sinal de luz (com uma lanterna, etc.) para os espermatozoides. Os espermatozoides surdos vão olhar para trás, mas os espermatozoides ouvintes espermatozoide não percebem a luz e nadam na frente – e uma criança ouvinte vai nascer.

Quadro 15 – Versões da piada “Espermatozoide surdo”

Piada “Espermatozoide surdo”			
Fonte	Material	Personagens	Desfecho
Versão A <i>Espermatozoide Sordo</i> 2011 ESPANHA	YouTube	Um casal	Homem deu grito na vagina da mulher, espermatozoides ouvintes voltaram e saíram da vagina por não aguentar o grito forte. Um <i>espermatozoide</i> foi andando, porque era surdo.

⁹⁸ <https://www.YouTube.com/watch?v=B9vj-IA3Cwc>

⁹⁹ <https://www.YouTube.com/watch?v=0kl5BUj0sbg>

¹⁰⁰ <https://www.YouTube.com/watch?v=KBjptlc8BHQ>

¹⁰¹ Question: A deaf couple turns to the doctor and asks for advice: how to make sure that their baby would be born deaf. The doctor says that this is impossible to determine – the child will be born as it is, it can't be helped. The deaf couple leaves. After a while they will return and tell the doctor that they had a deaf baby. How is it possible? Answer: After intercourse you have to yell towards the sperm cells moving in fallopian tube. There hearer cells hear and turn back, while the deaf cells will rush forward and the deaf child is fertilised! But how to get a hearer child? Answer: After intercourse you have to send a lamp signal (with a flashlight, etc.) towards the sperm cells. The deaf cells look back, but the hearer cells do not notice the light and rush ahead – and a hearing child will be born. (EFA I 47, 113).

Versão B Sem título Isabel Heras Vidal s/ano ESPANHA	Desenho	Um casal	Espermatozoides ouvintes pararam e olharam para trás, porque ouviram um grito. Um <i>espermatozoide</i> foi andando, porque era surdo.
Versão C <i>Semen sordo</i> 19.04.2013 ESPANHA	YouTube	Um casal	Com grito na vagina os espermatozoides ouvintes que estavam andando, pararam e voltaram. Um <i>espermatozoide</i> foi andando, porque era surdo.
Versão D <i>Adventure of Sperm</i> Luca Zimmermann 06.11.2013 JAPÃO	YouTube	Um casal	Era mamãe tocando violão, a música era alta, dois espermatozoides ouvintes não resistiram e caíram. Surdo foi andando até ovulo. Nasceu bebê, pais felizes porque são de família surda. Bebê surdo pode ser atleta ou miss também.

SINOPSES:**Versão A (Espanha)**

Durante relação sexual, mulher diz para homem que queria ter filho surdo, porque já tem quatro filhos ouvintes, como proceder?. Homem ficou pensando e deu ideia. Estavam tendo relação sexual, quando gozou, homem deu grito diretamente na vagina, os espermatozoides ouvintes saíram e retornaram por não aguentar o grito. Foi olhar novamente a vagina para verificar se um espermatozoide estava indo. Viu um espermatozoide surdo e o homem confirmou para mulher que teriam filho surdo, mulher perguntou como conseguiu. Homem explicou como fez. Abraçaram-se felizes!

Versão B (Espanha)**Versão C (Espanha)**

Um casal surdo queria ter filho surdo. Surdo teve ideia e chamou a mulher para ir fazer sexo. Durante relação sexual, quando gozou, homem deu grito diretamente na vagina, os espermatozoides ouvintes retornaram por não aguentar o grito. Um espermatozoide surdo foi mesmo, teve sucesso. Tiveram filho surdo.

Versão D (Japão)

Um casal estava se beijando e tendo relação sexual. Eram três espermatozoides dentro na trompa, conversando e discutindo quem era o melhor para entrar no óvulo. Uma menina diz que seria linda como miss; menino diz que seria ótimo atleta; surdo diz que encontraria surdos no mundo. Menina e menino riram para surdo. Era mamãe tocando violão, a música era bem alta, dois espermatozoides ouvintes não resistiram à música alta e caíram. Surdo foi andando até ovulo. Nasceu bebê;, pais felizes porque são de família surda. Bebê surdo pode ser atleta ou miss também.

Fonte: a própria autora.

Esta piada apresenta a mesma história com duas pessoas querendo ter um filho surdo; utilizando o som, neste caso, o grito para distrair os espermatozoides ouvintes.

A versão japonesa (D) apresenta a narrativa mais longa e original, pois eram três espermatozoides discutindo quem entraria no óvulo. Cada um mostrou suas qualidades, quem seria o melhor: a miss ou o atleta ou o surdo. Esta piada também se diferencia, pois era a mãe tocando o violão, o barulho da música afetou dois espermatozoides ouvintes que não resistiram e caíram. O único espermatozoide surdo foi vitorioso, pois ficou olhando e foi andando até o óvulo. Espermatozoide surdo explicou também que o surdo tem capacidade, pode ser miss ou ser atleta,

viajar pelo mundo, comunicar-se com diversos surdos nos outros países, estudar também. O ator usou roupas especiais para contar a piada, simulando uma fantasia de espermatozoide. Por isso usou o título “Aventura de Espermatozoide” em uma narrativa mais longa.

Nas duas versões (A e C), homem deu grito na vagina. Na versão B, só era barulho, os espermatozoides pararam e olharam para trás. Uma única versão (D), não mostra clima “pesado” com erotismo, com grito diretamente na vagina; era mãe tocando violão, numa narrativa mais decente. As cenas seguintes apresentam o momento do grito e do violão.

Figura 36 – Grito



Fonte: YouTube

Destacamos uma coisa interessante relacionada às línguas em que esta piada foi contada: as três versões encontradas são da Espanha. Provavelmente teve forte circulação desta piada entre surdos espanhóis durante pouco tempo, entre 2011 e 2013.

Os títulos das versões são próximos, sendo que algumas palavras são mais frequentes, como “Espermatozoide Surdo”. A narrativa mais longa trouxe um título diferente: “Aventura de Espermatozoide”, como vimos anteriormente.

Quanto à análise das representações, destacamos o início da narrativa, em que aparece um casal que quer ter um filho surdo, sonho da família surda, que considera o nascimento de um surdo como dádiva e orgulho. O nascimento de surdos, neste sentido, é visto como um fortalecimento da comunidade surda e da identidade, contrário ao modo como se recebem muitos surdos quando nascem em famílias ouvintes, cercados por discursos médicos que reduzem os surdos à

deficiência. Na narrativa japonesa, o debate entre os *espermatozoides* acontece antes da fecundação do óvulo e pode-se dizer que ali já estavam as representações sobre o surdo, no momento em que dois espermatozoides (a miss e o atleta) zombaram e riram do espermatozoide surdo. Atualmente especialistas da saúde fazem tudo para reduzir os surdos, evitar etc.

Relacionada a esta situação, citamos uma reportagem¹⁰² que reelata algo parecido, através de uma história verídica em que um casal de lésbicas queriam ter filho surdo, que foi concebido pela inseminação artificial de um homem surdo, com casos de surdez por hereditariedade na família. Segue o recorte da reportagem, como informação, mas não como material de análise. Interessante discussão sobre este caso encontra-se no livro *The Case against Perfection*, autor Michael Sandel, 2007.

¹⁰² Em relação a esta reportagem, não entro na polêmica sobre ética, apenas mostro a relação com a piada analisada.

Figura 37 – Reportagem “Os filhos do silêncio”

Família

Os filhos do silêncio

Casal de lésbicas recorre à fertilização in vitro para ter bebês surdos como elas

O desejo número 1 de toda mãe é ter um bebê saudável. Essa é, pode-se dizer, a ordem natural da vida. É isso que torna tão difícil entender que uma mãe recorra à fertilização artificial com o objetivo premeditado de produzir um bebê com uma deficiência congênita. Talvez se deva dizer “duas mães”, pois se trata de um casal de lésbicas americanas, Sharon Duchesneau e Candace McCullough, ambas surdas. Em lugar de um neném de olhos claros ou superinteligente, elas procuraram

audição. Em casos como o de Sharon, que é filha de um casal surdo, a possibilidade sobe para uma em duas. Como o pai também tem a deficiência, as probabilidades se elevam para três em quatro. “O que fizemos foi aumentar nossas chances de ter um bebê que fosse surdo”, define Candace, que adotou a criança. “É uma eugenia ao contrário”, espanta-se Volnei Garrafa, professor de biotética da Universidade de Brasília. “Em vez de darem vantagens competitivas a seus filhos, elas esco-

lheram que a criança tivesse uma doença. É um egoísmo absurdo.” A decisão de ter um filho deficiente auditivo foi tomada por razões surpreendentes. Desde os anos 80, muitos surdos americanos desenvolveram o conceito de que a surdez não é uma deficiência médica, mas uma identidade cultural. Eles se vêem como uma tribo à parte, com linguagem própria (a de sinais), e manifestam abertamente sua preferência por filhos surdos, com os quais possam comunicar-se livremente.

Essa curiosa interpretação da surdez surgiu na única universidade para deficientes auditivos, a Gallaudet, localizada em Washington. Como não vêem a surdez como uma deficiência, não acham que trouxeram uma criança doente ao mundo. Sharon e Candace consideram-se na mesma condição de pais que recorrem à seleção de embriões para ter uma menina. Ou um casal de negros que deseja um filho também negro. “Como um surdo, uma menina e um negro podem sofrer discriminação”, diz Sharon. “Por causa disso os negros não deveriam ter filhos negros?” O argumento é, evidentemente, capcioso. O problema ético decorre do uso de técnicas de fertilização para assegurar o nascimento de uma criança deficiente. Um surdo pode ter uma vida quase normal. Sharon e Candace, ambas na faixa dos 30 anos e há dez vivendo juntas, cursaram universidade e têm um padrão de vida de classe média alta — mas a deficiência sempre significa desvantagens e limitações. Mesmo que a criança tenha uma excelente comunicação com os pais em casa, com o uso da linguagem de sinais, estará isolada quando sair à rua, onde a maioria escuta perfeitamente. Esse é um caso em que a mãe desejou para seu filho justamente o indesejado. ■



Sharon, Gauvin, Jehanne e Candace: elas escolheram ter filhos deficientes

72 17 de abril, 2002 veja

Fonte: revista VEJA, no dia 17 de abril de 2002.

Lane (1992, p. 34) explica sobre ter filho surdo como uma dádiva: “Nas palavras de um líder britânico dos surdos, Paddy Ladd: ‘A comunidade dos surdos vê o nascimento de cada criança surda como uma dádiva preciosa’”.

Lane (1992, p. 34) explica sobre intenções médicas de manipulações para reduzir número de surdos:

Os especialistas americanos manifestaram a sua opinião numa reportagem em 1991 aos National Institutes of Health; declararam que a investigação genética para melhorar a qualidade de vida dos surdos é certamente importante, mas não deve tornar, nas mãos dos ouvintes, numa pesquisa de métodos para reduzir a comunidade dos surdos.

Já Strobel (2009, p. 53) explica sobre a vitória de ter filho surdo:

O nascimento de uma criança surda é um acontecimento alegre na existência para a maioria das famílias surdas, pois é uma ocorrência naturalmente benquista pelo povo surdo, que não vê nessa criança um “problema social”, como ocorre com a maioria das famílias ouvintes.

Num exemplo recente, tem um casal surdo que fez divulgação que sua filha que é surda também no Facebook no mês abril de 2015. Veja o comentário na postagem:

Finalmente! Queremos informar que não importamos se nossa filha seja surda ou ouvinte, sim ela utiliza LIBRAS como primeira língua. Quando nasceu, Fiore fez teste de orelha três vezes e não passou.[...] Então levamos ela para fazer exame de bera e confirmou que Fiore é surda. E Nós estamos muito felizes! Agora ela é oficial surda. Mais um membro surdo na família. Mamãe surda, papai surdo e filha surda (<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10205815756409007&set=t.1110164368&type=3&theater>).

Tem um comentário que surda escreveu sobre IBGE: “Bom dia, Viva mais uma surda [...]Fiorella de censo do IBGE igual nosso da comunidade surda!!!” (<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10205815756409007&set=t.1110164368&type=3&theater>)

A família apresentou uma logomarca no facepage “O diário da Fiorella” no Facebook, que é a mão original da Fiorella. Tem arroba com três apelidos do pai, mãe e filha, @FabiFranFiore; também *hashtag* #VivaFamíliaSurda. Destacamos que o designer que criou a logomarca, é surdo e tem família surda, Marcelo Bertoluci.

Figura 38 – Logomarca Fiorella



Fonte: <https://www.facebook.com/968045626563779/photos/pb.968045626563779.2207520000.1436365237./999613926740282/?type=3&theater>

4.14 COCÔ

Como última análise, trago a história do Cocô – uma piada escatológica. Em literatura, "escatologia" se usa para histórias que fazem referência a excreção (fezes, urina) ou outras funções corporais; também são piadas ou humor de banheiro.

A piada explica sobre a forma do cocô do surdo e ouvinte que são diferentes, por causa do medo no meio da floresta. Dois personagens – um surdo e um ouvinte – foram acampar no mato. Um foi para um lado e outro foi para outro, mas os dois fizeram cocô, preocupados com a escuridão da floresta. Entretanto, o surdo observou que a forma do seu cocô ficou uma montanha, enquanto a do ouvinte ficou toda espalhada, porque todas as vezes em que o ouvinte ouvia um barulho, pulava e defecava (Tradução em LIBRAS disponível em DVD, pela autora desta tese).

A piada é engraçada porque as pessoas podem ficar imaginando o ouvinte naquela situação. Encontrei seis fontes, sendo uma brasileira (Cristiano Koyama DVD Feneis SP 2010); uma francesa (livro *Surdos, 100 piadas*); vídeos do YouTube, dos Estados Unidos (2007)¹⁰³ e (2008)¹⁰⁴; do México (2009)¹⁰⁵ e do Uruguai (2011)¹⁰⁶.

¹⁰³ <https://www.YouTube.com/watch?v=aXKJWKuyeSM>

¹⁰⁴ <https://www.YouTube.com/watch?v=cemd-hOhIEM>

¹⁰⁵ <https://www.YouTube.com/watch?v=iX9w5vTrH6I&list=UUMHq9C4ONFyyt0-wNAZcqAcA>

¹⁰⁶ <https://www.YouTube.com/watch?v=XUQftlxL3ZE&list=UUiBrsbayz2eCxZFP67GuAkA>

Quadro 16 – Versões da piada de “Cocô”

Piada “Cocô Surdo”				
Fonte	Material	Personagens	Local	Desfecho
Versão A O cagalhão Renard e Lapalu 1997 PORTUGAL (original FRANÇA)	Livro	Dois amigos: surdo e ouvinte	Campo	Cocô do ouvinte é deitado, cocô do surdo tem várias voltas como coroa. Surdo fica dando volta de cócoras para vigiar em volta, por isso cocô fica em forma de círculo.
Versão B <i>The Identification of Feces</i> John Lestina 2007 EUA	YouTube	Dois cientistas	Campo	Pesquisaram vários tipos de fezes, estranharam umas fezes diferentes, eram em círculo, não descobriram quem fez. Resolveram chamar o CSI para levar e investigar quem fazia este tipo de cocô. Descobriram que era um humano surdo quem fez.
Versão C <i>Two Brothers</i> 2008 EUA	YouTube	Dois irmãos: ouvinte e surdo	Parque	Em Park Ranger, um guarda florestal seguiu pistas deixadas pelas pegadas de duas pessoas, foi atrás, viu um cocô em vários pedaços e foi ver outro cocô que estava em forma de círculo. Ouvinte ouve barulho, salta e defeca pedaços soltos. Surdo fica dando voltas de cócoras para vigiar na volta, por isso cocô fica em forma de círculo.
Versão D <i>CHISTE DE SORDO Y OYENTE</i> Jose Cortes 2009 MÉXICO	YouTube	Dois primos: ouvinte e surdo	Campo	Cocô do ouvinte tem vários pedaços separados, cocô do surdo tem várias voltas como uma coroa. Ouvinte ouve barulho, salta e defeca a cada salto. Surdo fica dando voltas de cócoras para vigiar na volta, por isso cocô fica em círculo, parecendo sorvete.
Versão E				Cocô do ouvinte tem vários pedaços separados, cocô do

Sem título Cristiano Koyama 2010 BRASIL	DVD	Dois soldados: surdo e ouvinte	Campo de guerra	surdo tem várias voltas como uma coroa. Ouvinte ouve barulho, salta e defeca a cada salto. Surdo fica dando voltas de cócoras para vigiar na volta, por isso cocô fica em círculos.
Versão F <i>Chiste en Lengua de Señas Uruguaya</i> 2011 URUGUAI	YouTube	Dois soldados: surdo e ouvinte	Campo de guerra	Cocô do ouvinte tem vários pedaços separados, cocô do surdo tem várias voltas como uma coroa. Ouvinte ouve barulho, salta e defeca a cada salto. Surdo fica dando voltas de cócoras para vigiar na volta, por isso cocô fica em círculo.

SINOPSES**Versão A (Portuguesa, originalmente francesa)**

No final de uma excelente refeição, um daqueles repastos que fazem história numa amizade, dois amigos, um ouvinte, o outro surdo, decidem fazer um passeio digestivo. De braços cruzados, lá foram eles campo fora. Pelo caminho, com a marcha a ajudar, vem uma irresistível vontade de cagar!

Mas o campo é plano, sem árvores no horizonte, nem o mais pequeno arbusto para abrigar actividade tão trivial. Decidem separar-se e baixar as cuecas, cada qual para seu lado. O campo parece deserto e basta estar atento à chegada de algum eventual inoportuno. Assim foi feito! Reencontrando-se a meio do caminho, os nossos dois amigos vangloriam-se do volume excepcional dos seus respectivos cagalhões! Resolvem então fazer uma visita às suas obras:

O do ouvinte, admite o surdo, faz um montinho com uma altura respeitável... O do surdo não é menos volumoso mas apresenta a forma espantosa de uma coroa!

- Que estranho – diz o ouvinte – como fazes para cagar assim em círculo?

- Muito simples – explica o surdo – tu, para ficares tranquilo, bastante esticar a orelha. Mas eu, que não ouço, é a visão que me informa. Para vigiar as redondezas, de cócoras, vou andando à volta.



Renard e Lapalu (1997, p. 16)

Versão B (Estadunidense)

Eram dois cientistas identificando os tipos de fezes no campo, usando livro para ver qual é o animal que fez cada cocô. Após analisarem várias fezes, não sabiam qual era o animal de todas elas. De repente, notaram fezes em círculo, foram procurar no livro, não acharam nenhum tipo de animal que fazia aquele tipo de cocô. Tiveram de retirar o cocô e levar para laboratório de CSI para investigar o que era. Tiveram horas de investigação, foi um alívio quando descobriram que era de surdo. Era do passado, quando tinha havido a guerra dos soldados surdo e ouvinte.

Versão C (Estadunidense)

Eram dois irmãos, surdo e ouvinte, que resolveram passear no Parque Nacional, antes pararam e comeram comida mexicana bem picante. Após comerem, foram passear e tiveram dor de barriga, vontade de fazer cocô. Separaram-se para fazer cocô e quando terminaram, foram embora. O guarda estava caminhando e cuidando do parque, viu pegadas, estranhou, foi atrás, viu cocô: vários separados e outro cocô em círculo, sem entender por que era assim. Eram do ouvinte, que salta e defeca quando ouve barulho, enquanto surdo fica dando voltas de cócoras para vigiar na volta, por isso cocô fica em círculo.

Versão D (Mexicana)

Era uma fazenda, com familiares, dois primos - surdo e ouvinte - almoçaram bastante. Dois resolveram caminhar, passear, de repente tiveram dor de barriga, vontade de fazer cocô. Notaram que não havia tempo para voltar para casa, resolveram fazer ali nas árvores. Separaram-se para fazer. Após, ouvinte chamou surdo para ver cocô; surdo ficou surpreso e disse que cocô era diferente do dele. Ouvinte foi ver cocô do surdo. O motivo era que o cocô do ouvinte era separado em vários, enquanto o cocô do surdo tinha várias voltas como coroa. Ouvinte ouve barulho, salta e defeca a cada salto. Surdo fica dando voltas de cócoras para vigiar na volta, por isso cocô fica em círculo, parecendo sorvete.

Versão E (Brasileira)

Eram dois soldados surdo e ouvinte durante a guerra; de repente tiveram vontade de fazer cocô, se separaram para fazer. Voltaram, e o surdo disse que queria ver cocô do outro para saber se era diferente. Ouvinte mostrou, surdo ficou surpreso, foi mostrar cocô dele que era diferente também. O motivo é que o cocô do ouvinte é separado em vários pedaços, enquanto o cocô do surdo tem várias voltas como coroa. Ouvinte ouve barulho, salta e defeca a cada salto. Surdo fica dando voltas de cócoras para vigiar na volta; por isso cocô fica em círculo.

Versão F (Uruguaia)

Eram dois soldados, surdo e ouvinte, durante a guerra, de repente tiveram vontade de fazer cocô, notaram que estavam distantes de tudo, ninguém à vista, separaram-se para fazer cocô. Quando voltaram, eles estavam dando risadas e dizendo que queriam ver como era cocô do outro. Foram ver e ficaram surpresos ao verem como eram diferentes. O motivo é que o cocô do ouvinte é separado em pedaços, enquanto o cocô do surdo tem várias voltas como coroa. Ouvinte ouve barulho, salta e defeca a cada salto. Surdo fica dando voltas de cócoras para vigiar na volta, por isso cocô fica em círculo.

A maioria das versões apresenta duas pessoas que fazem cocô e o tipo de fezes é diferente entre ouvinte e surdo. As fezes do surdo são em forma de círculo, clássico na piada. Uma única versão (D) diz que cocô em círculo parecia um sorvete. O desfecho, na maioria das versões, traz surdo circulando e fazendo cocô em forma de círculo enquanto o ouvinte ouve barulho, salta e defeca, produzindo um cocô em vários pedaços espalhados pelo chão.

Uma versão estadunidense (B) saiu da narrativa clássica, diferente das outras versões, pois eram dois cientistas pesquisando manuais e livros para identificar o tipo de fezes e a quem (qual animal) pertenceria.

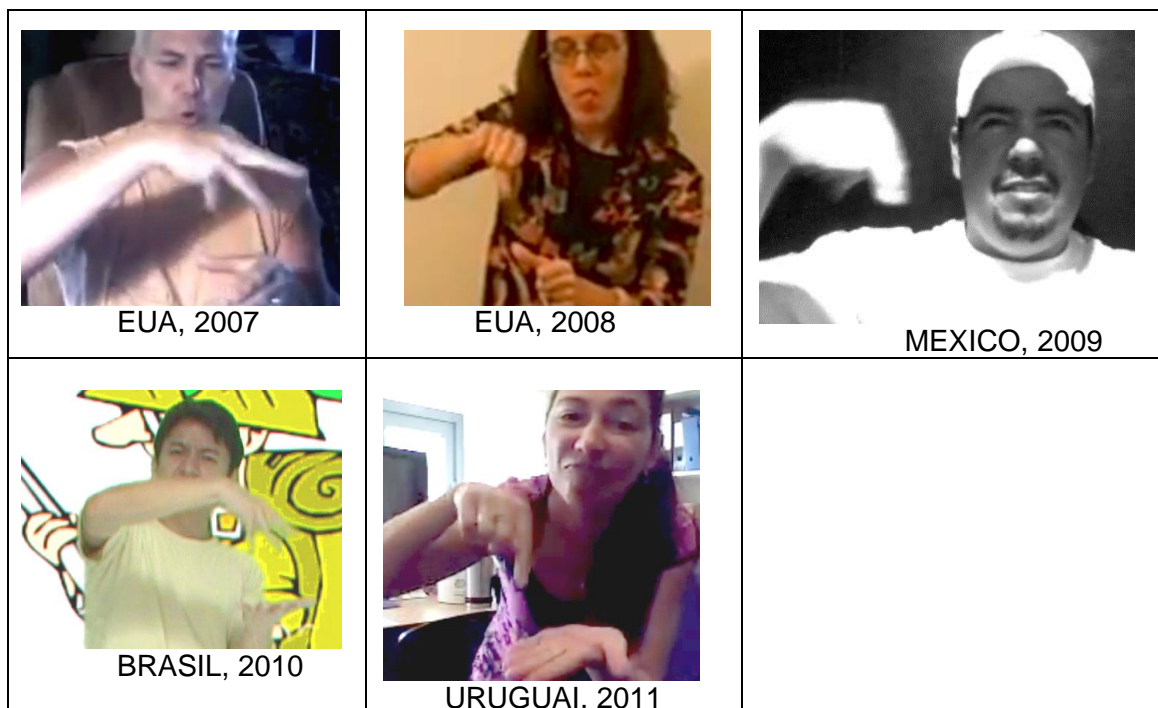
Apenas versões B, E e F apresentaram soldados, surdo e ouvinte; em outras versões os personagens eram diversos como irmãos, primos, amigos. Nenhuma versão apresentou personagens mulheres fazendo cocô.

O local era adequado ao tipo de piada e parecido em todas versões como campo, floresta e campo da guerra, lugar onde não há banheiros disponíveis.

Os títulos das versões são menos próximos que das outras piadas, sendo que somente em duas versões mostra “Cagalhão” e “Identidade das fezes”, outras mostram “Dois irmãos”, “Surdo e Ouvinte”. Por isso, como expliquei anteriormente, quando os títulos são diferentes, dificultam o acesso e busca do material, com foi o caso desta piada.

Quanto às representações, podemos destacar nesta piada o ORGULHO surdo, que produz um cocô bonito. É a beleza e delicadeza em uma piada escatológica! Nas versões, comparam o cocô com um sorvete ou uma coroa, conforme cenas que seguem.

Figura 39 – Cena da piada do “Cocô surdo”.



Fonte: YouTube

Tais cenas mostram o orgulho da identidade, nas fezes surdas! A atenção visual do surdo e do ouvinte estão também em evidência – na floresta, para prestar atenção aos perigos que estão à volta, eles têm comportamentos diferentes: o surdo se guia fortemente pelo visual e fica girando em cócoras enquanto o ouvinte se guia pelos barulhos, por isso salta. Sobre o orgulho surdo, Sacks enfatiza que ser surdo e usar a língua de sinais eram motivos de vergonha e passividade para muitos surdos, conforme comenta na citação que segue:

Levada por essas considerações pessoais e sociais, Kannapell fundou Orgulho Surdo, uma organização dedicada à elevação da consciência dos surdos, em 1972. A depreciação dos surdos, a deferência dos surdos, a passividade dos surdos e a vergonha dos surdos eram bastante comuns antes do início da década de 1970 [...] (1990, p. 166).

Outra possibilidade de análise é considerar a contradição evidenciada através da imagem do cocô, considerado um dejetivo sempre feio, sujo e fedorento, mas ao mesmo tempo bonito, visualmente atraente, comparado a coroa e sorvete! Aproxima-se de situações em que pessoas consideram os surdos deficientes ou a língua de sinais feia, podre. Sacks explica que [...] “Rejeitar a ASL é rejeitar o surdo [...] (pois) ASL é uma criação pessoal dos surdos como um grupo... é a única coisa que temos que pertence completamente aos surdos” (1990, p. 166).

Neste capítulo, pois, apresentamos o material coletado e descrevemos as especificidades de cada uma das piadas selecionadas. Analisamos o total de 14 piadas e destacamos as semelhanças e diferenças entre elas, com foco nas representações de surdos e de língua de sinais. Mostramos como as piadas são recorrentes e circulam em diferentes países e em diferentes línguas de sinais, possibilitando identificar a popularidade de algumas piadas que fazem parte de uma herança clássica contada pelos surdos de geração a geração. Identificamos que, apesar da distância geográfica entre os países e da antiguidade de algumas piadas, elas se mantêm em versões bastante semelhantes, com o intuito de valorizar os surdos, a língua de sinais e a experiência visual. No próximo capítulo trazemos mais análises dessas piadas.

5. SURPRESAS NA CAIXA: POSSIBILIDADES ANALÍTICAS E RESULTADOS

Nesta tese, apresentei como cheguei até o tema, revisei alguns autores, abordei conceitos fundamentais sobre Literatura Surda, humor, em especial, e estabeleci meus objetivos e minha metodologia de trabalho. Também trouxe as piadas em diferentes versões, para mostrar a produtividade do material coletado.

Neste capítulo início retomando os objetivos, apresento o levantamento dos dados empíricos que são analisados, identifico algumas categorias de análise, com o propósito de trazer algumas possibilidades analíticas relacionadas ao humor nas línguas de sinais e, por fim, apresento algumas considerações finais.

Relembro que minha principal questão de pesquisa é “quais representações de surdos e características da cultura surda estão presentes em piadas que circulam nas comunidades surdas?” Para isso, inicialmente fiz um mapeamento do humor/piadas em sinais, presentes em comunidades surdas [principalmente as brasileiras], registradas nos vídeos YouTube, em DVD e[ou] impressas, ilustradas..., de forma a selecionar um conjunto de piadas para análise mais detalhada. Em seguida, identifiquei quais piadas são mais conhecidas, ou seja, quais são as piadas clássicas que circulam em comunidades surdas, considerando os critérios descritos na parte metodológica. Elaborei também uma organização das piadas e verifiquei as permanências e diferenças entre diferentes versões de piadas. Analisei também algumas especificidades da Língua de Sinais usadas para dar maior força expressiva às piadas, obviamente sem esgotar as possibilidades analíticas. Os principais resultados e categorias analíticas encontradas são destacados a seguir.

A análise do humor em línguas de sinais teve muitas motivações, conforme apresentado na parte introdutória desta tese. Uma curiosidade, no entanto, refere-se às representações de surdos e línguas de sinais em piadas contadas pelos próprios surdos. Neste sentido, procuramos investigar quais imagens e quais textos são produzidos nestes materiais, em uma investida que se relaciona com a afirmação de Lane (1992, p. 23) “No estereótipo do ouvinte, a surdez representa a falta e não a presença de algo. O silêncio é sinônimo de vácuo”. A investida, nesta tese, foi buscar outras representações sobre os surdos, a surdez, a língua de sinais, em

piadas que circulam nas comunidades surdas. A seguir, apresento um detalhamento e cruzamento de alguns elementos encontrados nas piadas.

5.1 DADOS: PRIMEIRAS SURPRESAS

Considero relevante apresentar inicialmente uma análise dos materiais coletados, envolvendo as 14 piadas que são aqui analisadas, tais como a fonte, o modo de registro, os países e os atores de piadas mais frequentes nas produções humorísticas em línguas de sinais, entre outros detalhes.

A quantidade de materiais coletados foi de 14 piadas, totalizando 78 versões diferentes dessas piadas. Foram utilizados principalmente registros disponibilizados em vídeos, conforme quadro a seguir:

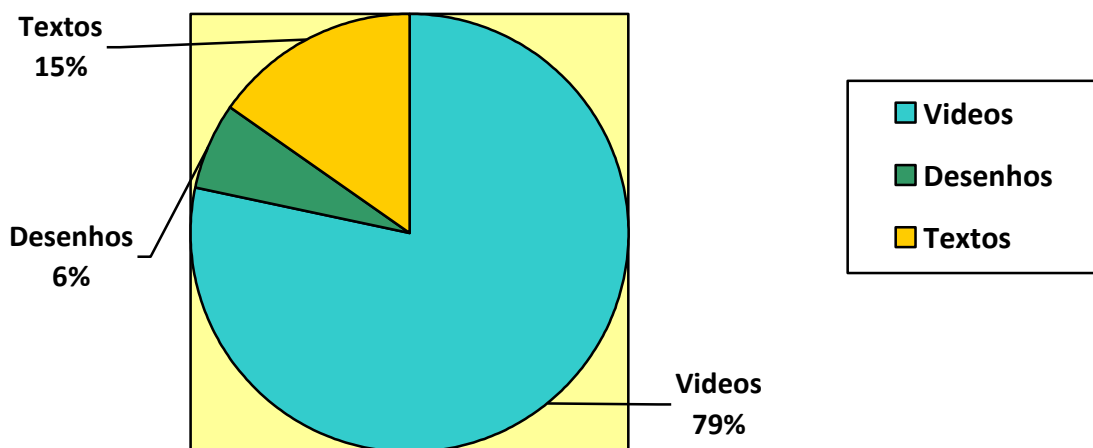
Quadro 17 – Número de versões de piadas analisadas conforme suas fontes

TOTAL DE PIADAS: 14	
Vídeos (61 versões)	Impressa (17 versões)
Youtube – 49	Desenhos – 05
DVD – 09	Textos - 12
Outros sites – 03	
TOTAL DE VERSÕES: 78	

Fonte: a própria autora.

Observei que o maior registro é em vídeo, sendo 49 disponíveis no YouTube; depois, no texto impresso, ficou em 12; em DVD tivemos 9 versões; em desenho (cartuns, HQ), o número ficou em 5; e, por último, vídeos em sites, com apenas 3. Assim, totalizando as produções humorísticas disponibilizadas em vídeo, somamos as postagens no YouTube, com o material semelhante, disponibilizado em vídeo, em site e DVD, totalizando 61 materiais. Em segundo lugar, encontramos desenhos com 5 materiais e texto escrito com 12 materiais (disponibilizados em livros e disponibilizados em português, inglês...). O gráfico a seguir ilustra essa preferência pelo registro em vídeos.

Gráfico 3 – Percentual por tipo de material coletado.



Fonte: a própria autora

A partir desses dados, é possível evidenciar [ou concluir] que as formas de registro mais utilizadas são em vídeo, pois registrar é filmar a piada em Língua de Sinais, é expressar as piadas em Língua de Sinais, é a visibilidade para nós, surdos, entendermos completamente o humor e os detalhes no uso da língua e dos sentidos que são produzidos neste tipo de texto. Ao traduzir o texto da língua de sinais para texto escrito em outra língua, perde-se grande qualidade de informações e detalhes, acarretando que a piada perde a graça, quando comparada ao ato de contar essa mesma piada em Língua de Sinais. Os vídeos e as filmagens são formas de registros plenos para a comunidade surda, pois possibilitam um acesso direto à língua de sinais, capturando as expressões faciais, os detalhes, as minúcias, as metáforas, a riqueza e a criatividade da língua. Neste sentido, essa percepção é bastante antiga e Veditz, presidente da *National Association of the Deaf* (NAD), em 1913, em oposição aos discursos que circulavam naquela época sobre o oralismo na educação de surdos, defende a preservação de Língua de Sinais, através de registro em vídeo, tanto que organizou um pedido para ter uma filmadora para registrar a Língua de Sinais e os surdos contando narrativas, piadas, poemas, fábulas “E nós

queremos preservar os sinais como esses homens agora estão usando, para manter e passar para as gerações vindouras” (p. 02)¹⁰⁷.

Outro importante critério na coleta dos dados foi a seleção de piadas que apresentam mais de uma versão, com preferência de, no mínimo, quatro versões até seis versões de uma única piada. Algumas piadas são mais recorrentes do que outras e obviamente não esgotamos o número de piadas existentes. Nesta pesquisa procurei selecionar de 4 a 6 versões de uma mesma piada e o quadro a seguir apresenta o levantamento feito.

Quadro 18 – Número de versões por piada

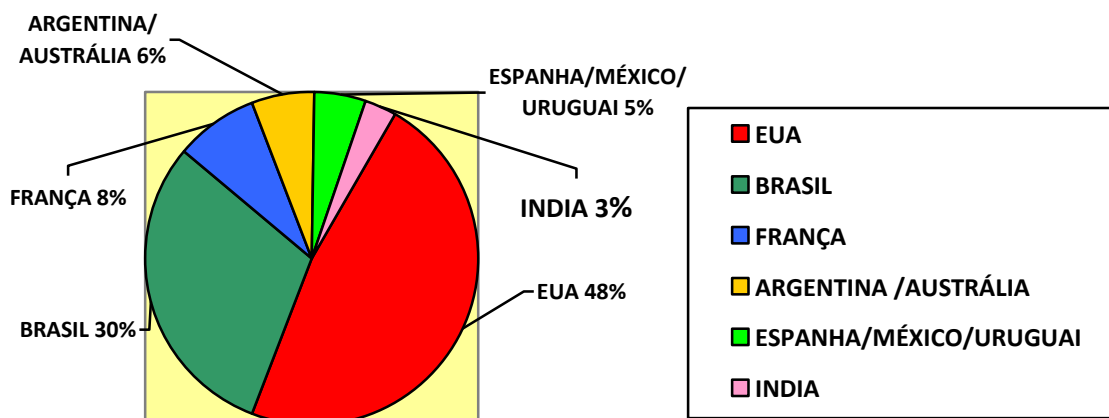
14 PIADAS	
10 piadas com 6 versões	ÁRVORE SURDA LUA DE MEL POLICIAL SINALIZADOR KING KONG LEÃO SURDO TOURO SURDO PÁSSARO SURDO GRANADA TREM COCÔ SURDO
2 piadas com 5 versões	PÁSSARO NA LINHA DE TELEFONE COMUNICAÇÃO ESCRITA
2 piadas com 4 versões	CABELEIREIRO ESPERMATOZOIDE SURDO

Fonte: a própria autora.

¹⁰⁷ “And we want to preserve the signs as these men now use them, to keep and pass on to coming generations” (p.02). *The Preservation of the Sign Language* George W. Veditz (National Association of the Deaf, 1913; Translated from the film by Carol A. Padden).

Outras informações relevantes estão relacionadas aos países em que as piadas mais são produzidas, bem como a recorrência de alguns atores de piadas, mais do que outros, se homem ou mulher. Os quadros a seguir detalham essas informações:

Gráfico 4 – Percentual de países produtores das piadas.



Fonte: a própria autora.

Quadro 19– Número de piadas por país, no material analisado

País	Número de piadas
EUA	30
BRASIL	19
ARGENTINA/AUSTRÁLIA	04
URUGUAI / ESPANHA / MÉXICO	03
ÍNDIA	02

Fonte: a própria autora.

Cabe salientar que há uma quantidade grande de materiais disponibilizados, no entanto, priorizamos as piadas brasileiras, por ser este um critério da pesquisa.

O cruzamento dos critérios restringiu algumas escolhas, tendo em vista a clareza e o acesso aos materiais de boa qualidade, no sentido de favorecer uma compreensão do que estava sendo sinalizado. Assim, selecionamos uma grande quantidade de piadas estadunidenses, principalmente as piadas que circulam em *American Sign Language*. Houve também a seleção de piadas, considerando a

realização do Festival Brasileiro de Cultura Surda (2011), que possibilitou a vinda de um dos autores do livro “*Deaf Culture – Our Way: Anecdotes from the Deaf Community*”, o qual foi traduzido do inglês para o português, facilitando o acesso à língua e às piadas registradas naquele livro.

É importante mencionar também que localizamos piadas em diferentes línguas de sinais, de países diversos, por exemplo, da Índia, contada por uma mulher surda. Esse detalhe reforça a existência de um compartilhar de informações entre os surdos e de piadas que carregam marcas da cultura surda. Tais aspectos são favorecidos pelo contato face-a-face e também pela internet, que possibilita o contato visual entre surdos sinalizadores e atores de histórias.

Outro aspecto que ressaltamos na análise dos vídeos é a participação ampla de surdos (homens) atores de histórias, comparativamente ao número reduzido de mulheres surdas que contam histórias humorísticas, neste caso, piadas. Identificamos a participação de 28 homens e 9 mulheres, nos vídeos produzidos.

Além disso, há a presença mais frequente de alguns surdos na produção de vídeos, os quais disponibilizam na internet as piadas filmadas em sinais. Alguns atores de histórias são mais frequentes que outros, tais como os artistas a seguir:

Figura 40 - Atores de piadas mais frequentes na internet (You Tube)

			
<p>John Lestina EUA 6 piadas</p>	<p>Santiago Feliciano BRASIL (SP) 3 piadas</p>	<p>Andrei Borges BRASIL (RS) 3 piadas</p>	<p>Trudy Fraser AUSTRÁLIA 3 piadas</p>

Fonte: YouTube

Com relação aos materiais impressos, foi possível localizar dois livros especificamente de histórias humorísticas, com ilustrações, quadrinhos, charges, narrativa textual curta. Destaco que duas piadas apresentaram maior quantidade de desenhos, encontrados durante a coleta de material, possivelmente pela

popularidade dessas piadas, que são: Árvore Surda (4 desenhos) e King Kong (4 desenhos). O quadro a seguir ilustra a quantidade de materiais impressos coletados.

Quadro 20 – Número de materiais impressos utilizados conforme obras consultadas

<p>(a) Livro Estadunidense (traduzido para o português, por Iuri Abreu):</p> <p>HOLCOMB, Roy; HOLCOMB, Samuel; HOLCOMB, Thomas. Deaf Culture – Our Way: Anecdotes from the Deaf Community. 3ª Ed. San Diego, California: Dawn Sign Press. 1994.</p> <p>Total de piadas analisadas: 06</p> <p>(b) Livro Português (originalmente francês):</p> <p>RENARD, Marc; LAPALU, Yves. Surdos, 100 Piadas! Trad.: Mariana Martini. Lisboa, Editora Surd’Universo, 2009.</p> <p>Total de piadas analisadas: 05</p>

Fonte: a própria autora.

Quanto aos materiais utilizados na presente tese, os vídeos disponibilizados em DVD foram retirados de três fontes, todas brasileiras, onde foram encontradas várias versões das piadas analisadas.

Quadro 21 – Número de piadas analisadas conforme fontes em DVD

<p>(a) PIADAS EM LIBRAS com 20 piadas, produzido pela Feneis-SP, 2010.</p> <p>Total de piadas analisadas: 04</p> <p>(b) LIBRAS EM CONTEXTO, produzido pela FENEIS, RJ, 1997.</p> <p>Total de piadas analisadas: 02</p> <p>“PIADAS EM LIBRAS”, Sandro dos Santos Pereira, Confederação Brasileira de Surdos, 2009.</p> <p>Total de piadas analisadas: 02</p>
--

Fonte: a própria autora.

A circulação dos materiais ocorre em diferentes meios e formatos; no entanto, as fronteiras são cruzadas, no momento em que percebemos que algumas piadas clássicas da comunidade surda são aproveitadas em outros contextos, com outros propósitos. Como exemplo podemos citar dois comerciais televisivos que se aproximam de duas piadas clássicas, sendo elas Lua de Mel e Leão Surdo. A piada Lua de Mel foi adaptada para um comercial da Pepsi-Cola; enquanto a piada Leão Surdo se aproxima da propaganda do xampu Pantene. As ilustrações a seguir evidenciam tais exemplos:

Figura 41 – Piadas adaptadas para anúncios publicitários audiovisuais



Fonte: <http://www.YouTube.com/watch?v=frrq6cUoE5A;>
<https://www.youtube.com/watch?v=4aCZM8USbik>

A propaganda estadunidense da Pepsi-Cola explora a piada Lua de Mel e apresenta uma semelhança maior entre ambas. Dois homens chegam a um local, à noite, estão em seus carros, tomando Pepsi-Cola, resolvem buzinar no carro para identificar onde é a casa do amigo surdo. A mesma estratégia utilizada na piada é também encontrada nesta propaganda: a casa que não acender a luz é identificada como a casa do amigo surdo.

A propaganda tailandesa do xampu Pantene aproveita a pista das juba do Leão para explorar a beleza dos cabelos. Embora o enredo seja diferente, há elementos semelhantes em ambas, ou seja, tanto na piada quanto na propaganda, há violino, aumento da intensidade musical no momento em que o violino é tocado, proporcionando aos cabelos o acompanhamento do ritmo e do som, em movimentos sincronizados, favorecendo o movimento dos cabelos da menina surda, personagem da propaganda.

Nas piadas foram encontradas várias formas de apresentação dos personagens: além de seres humanos, algumas personificavam animais surdos, objetos surdos. Cinco piadas apresentaram personagens animais: King Kong (gorila); Leão, Touro, Pássaro (com duas piadas diferentes). Destaco que os animais King Kong, Leão, Touro são animais grandes, ferozes, ameaçadores, poderosos e perigosos. Por outro lado, há também animais pequenos, como o pássaro que é pequenino, manso... representando falta de audição, um problema invisível, frágil, vive em bando e requer benevolência. Observei que as duas piadas “Leão Surdo” e “Touro Surdo” apresentam enredos próximos, usam violino e, no desfecho, o animal corre para atacar o violinista. Também nas duas piadas “Pássaro na linha de telefone” e “Pássaro Surdo”, pássaros estão na linha (nas duas versões da piada Pássaro Surdo). Além de animais, foi encontrada uma piada em que a personagem pertence à natureza; é “Árvore Surda”.

Sobre alguns detalhes da presença de personagens nas piadas, destaco que apenas três piadas apresentaram intérpretes como personagens: Árvore Surda (1); Policial Sinalizador (1) e Trem (3). Tais piadas representam a escassez de intérpretes, visto que não estão presentes em muitas piadas ou alguns lugares são mais difíceis, considerando a situação, local apresentado e o propósito da piada. Além disso, podemos inferir que isso representa o fato de que não é em qualquer lugar que existem condições de acessibilidade, por isso piadas apresentam poucos intérpretes. Interessante observar que as piadas mais atuais são as que apresentam versões com a presença de intérpretes, que são as piadas “Árvore Surda” (2014) e “Policial Sinalizador” (2012). Em versões anteriores de “Árvore Surda” encontramos outros profissionais para intermediar a comunicação, como médicos, botânicos ou especialistas na área (relacionados a natureza). Na piada “Policial Sinalizador”, percebemos aqui um detalhe sobre a presença de intérpretes relacionados ao atendimento público, tendo o policial identificado a pessoa surda e solicitado a presença de intérprete para continuar a comunicação.

Ainda sobre os personagens, muitas piadas apresentam seres humanos e destaco que a piada “Lua de Mel” trouxe a maior variedade de versões, como diferentes personagens, por vezes um casal em lua de mel, ou amigos indo para uma festa, amigos em viagem ou retornando embriagado para casa. Os locais também variam, sendo hotel, motel, apartamentos, bairro. O desfecho igualmente

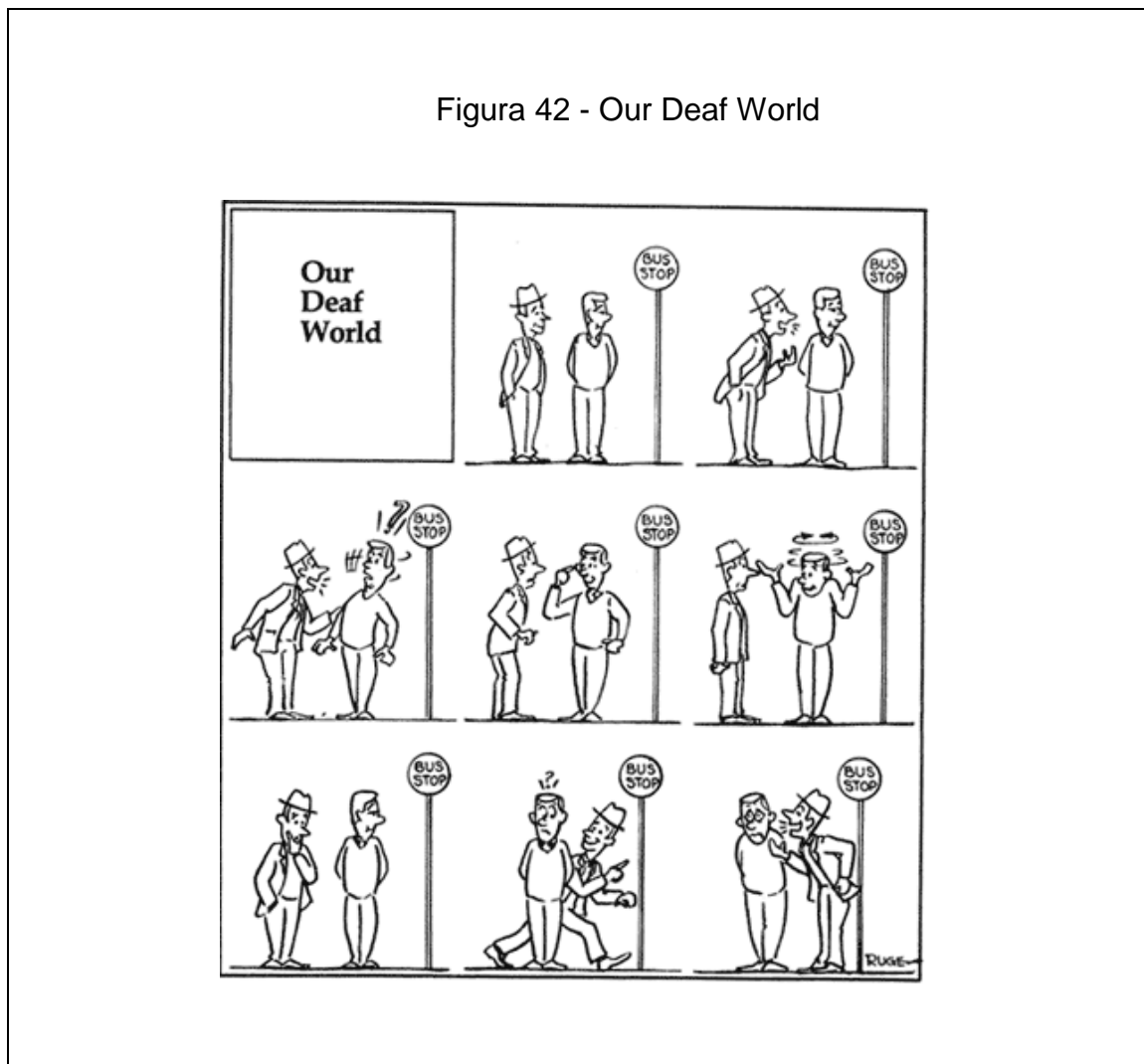
apresenta detalhes diferentes sobre o barulho produzido, por vezes temos a buzina, em outras o interfone, gritos ou “peidos”.

Sobre as ausências, destaco que não encontrei piadas com temáticas relacionadas à escola, professor ou aluno. Possivelmente porque os critérios utilizados são específicos, mas cabe salientar que tais piadas não são recorrentes, possivelmente porque a maioria delas focaliza aspectos mais gerais da experiência surda. Em trabalhos futuros, esse é um recorte importante e necessário, no sentido de identificar piadas que focalizem a escola, professor, aluno... como personagens.

Destaco que a circulação das piadas está fortemente ligada aos aspectos culturais em que a comunidade surda vive, tendo a influência da cultura majoritária. Por exemplo, a piada “King Kong” apresenta uma grande quantidade de versões estadunidenses (05 em 06), fazendo referência ao filme estadunidense (Hollywood) produzido. Além disso, outro fator que influenciou foi a língua em que a piada é contada, sendo que a língua inglesa apresenta uma forte presença. Na piada “Trem” temos a língua inglesa falada em diferentes países como EUA, Austrália, Índia. Já a piada “Espermatozoide Surdo”, apresenta uma grande quantidade de versões relacionadas aos países de língua espanhola e as várias versões circularam em um curto espaço de tempo.

Por fim, gostaria de referir uma experiência pessoal: em julho de 2011 fui no Festival *Clin d'Oeil* em Reims, França, onde houve apresentação solo de um ator estadunidense, John Maucere. Contou a seguinte piada: “eram dois homens urinando no banheiro, um ouvinte tentou conversar e um surdo avisou que era surdo. O homem deslocou-se para o outro lado para conversar e urinar em outro mictório. Veja abaixo no desenho, faz 30 anos, uma piada semelhante àquela que foi contada no Festival.

Figura 42 - Our Deaf World



Fonte: Gannon, EUA, 1981.

Além do levantamento feito no capítulo anterior, a participação nesse festival é mais uma evidência da ampla circulação de piadas em eventos da cultura surda. Neste sentido, Ladd diz:

Sinto que eles são verdadeiramente Surdos porque mostram uma posição forte ao dizer: 'Eu faço as coisas à minha maneira.' Gestuam de forma forte, gestuam abertamente em público, juntam-se em redor dos postes de iluminação, desafiam os ouvintes nos autocarros e noutros sítios. Se os polícias não gestuam, dizem-lhes: 'Não gestuas? Estúpido, tu.' Todos estes aspectos positivos se acumulam para construir um orgulho forte em ser Surdo (2013, p. 154).

Sobre títulos nas piadas, encontramos, 55 piadas com título; foram 21 piadas sem títulos e 2 piadas com título não relacionado diretamente ao conteúdo da piada, por exemplo, *Chiste en Lengua de Señas Uruguaya*. Observamos que quase

metade das piadas coletadas não tem título; verifica-se, assim, que é costume que os atores de piadas ou narrativas, não usem o título, até porque o título poderia tirar o humor da piada, se referisse o final dela. Algumas piadas no YouTube apresentam título só que não relacionado à piada, mas referindo apresentação do curso de Língua de Sinais.

A seguir apresento uma síntese das representações sobre surdos e línguas de sinais, nas 14 piadas analisadas.

5.2. CATEGORIAS DE ANÁLISE: MAIS SURPRESAS

Quanto à análise, observei que a maioria das piadas que encontrei apresenta temáticas relacionadas ao problema de comunicação, vinculadas a situações em que o ouvinte não sabe Língua de Sinais.

Podemos assim agrupar representações vinculadas aos problemas de comunicação, em consequência do não uso de uma língua de sinais pelos ouvintes. O humor aqui trabalha no sentido de inverter discursos, em que os surdos são representados como pessoas com “dificuldade de comunicação”, anormais (LANE, 1992). Neste sentido, Gomes (2009) pondera que o riso é uma expressão das imperfeições humanas, bem como uma forma de identificação e socialização, pois através do riso convertemos estranhos em amigos, celebramos ocasiões, reinventamos histórias... O riso traz união ao grupo, desconstrói alguns discursos, nos identifica e nos faz mortais.

(A) RIR DOS OUTROS

As piadas que focalizam **problemas de comunicação** são: “Árvore Surda”, “Policial Sinalizador”, “King Kong”, “Leão Surdo”, “Touro Surdo” e “Comunicação Escrita”. Tais histórias apresentam aproximações no sentido de apresentarem elementos que causam problemas aos ouvintes, visto que não sabem sinais. Nessas situações, há outros desdobramentos relacionados com a zombaria e a os limites de ouvintes no uso da língua de sinais. Pode-se dizer que as piadas que **zombam** de ouvintes são as seguintes: “Árvore Surda”, “Lua de Mel”, “Policial Sinalizador”, “King

Kong”, “Leão Surdo”, “Touro Surdo”, “Granada”, “Comunicação Escrita”, “Trem” e “Cabeleireiro”. As piadas que apresentam ouvintes com dificuldades na comunicação, no aprendizado ou no uso da língua de sinais são: “Árvore Surda”, “Policia! Sinalizador”, “Leão Surdo”, “Touro Surdo”, “Granada” e “Comunicação Escrita”. Por fim, a piada que mostra o empoderamento da comunidade surda e o valor de estarem juntos é “Cabeleireiro”.

Os elementos que provocam o riso decorrem de diferenças marcadas nas piadas entre as experiências surdas e as experiências ouvintes. Nas experiências surdas, o uso de uma língua de sinais, da experiência visual está em destaque, e o barulho não incomoda. Já nas experiências de ouvintes, as piadas apresentam ouvintes atrapalhados com o uso da língua de sinais e/ou, incomodados com o barulho. Desse modo, o riso está vinculado a determinadas experiências e grupos que vivenciam tais experiências. Gomes (2009) considera que o riso em grupo possui toda uma significação pessoal para aquelas pessoas envolvidas no grupo. Dessa forma, entendemos que as piadas surdas provocam o riso e favorecem o sentimento de pertencimento a um grupo. Quando rimos, ou se rimos de situações apresentadas em piadas surdas, é uma forma/necessidade/vontade de pertencer ao grupo.

Rir dos outros e da pouca fluência em sinais é frequente nas piadas, apontando, por outro lado, o valor da língua de sinais. Assim, em piadas como “Árvore Surda”, “Policia! Sinalizador”, “Leão Surdo”, “Touro Surdo”, “Granada” e “Comunicação Escrita”, torna-se evidente a valorização da língua de sinais, a beleza desta língua, o uso e o funcionamento, as vantagens de uma língua em uma modalidade gestual-visual, a riqueza de expressões e de usos que ela possui, sendo o bem mais precioso, o tesouro da comunidade surda. Em “Árvore Surda”, se o lenhador não sabe sinais não consegue realizar o seu trabalho de derrubar árvores; em “Policia! Sinalizador”, temos semelhança com a piada “Árvore Surda”, em que o policial não conseguiu realizar o serviço, por falta de comunicação em língua de sinais; em “Leão Surdo”, teve o final trágico do violinista por não saber expressar a música ou poesia em língua de sinais; em “Touro Surdo”, que é semelhante à piada anterior “Leão Surdo”, toureiro é atacado pelo touro ou se encontra em situação de violência; em “Granada”, temos um soldado que precisava ter afinidade de uso de língua de sinais para contar os números, mas não tinha: perdeu tempo e sofreu com a

explosão; em “Comunicação Escrita” , ouvintes tiveram de usar o papel e caneta por não saber usar língua de sinais.

Essa contextualização do riso permite ligar o riso à necessidade de amparo, de expressão de singularidades que se transformam em expressões coletivas, que celebram o social, o viver junto, os sinais, as experiências sentidas, vivenciadas e compartilhadas.

O riso, nas piadas surdas, vem também de uma oposição a uma certa ordem estabelecida, a uma estrutura e funcionamento valorizados socialmente. Assim, o riso aparece como uma oposição à rigidez mecânica, como reação ao que é dado e reproduzido amplamente. Por exemplo, rimos da morte, da queda, do inusitado, do ouvinte que não se comunica... pois quando o indivíduo morre, cai, é jogado para fora do trem, não consegue se comunicar... esses atos são contra sua vontade e desestabilizam aquilo que era esperado. Rimos de sua queda, pois essa é desestruturada, está fora de uma ordem estabelecida, do que é esperado. Dessa forma, de onde se espera o comum, o dado, surge o inesperado, o novo. A informação nova se sobrepõe a uma informação dada, tida como “natural”.

O riso nas piadas é também provocado por enredos e desfechos relacionados a crueldade, morte, quedas – mas a crueldade a que nos referimos, conforme Gomes, não é num sentido maléfico, “[...] mas num sentido de afastamento, de indiferença, para que, nessa dimensão, se constitua a estrutura do cômico” (2009, p 152). Contudo, isso não significa que não podemos rir de alguém que nos inspire outras emoções ou que nos remeta a outras situações engraçadas, sem envolver tragédias, como nas piadas “Cocô Surdo” e “Pássaros na linha de telefone”. A vitalidade do riso, em piadas, ocorre em situações já apontadas por Alberti (1999, p. 31)

Muitas vezes, o caráter regenerador do riso é identificado com o universo da arte. Rainer Warning (1975), por exemplo, aproxima o riso e o risível do mundo da ficção e do poético, como formas de expor outras possibilidades, para além dos sistemas de sentido fechados.

As piadas surdas constituem parte da agenda de luta da comunidade surda, proporcionando alegria de viver e o fortalecimento do grupo. Relacionado a isso, podemos citar Propp, que comenta que “o riso é importante como arma de luta, mas

é também necessário enquanto tal como manifestação de alegria de viver que estimula as forças vitais” (1992, p. 190).

O riso de zombaria, em situações em que se faz alguém de bobo, é recorrente em piadas surdas. Em geral, encontramos piadas que zombam de ouvintes: “Árvore Surda”, “Lua de Mel”, “Policia! Sinalizador”, “King Kong”, “Leão Surdo”, “Touro Surdo”, “Granada”, “Comunicação Escrita”, “Trem” e “Cabeleireiro”. O riso de zombaria é encontrado também em outras pesquisas sobre o humor, conforme destaca Propp

Dos materiais que analisamos é possível que o aspecto de riso mais estritamente ligado à comicidade seja aquele que chamamos de riso de zombaria. É justamente o tipo de riso que mais se encontra na vida e na arte, e está sempre ligado à comicidade. E isto é compreensível. A comicidade costuma estar associada ao desnudamento de defeitos, manifestos ou secretos, daquele ou daquilo que suscita o riso (1992, p. 171).

Neste sentido, ao se zombar do ouvinte que não sabe sinais, inverte-se uma lógica, uma forma de comunicação “naturalizada” como a mais vantajosa, mais valorizada. A comicidade nas piadas em que o soldado acaba estourando a granada em suas mãos por não saber sinais está associada a mostrar defeitos, limitações humanas, dificuldades, atrapalhamentos, erros... neste caso, do ouvinte que não sinaliza.

O efeito cômico surge em piadas que representam as dificuldades de usar sinais, limitações e falta de fluência na língua. Para Rutherford, “Se analisarmos o conteúdo manifesto da piada, vemos que a questão central é de comunicação, ou falta de (1983, p. 315).”

Além de as piadas representarem as dificuldades de usar sinais, limitações e falta de fluência na língua por parte dos ouvintes; manifestam também a importância da visibilidade, da experiência visual, com destaque para as vantagens de ser surdo, isto é, para o ganho surdo.

Quanto à importância da visibilidade ou da experiência visual, algumas piadas, como “Lua de Mel”, “Cocô” e “Granada” apresentam as vantagens relacionadas ao uso da visão, a atenção e experiência visual da qual os surdos tiram proveito para o desempenho de atividades. Por exemplo, na piada “Granada”, o soldado surdo acerta o alvo com muita facilidade; já em “Lua de Mel” é utilizado o acender das

luzes para localização e satisfação de seus objetivos e, por fim, em “Cocô” o surdo não é impulsionado pelos barulhos da mata, mas utiliza a atenção visual, girando em cócoras para cuidar e prestar atenção aos perigos da mata, produzindo um cocô mais bonito e harmônico. Essas piadas, dentre outras, estão relacionadas ao ganho surdo, às vantagens de ser surdo.

O ganho surdo está evidente em outras piadas, tais como “Lua de Mel”, “Policia Sinalizador”, “Cabeleireiro” e “Espermatozoide Surdo”. O barulho perturba os ouvintes, como na piada “Lua de Mel”, mas não incomoda aos surdos; o policial que não sabe sinais acaba não conseguindo aplicar a multa em uma infração do motorista surdo, logo o surdo sai em vantagem, livrando-se da multa; o surdo também tem o ganho em atitudes benevolentes de ouvintes, que são piedosos e acabam fazendo uma caridade não cobrando o corte de cabelos de pessoas surdas e com deficiência; o barulho e os gritos na relação sexual não interrompem a corrida do espermatozoide surdo até o óvulo, enquanto os espermatozoides ouvintes ficam parados e assustados tentando localizar de onde vem aquele barulho estranho. Essas e tantas outras piadas evidenciam o ganho surdo.

O ganho surdo remete, junto a outros aspectos, ao orgulho surdo, ao fato de valorizar a diferença e torná-la sua, como motivo de orgulho. Conforme McCleary, orgulho de ser surdo pode parecer estranho para os ouvintes que enxergam o surdo como deficiente:

Agora, diga para um ouvinte, “Eu tenho orgulho de ser surdo!” O ouvinte vai ficar chocado. Ele vai ficar confuso. Por que razão ter orgulho de ser surdo? O ouvinte sempre acreditou no seu coração que a surdez é uma falta. É uma deficiência. Como é possível ter orgulho de uma deficiência? As pessoas podem ter orgulho de alguma coisa que elas têm, mas não de uma coisa que não tem, uma falta, uma deficiência. Então quando o surdo diz “Eu tenho orgulho de ser surdo”, ele choca e confunde o ouvinte. O ouvinte não gosta de ouvir isso, porque começa a colocar em questão a certeza que o ouvinte tem sobre o mundo. Ele não pode mais achar que o surdo é um “coitado”, porque um coitado não tem orgulho de si mesmo. O ouvinte fica com medo. O mundo do ouvinte começa a ficar menos seguro, mais complexo. O ouvinte não tem explicação para o orgulho do surdo ser surdo. Como é possível uma pessoa ter orgulho de ser surdo? Para o ouvinte, é um absurdo. É um paradoxo (2003, p.02).

Nas piadas “Espermatozoide” e “Cocô surdo”, o orgulho surdo pode ser exemplificado na situação em que o espermatozoide surdo vence o espermatozoide

ouvinte, é mais esperto e atinge o alvo primeiro. Já em “Cocô Surdo”, tem-se a situação de produzir algo melhor, mais harmonioso do que o ouvinte.

Por fim, a piada “Cabeleireiro” apresenta uma situação de compartilhamento de informações própria da comunidade surda, em que um surdo identifica alguma pessoa, espaço, informação... e faz circular essa informação entre os surdos.

Nesta seção apresentamos as piadas que estão relacionadas a “rir dos outros”, em uma forma de valorização da identidade e cultura surda. A seguir, teceremos análise de piadas que se voltam para o riso de coisas do próprio grupo, intitulada “rir de nós mesmos”.

(B) RIR DE NÓS MESMOS

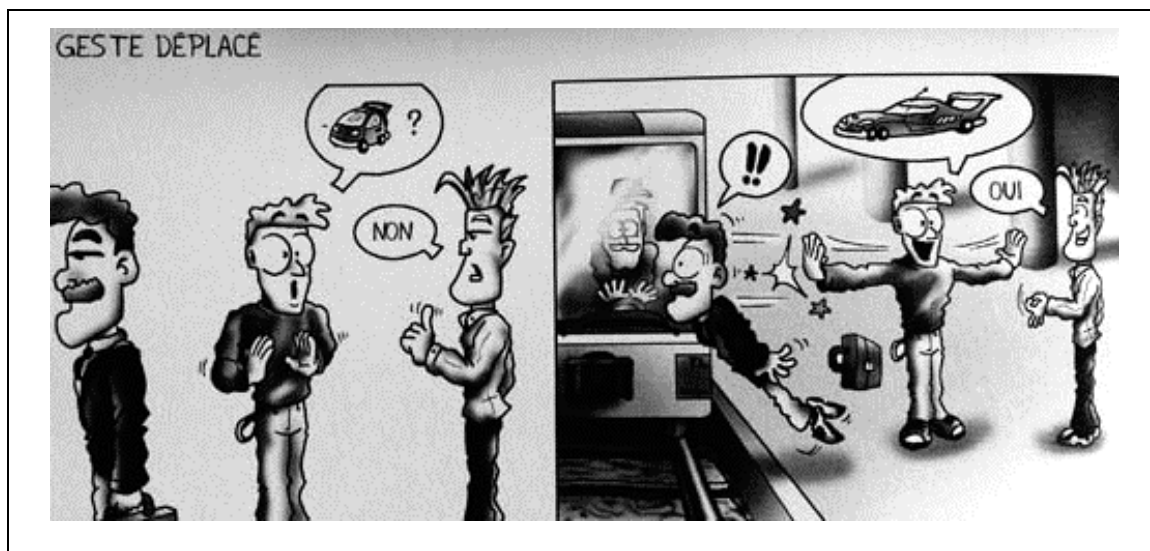
Outro conjunto de piadas que encontramos são as piadas que tematizam situações e experiências vivenciadas pelos próprios surdos, causando riso no próprio grupo. Algumas apontam situações vantajosas, decorrentes da benevolência, da compaixão e da piedade de outros. Por exemplo, as piadas “Policia Sinalizador” e “Cabeleireiro” contam histórias de benefícios associados ao cotidiano... Em muitas situações, como do “Policia Sinalizador”, a limitação do uso de sinais por parte do policial fez com que o surdo se livrasse de uma multa. Já na piada “Cabeleireiro”, encontramos a vantagem no compartilhamento de informações, que levam a um corte gratuito para uma grande quantidade de surdos. Tais vantagens são apresentadas, nas piadas, em situações que envolvem a benevolência, a urgência dos ouvintes em livrar-se rápido de situações embaraçosas, buscar soluções rápidas de problemas, perceber que não sabe como atender aos surdos, proporcionando um olhar de piedade, pena... Tais piadas vinculam-se a essas representações, geralmente relacionados a visão de deficiência, já que “fazer o bem faz bem”. Tais piadas apresentam também ambientes em que o tratamento varia entre dois pólos: ou a benevolência ou a exclusão. Ao final, o desfecho dessas piadas mostra o ganho surdo, os benefícios que podem ser obtidos em muitas situações. Podemos citar Sutton-Spence e Napoli (2012, p. 314), que explicam numa piada os benefícios do surdo:

A Deaf man, a blind man and a man in a wheelchair are all in the pub one evening, complaining that the beer is weak and the pub is too crowded. Just then God walks in and sees them looking miserable and dissatisfied. He comes over to their table and says to the man in the wheelchair, "Be healed!" The man in the wheelchair stands up and runs from the pub shouting, "Praise the Lord!" God says to the blind man, "Be healed!" and the man looks around him at everything he can now see. He runs from the pub shouting, "Praise the Lord!" God turns to the Deaf man but before He can say anything, the Deaf man says in panic, "No, please don't heal me! I don't want to lose my disability benefits!"¹⁰⁸

Ainda sobre as piadas que favorecem o riso dentro do próprio grupo - "rir de nós mesmos" - podemos citar outro conjunto de piadas que, ao mesmo tempo em que destacam o valor da língua de sinais, fazem uma alerta sobre os possíveis acidentes que uma comunicação com as mãos pode trazer. Tais "acidentes" com a própria língua (com as próprias mãos) decorrem do espaço necessário para a realização dos sinais. Os atores de histórias ou mesmo surdos em conversas do cotidiano limpam o espaço para que possam manipular suas mãos, evitando acidentes com objetos. Por exemplo, deslocar vasos de flores, porque incomodam a visão, cafés ou bebidas precisam estar longe do movimento das mãos, óculos podem voar ao fazer sinais próximos aos olhos... É comum acidente no uso de língua de sinais e que fica engraçado: pode-se bater numa pessoa quando passa, machucar as próprias mãos ou rosto ao sinalizar etc. entre tantas outras situações. Algumas piadas recorrem a esse tipo de situação para produzir humor. As piadas "King Kong" e "Granada" destacam esse aspecto. Apresento mais dois exemplos de piadas, com exagero dessas situações. A Figura 43 apresenta um personagem fazendo um sinal exagerado, para referir a um carro grande, mas quando sinaliza acaba empurrando uma pessoa que está próxima para os trilhos de um trem. A Figura 44 traz imagens de aplausos "surdos", em que se levantam as mãos, mas acidentalmente um ventilador acaba cortando muitas mãos da plateia que aplaude com as mãos.

¹⁰⁸ Tradução: Um homem surdo, um cego e um homem em uma cadeira de rodas estão todos em um pub, numa noite, queixando-se que a cerveja é fraca e o pub é muito lotado. Só então Deus entra e vê o olhar miserável e insatisfeito deles. Ele vem até sua mesa e diz para o homem na cadeira de rodas, "Seja curado!" O homem na cadeira de rodas se levanta e corre pelo pub gritando: "Louvado seja o Senhor!" Deus diz ao cego: "Seja curado!" e o homem olha em volta e percebe que ele agora pode ver. Ele corre pelo pub gritando: "Louvado seja o Senhor!" Deus volta-se para o homem surdo, mas antes que Ele possa dizer qualquer coisa, o homem surdo diz em pânico: "Não, por favor, não me cure! Eu não quero perder os benefícios de minha deficiência!"

Figura 43 – Conversando, quando abre braços, empurrou a pessoa ao cair para trilhas do metrô.



Fonte: MEGIAS, 2011.

Figura 44 – Aplausos, levantar os braços perto do ventilador que cortou as mãos.



Fonte: MEGIAS, 2011.

Nestas duas figuras anteriores, percebemos o exagero e os acidentes, apresentados de forma humorística, em uma versão de provocar riso de situações (im)prováveis do cotidiano dos surdos.

Por fim, Gomes (2009, p. 152) contextualiza o riso e os sentidos de piadas e pode nos ajudar a entender a função das piadas que analisamos:

Assim, a relação com o riso é uma relação de cumplicidade. Precisamos de um grupo para que nosso riso tenha significado. Na verdade, precisamos encontrar um sentido para ela, pois talvez rir sozinho seja uma tolice. Contudo, em grupo, somos reis (as vezes dos tolos!). Chistes à parte, o riso faz parte de uma contextualização de um grupo. Dessa forma, o riso, um tipo de humor ou piada, só tem significado dentro um contexto sócio histórico e temporal. É por isso que muitas piadas são incompreensíveis para nós, ou ainda perdem o seu contexto cômico/significado quando traduzidas de um idioma para outro, pois o riso precisa de um contexto histórico-cultural.

Após a apresentação das categorias de análise, relacionadas a “rir dos outros” e “rir de nós mesmos”, trago as considerações finais na próxima seção.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: as piadas circulam livremente...

Deixem a caixa do Cômico aberta para que as piadas sejam soltas circulando no espaço... Como escrevemos anteriormente, as piadas surdas podem não ser compreendidas por qualquer pessoa que desconhece língua de sinais ou que sabe língua de sinais e desconhece a cultura surda. Assim, a autora Rutheford apresentou uma piada famosa na comunidade surda estadunidense, exemplificando o cômico para surdos mas não para não-surdos; conta uma piada de um surdo pedindo para um ouvinte abrir a cancela de um cruzamento com trilhos de um trem, mas que o ouvinte não entendeu.

Uma vez um homem, bem, uma pessoa, uma pessoa Surda, estava dirigindo e parou em uns trilhos de trem porque a cancela de sinalização do cruzamento estava abaixada, mas nenhum trem estava passando. Então ele esperou por um bom tempo para que um trem passasse, mas nada. A pessoa decidiu, então, sair do carro e caminhar até a cabine de controle, onde havia um homem que controlava as cancelas. Ele estava sentado lá, falando no telefone. O homem Surdo escreveu na melhor forma que conseguia (elegantemente), “Por favor m-a-s”, e entregou o papel ao controlador. O controlador olhou para a pessoa Surda com um olhar inquisidor, “Por favor, mas? Hein?” Ele não havia entendido aquilo.

Observação: Engraçado para Surdos, mas não para não-surdos. Se você é um não-sinalizador, não achará a mínima graça na piada. A parte final da piada é um trocadilho com sinais (1983, p. 310).

Esta piada é mais engraçada para surdos, não para ouvintes; o motivo é o conhecimento profundo de língua de sinais, não apenas de alfabeto manual e alguns sinais básicos. Também envolve a própria experiência de vida; nós, surdos, temos esta vivência. Assim, quando se conta a piada, já entendemos o porquê, pois os surdos tentam usar palavra ou sinal para esclarecer se não souberem nome do objeto ou coisa, por exemplo quando pedem para conversar pessoalmente, os surdos usam “conversar em carne”. Por último, também é necessário conhecer a cultura surda, porque só o conhecimento da língua de sinais, não garante o conhecimento da cultura surda. Por isso esta piada não é engraçada para ouvintes.

Através da análise das piadas clássicas mostrei a forte circulação dessas piadas em diversos países, geograficamente distantes, por exemplo: uma mesma piada circula desde países como o Brasil até a Índia, com uma distância de mais de

10 mil quilômetros. Tais piadas apresentam as mesmas histórias, mesmo circulando em línguas de sinais bastante distintas. São versões variadas de uma mesma piada; as diferenças acontecem mesmo que a língua falada seja a mesma, por exemplo, o Uruguai e a Argentina compartilham a mesma língua falada – espanhol – mas as piadas são apresentadas na língua de sinais de cada país, respectivamente Língua de Sinais Uruguaia e Língua de Sinais Argentina. No entanto, a aproximação e o entendimento da piada ou da narrativa contada em uma língua de sinais é variável de uma pessoa para outra e isso está relacionado com as experiências em outras línguas. Na aproximação aos materiais de análise, percebi que é possível entender uma língua de sinais diferente, tendo em vista que eu já conhecia a piada na LIBRAS. Assim, foi possível entender as piadas em outras línguas de sinais, de modo semelhante à forma como pessoas compreendem uma língua estrangeira – podem entender pouco ou medianamente. De igual modo, os surdos podem entender um pouco ou medianamente uma língua de sinais diferente ou o gestuno. Isso não significa dizer que as línguas de sinais são universais, mas sim, que é possível aproximar-se de outra língua de sinais e compreender de certo modo o que está sendo sinalizado.

Além das questões linguísticas e das piadas apresentarem versões em diferentes línguas de sinais, um outro fator que favorece a circulação de piadas é o avanço tecnológico, que promove a circulação e o registro de piadas em meios visuais, tais como a filmagem. Com a tecnologia avançada, os surdos estrangeiros podem ver piadas nos vídeos, vão recontando, fazendo circular essas piadas em muitos locais e chegando às casas de surdos que estão geograficamente muito distantes.

O atual acesso aos materiais, como vídeos YouTube, sites, DVDs etc., possibilita o registro das piadas que eram eternamente clássicas e que sempre foram contadas ao vivo/presencialmente, em uma tradição face-a-face há anos, mas só que atualmente contam com registros visuais por causa da tecnologia avançada, fato que facilita o acesso aos materiais. Neste sentido, relembro que encontrei os registros mais antigos de piadas no ano de 1981 nos EUA, com as piadas: “Pássaro na linha de telefone”; “Pássaro surdo”; “Comunicação Escrita”. Acredito que outras piadas também sejam bem antigas, mas o problema é a impossibilidade de comprovar isto por falta de registro ou difícil localização de materiais.

Por outro lado, observei que a maioria dos contadores das piadas são surdos, pois têm experiência para expressar as piadas, com expressão facial/corporal com maior exagero, usando o corpo para incorporar os personagens, como exemplo o animal Leão disparando, patas acelerando girando, dentes grandes, juba esvoaçando, assim como o personagem violinista nervoso tremendo, com rapidez tocando o violino. Para Morgado, “a Literatura das Línguas Gestuais é extremamente rica, representando tradicionalmente a ligação para o mundo de surdos, através dos contadores de histórias” (2011, p. 169).

Ao seguir os objetivos do meu trabalho, fiz análise de representações de surdos e surdez nas piadas, e notei que a maioria mostrou uma visão positiva sobre cultura surda como orgulho surdo, empoderamento da Comunidade Surda e valorização de Língua de Sinais, com nenhuma visão clínica.

Para concluir, notamos que, na maioria das piadas, a principal função do humor é zombar dos ouvintes que não sabem Língua de Sinais. Considerando a longa história em que os surdos foram oprimidos pelos ouvintes pela oralidade, pela proibição de Língua de Sinais, pelo limitado acesso à educação escolar, etc. isto que fez com que os surdos usassem as piadas para reverter a situação de opressão através da zombaria e da valorização da língua de sinais. Para eternizar o fortalecimento da Comunidade Surda, a valorização da Língua de Sinais, o orgulho surdo, enriquecimento e empoderamento dos surdos, eles tornam-se heróis nas piadas e trazem o humor para dar risadas, aliviar a opressão, trazendo maior prazer para os surdos.

Quanto aos lugares em que as piadas são contadas, observamos que as piadas em Língua de Sinais são sempre contadas espontaneamente, livres, em lugares públicos, em eventos, escola de surdos, etc. como na tradição oral.

Por fim, cabe registrar que a análise aqui apresentada não esgota o material disponível em diferentes formatos e espaços, nem as possibilidades investigativas ou o que poderíamos analisar nas piadas em sinais. No entanto, a proposta foi apresentar uma amostra de algumas piadas clássicas, conforme disponibilizado na internet e com acesso aos usuários, trazendo evidências de que o humor se manifesta e circula entre os surdos em diferentes formatos e histórias.

Agora vamos sair no labirinto do Teseu... deixem a caixa do Cômico aberta. Vamos continuar contando as piadas clássicas para manter a tradição e sem perder a história das piadas da Comunidade Surda.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: FGV, 1999.

BAUMAN, H-Dirksen; NELSON, Jennifer; ROSE, Heidi. **Signing the Body Poetic: Essays on American Sign Language Literature**. University of California Press, 2006. p. 21-50.

BERGSON, Henri. **O riso – ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

BISOL, Cláudia. **Tibi e Joca – uma história de dois mundos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

CARMELINO, Ana Cristina. As dicas-piadas do Casseta e Planeta: denúncia e liberação. In:LINS, Maria da Penha; CARMELINO, Ana Cristina (Orgs). **A Linguagem do humor: diferentes olhares teóricos**. Vitória, ES: UFES, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária – uma introdução**. São Paulo: Beca Produções, 1999.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOMES, Vitor. Um diálogo com o humor a partir de Freud, Nietzsche e Bergson. In:LINS, Maria da Penha; CARMELINO, Ana Cristina (Orgs). **A Linguagem do humor: diferentes olhares teóricos**. Vitória, ES: UFES, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2009.

HALL, Stuart (ed.). **Representation – cultural representations and signifying practices**. London: The Open University, 1997.

HOLCOMB, Roy; HOLCOMB, Samuel; HOLCOMB, Thomas. **Deaf Culture – Our Way: Anecdotes from the Deaf Community**. 3ª Ed. San Diego, California: Dawn Sign Press. 1994.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. **Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

KARNOPP, L. B.; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. **Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira**. 2014. (Relatório de pesquisa).

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura Surda. Literatura, Letramento e Práticas Educacionais – Grupo de Estudos Surdos e Educação. **ETD – Educação Temática Digital**. Campinas, v.7, n.2, p. 98 – 109, jun. 2006.

_____. Produções culturais de surdos: análise da Literatura Surda. **Cadernos de Educação** (UFPel), v. Ano 19, p. 155-174, 2010.

_____. **Narrativas e diferenças em produções culturais de comunidades surdas**. Relatório da Pesquisa. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (PPGEDU/UFRGS), 2012.

LADD, Paddy. **Em busca da surdidade 1: Colonização dos Surdos**. Lisboa: Surd'Universo, 2013.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LANE, Harlan. **A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002.

MCCLEARY, Leland. O orgulho de ser surdo. In: **ENCONTRO PAULISTA ENTRE INTÉRPRETES E SURDOS**, 1, (17 de maio) 2003, São Paulo: FENEIS-SP.

MEGIAS, Nicolas Jr. *Deaf VS Hearing*. –**Sourds et Quiproquos**, - n°3, Wanimas – 3D, Suíça, 2011.

MICHAELIS: **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998-(Dicionários Michaelis). 2259p.

MORGADO, Marta. **Literatura das línguas gestuais**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

MORGADO, Marta. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia (Orgs.). **Cultura Surda na Contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. 1. ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura Surda**: a produção cultural de surdos em Língua de Sinais. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 2011.

MULLER, Janete Ines. **Marcadores culturais na literatura surda**: constituição de significados em produções editoriais surdas. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 2012.

PAALES, Liina. A Hearer's insight into Deaf Sign Language Folklore. **Folklore**, 27, 49-84. Estônia, 2004.

PADDEN, Carol, HUMPHRIES, Tom. **Deaf in America**: voices from a culture. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

PINHEIRO, Daiane. Produções surdas no YouTube: Consumindo a Cultura. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia (Orgs.). **Cultura Surda na Contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. 1. ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

POSSENTI, Sírio, **O Humor da Língua**: Análises Lingüísticas de Piadas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

RAMOS, Clélia Regina; GOLDFELD, Márcia. Vendo vozes: os passos dados na direção da realização de um programa de televisão para crianças surdas. **GELES**, Rio de Janeiro, n. 6, ano 5, 1992, pp.54-82.

RENARD, Marc; LAPALU, Yves. **Surdos, 100 Piadas!** Lisboa, Editora Surd'Universo, 2009.

ROSA, Fabiano Souto. **Literatura Surda**: criação e produção de imagens e textos. *Literatura, Letramento e Práticas Educacionais – Grupo de Estudos Surdos e Educação*. ETD – Educação Temática Digital. Campinas, v.7, n.2, pp. 58 - 64, jun. 2006.

RUTHERFORD, Susan D. **The Journal of American Folklore**, vol. 96, nº 381. Jul/set, 1983, pp. 310 – 322.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes** – uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SCHALLENBERGER, Augusto. **Ciberhumor nas comunidades surdas**. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação** – um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVEIRA, C. H.; ROSA, F. S.; KARNOPP, L. B. **Literatura Surda**. In: II Seminário Internacional Educação intercultural, gênero e movimentos sociais, 2003, Florianópolis. **Anais II Seminário Internacional Educação intercultural, gênero e movimentos sociais**. Florianópolis - SC: FAPEU, 2003. pp. 1-10.

SILVEIRA, C. H.; ROSA, F. S.; KARNOPP, L. B. **Cinderela Surda**. 1. ed. Canoas: Editora da Ulbra, 2003.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **LIBRAS 4**. Santa Maria - RS: Gráfica e Editora Pallotti, 2006 (Curso de Graduação a Distância de Educação Especial - UFSM).

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Contando histórias sobre surdos/as e surdez**. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

STRNADOVÁ, Vera. **Como é ser surdo?** Editora Babel, Rio de Janeiro, 1995.

STROBEL, Karin Lílian. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. Tese de doutorado (Educação). Santa Catarina: UFSC, 2006.

_____. **As imagens do Outro sobre a cultura surda** - 2ª edição revisada. 2. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2009.

SUTTON-SPENCE, Rachel; DONNA JO NAPOLI. Deaf jokes and sign language humor. **Humor** (Berlin, West), v. 25, p. 311-337, 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística. **DELTA** - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990.

WEBB, Jen. **Understanding representation**. London: Sage, 2009.

WILCOX, Sherman. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2005.

WRIGLEY, Owen. **The Politics of Deafness**. Gallaudet University Press. Washington, 1996.

SITES CONSULTADOS:

<http://www.YouTube.com/watch?v=L6Q0bgcK1GI>. Acesso em: março de 2013.

<https://www.YouTube.com/watch?v=zt-tv2BLSEU>. Acesso em: março de 2013.

https://www.YouTube.com/watch?v=_TG1Wru-x2Y. Acesso em: março de 2013.

<http://www.literaturasurda.com.br/musicvideo.php?vid=ef3a2319b>. Acesso em: março de 2013.

<http://www.literaturasurda.com.br/musicvideo.php?vid=ee22d132f>. Acesso em: março de 2013.

https://www.YouTube.com/watch?v=NH0D_TEqVFs. Acesso em: abril de 2013.

http://www.YouTube.com/watch?list=UUcSrK2pK7X7DURi_oavadrA&v=697SwM6U-9I&feature=fvwp&NR=1. Acesso em: abril de 2013.

http://www.YouTube.com/watch?list=UUcSrK2pK7X7DURi_oavadrA&v=697SwM6U-9I&feature=fvwp&NR=1. Acesso em: abril de 2013.

<http://www.bristol.ac.uk/education/research/sites/micssl/poem-repository/poems/>. Acesso em: abril de 2013.

<http://www.YouTube.com/watch?v=ffrq6cUoE5A>. Acesso em: abril de 2013.

<https://www.YouTube.com/watch?v=0XgT1SWFd4g>. Acesso em: abril de 2013.

<https://www.YouTube.com/watch?v=4Pu0N-oCqDg>. Acesso em: abril de 2013.

<http://www.literaturasurda.com.br/musicvideo.php?vid=ab3bc76ac>. Acesso em: abril de 2013.

http://www.YouTube.com/watch?v=_mfkLxtOrAQ&list=UU3OemRXA8dNIAfcOrTaLI7g&index=93. Acesso em: abril de 2013.

<http://www.YouTube.com/watch?v=l2p39qFpKBs>. Acesso em: maio de 2013.

<http://www.YouTube.com/watch?v=c6ZSMVdqKk4>. Acesso em: maio de 2013.

https://www.YouTube.com/watch?v=YMLhzoa55F0&list=UUUXIGdc0bzhsIPKtsI_2JQg&index=59. Acesso em: maio de 2013.

<https://www.YouTube.com/watch?v=irC5qBRTQes>. Acesso em: maio de 2013.

<http://www.YouTube.com/watch?v=-42KQ3p9rwwg>. Acesso em: maio de 2013.

http://www.YouTube.com/watch?feature=player_detailpage&v=o7-SRQmRRs8. Acesso em: maio de 2013.

<http://www.YouTube.com/watch?v=xeGtxbl7tF4&feature=plcp>. Acesso em: maio de 2013.

<http://www.YouTube.com/watch?v=6ZXqoaNmm2w>. Acesso em: maio de 2013.

<http://www.YouTube.com/watch?v=bGrHMDbqIs8&list=UUmX9rluhq9vUKqRqb8EchQg&index=3>. Acesso em: maio de 2013.

<https://www.YouTube.com/watch?v=7hp4HCkYP0g>. Acesso em: maio de 2013.

<https://www.YouTube.com/watch?v=5f6l6Q2l8p4>. Acesso em: maio de 2013.

OBRAS QUE FORAM CONSULTADAS PIADAS ANALISADAS:

Luciana Trevizanutto, ouvinte e intérprete de LIBRAS. Revista FENEIS, ano I, número 3, julho/setembro de 1999.

BIENVENU, MJ . **Reflections of American Deaf Culture in Deaf Humor.** In: BRAGG, Lois. *Deaf world : a historical reader and primary sourcebook.* New York : New York University Press, 2001.

HODSON, Len. **Cartoons and Comic Strips on Deaf Humour and non-Deaf humour.** 1999.

HOLCOMB, Roy; HOLCOMB, Samuel; HOLCOMB, Thomas. **Deaf Culture – Our Way: Anecdotes from the Deaf Community.** 3ª Ed. San Diego, California: Dawn Sign Press. 1994.

HOLCOMB, Thomas. Compartilhamento de informações: um valor cultural universal dos surdos. KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. **Cultura Surda na Contemporaneidade:** negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

RENARD, Marc; LAPALU, Yves. **Surdos, 100 Piadas!** Lisboa, Editora Surd'Universo, 2009.